

LEOPOLDO BETTIOL

A B C D E



U M B A N D A

COLEÇÃO STO. AGOSTINHO — 1956



CRUZ DE CARAVACA

O TALISMÃ POR EXCELENÇA

A milagrosa Cruz de Caravaca, assim denomina-se porque sua devoção foi mais intensa na cidade de Caravaca, na Espanha, onde, no século XIII, já era venerada... No Brasil, no antigo Território das Missões do Uruguai, Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se ainda hoje uma CRUZ DE CARAVACA construída em pedra pelos Índios Guaranis e Padres Jesuitas Espanhóis, ao tempo da conquista.

A CRUZ DE CARAVACA constitui o mais forte talismã contra todos os males que possam afligir o ser humano: doenças, inimigos, crises, desempregos, etc.... Quem a usar, devidamente preparada, estará sob a guarda do Grande Anjo da Guarda de Jerusalém e do seu próprio Anjo de Guarda, representados ambos pelos dois Anjos que formam o pedestal da Cruz de Caravaca.

Na preparação da Cruz de Caravaca, qualquer que seja o metal empregado, é necessária a liga adotada pelos grandes Santos alquimistas da Idade Média, segredo este que somente é revelado aos Iniciados de certo grau da ORDEM ESOTÉRICA DE CARAVACA.

Mediante a Data do seu nascimento, remeteremos, pelo Reembolso Postal, uma CRUZ DE CARAVACA, devidamente preparada e acompanhada de uma caixa «DEFUMADOR ZODIACO» e um vidro do Finíssimo «PERFUME ATRATIVO ORIENTAL»

Remeteremos juntamente um HORÓSCOPO inteiramente gratis

Pelo reembolso postal

Pedidos à LIVRARIA E FLORA OLÍMPIA LTDA.

Avenida João Pessoa, 115 — Caixa Postal, 1261

LEOPOLDO BETTIOL

A

B

C

DE UMBANDA

Coleção Santo Agostinho

Edições da Livraria e Flora Olimpia Ltda.

Caixa Postal, 1261 — P. Alegre — R. G. do Sul

1956



Homenagem ao Mestre (Santo Agostinho)

A minha mulher.

Companheira fiel de todas as horas, sem cujo concurso e estímulo, eu não teria levado a efeito o meu trabalho.

Este livro é teu. O melhor do teu espírito e do teu coração amante, anda esparsos por estas páginas. São tuas.

Corina . . . Que Deus te abençoe!

LEOPOLDO BETTIOL

20 de Janeiro de 1956

Í N D I C E

Homenagem ao Mestre (Santo Agostinho)	Pg. 3
Dedicatória	" 5
Explicando	" 9
Uma História	" 11
Um Programa	" 13
Prefácio	" 19
Introdução	" 21
História da Umbanda	" 25
Ritos na Umbanda	" 30
Indagação	" 35
Sciencia	" 41
Teogonia	" 47
Critica	" 53
Sociologia	" 57
Homenagem aos Exús	" 60-A
O Elogio de Exú como Orixá	" 61
O Tipo Astral do Exú	" 79
Homenagem a Jesus (Oxalá)	" 84-A
A Kabala e Mitos Hindus	" 87
Em torno da Historia da Umbanda	" 93
Oxossi 1ª palestra	" 103
Oxossi 2ª palestra	" 110
Irocô (São Francisco)	" 117
Cosme Damião	" 129
Homenagem a Iemanjá	" 136-A
Oxum	" 137
Xangó	" 143
Homenagem a Ogum	" 148-A
Apologia de Ogum	" 151
Homenagem ao Bugre	" 168 A
Alma de Bugre	" 169
Homenagem aos pretos velhos	" 174-A
A Alma de Negro	" 175
Homenagem a Pai João	" 180-A
Pretos Velhos	" 183

EXPLICANDO

Umbanda Perante a Critica, foi o material da primeira fase de minhas aulas, visando «a filosofia e teogonia», relacionadas com a Umbanda.

Ao termo de meio ano, a «União», resolveu fazer palestras em visitas de Tendas. Surgiu, então este A. B. C.

Não fôra possível, dar-lhe a mesma norma de um curso regular, que fôra feito em vinte e quatro palestras.

Infelizmente, o campo DEVOCIONAL, da Umbanda, foi invadido por caciques ignorantes e exploradores, comprometendo a causa, com fatos deprimentes e vergonhosos que a Imprensa e a Policia, notificam, com tanta frequencia.

Impõe-se uma distinção, uma separação de valores moraes. De um modo absoluto, é preciso — negar apoio aos arrivistas.

A União de Umbanda do Rio Grande do Sul, socorrendo-se do prestigio das autoridades, DEVE FECHAR os antros de velhacaria, disfarçados com o nome de Tendas de Umbanda, colaborando com a LEI em bem da religião e moral publica. Foquei, então a Umbanda, no seu aspecto «doutrinario», que enfeixei nas vinte e duas conferencias que constituem este livro, complementar do primeiro.

Mas, não foi bastante; meus ouvintes insistiram para que abordasse também — o ritualismo.

Foi uma terceira fase de trabalho nas Tendas, numa serie de doze conferencias comentadas e esquematizadas em quadros, com largo estudo sobre mediunidade, é — **Mediunidade e Ritos na Umbanda**, que seguirá logo ao livro presente, e fim da obra.

Foi, quanto pude dar à Umbanda... Não tinha mais. O que faltar, é o futuro; campo muito amplo, esperando trabalhadores conscientes, dos quaes espero, o mesmo amor pela causa.

Leopoldo Bettiol

UMA HISTORIA

Os negros do grupo BANTU, mesmo na Africa, sempre invocaram os mortos e na manifestação destes, independente de — iniciações, também recebiam ORIXAS. Por contingencia, aqui no Brasil, este grupo BANTU, conviveu ao lado do grupo YORUBANO, «fetichista» e contrario á comunicação dos mortos. Em 1860, já era o Espiritismo, bem propagado entre nós. Frequentando-lhe as sessões, verificou o negro bantú a confirmação das suas crenças: alguém, (o medium), recebe um espirito, SEM QUALQUER CERIMONIAL PREVIO, isto é, — sem aprontamento; principal exigência do yorubano-nagô. Assim o chamado «candomblê de caboclo», surgiu no mato, longe das vistas do batuqueiro. Entre os concurrentes, (mediuns), negros e mestiços de negro e bugre; gente praieira e gente do mar, manifestaram-se os «Cabôclos», junto aos «Pretos-Velhos». Em 1896, este movimento, «scismatico», reformista e revolucionario, tomou proporções de franca hostilidade, ao terreiro do batuqueiro. Por despeito, o batuqueiro denunciou o umbandista ao padre e á policia que, abrindo inquerito, recenseou 8.000 aderentes que, já em 1900, fundavam na Bahia as primeiras Tendas de Umbanda. Cada dia diminuia o prestigio do batuque. Então, o xangozeiro, vendo a dispersão dos seus crentes «aderiu» ao movimento renovador, que, tomou feição popular mix-

ta: Candomblê que recebe Cabôclo e Tenda de Cabôclo que trabalha com ORIXÃ... Diz-se, agora, que isto será uma TENDA-CRUZADA. O batuqueiro conforma-se de tratar com espiritos, coisa que sempre repeliu e o umbandista, — sem cabeça feita — (sem iniciação), faz questão de ser ou de parecer, umbandista e feiticeiro. Foi a lamentavel confusão, estabelecida por: paes de santo, caciques e escritores apressados, sem lastro mental compativel com o movimento.

Agora, delinea-se, **uma rigorosa separação** de correntes; simples retorno aos albôres da historia da Umbanda.

Querendo ou sem querer, marchamos para a sistematica, consolidação ou **CODIFICAÇÃO**, instituindo — um corpo de doutrinas que aproveitará grande parte do que está feito, expurgado de confusão. A Umbanda, não tem «sacrificadores» nem «cosinheiros», porque o cacique é um **MEDIUM**, enquanto que o pae de santo é um **MAGO-NEGRO**, um **FEITICEIRO**.

UM PROGRAMA

Ter-se-á dito muito de deprimente, sobre a Umbanda, e, deste muito, muito se justifica. O umbandista, não quer análise — quer fé cega e elogio. No meu percurso nas Tendas, em 17 mezes, ainda não vi nada de «transcendente». Vi passes e conversa de Preto-Velho. Fenômenos rudimentares de animismo e automatismo, até a mais profunda e lamentável «psicose», passando por — mediunismo, inconsciente!

Muito recalque morbido, «freudiano», falta de expansão, VÃO DESPEJAR na sessão de Umbanda, «essa mistura ridícula», de histerismo e mediunidade! O pretenso medium, vae gingando e sambando, com ares de profeta ou de pitoniza. Esta observação, NÃO É MINHA; tem sido feita na maioria das Tendas de todo o Brasil. Ainda, ha coisas, muito peiores e vergonhosas — que não quero referir. É o lado vulneravel, por falta de sistema, cultura e pudor. Tenho chegado a duvidar, se, toda gente que transpôs as portas de um templo de Umbanda — teria visto, em nosso sistema — uma coisa sagrada! É assim?

O que fica dito, não é uma sençura, é um convite á meditação. Nossa posição, obriga-nos, a uma definição de atitudes. Há, uma Umbanda christã, limpa, espiritualizada, honesta. Umbanda que respeita a belêza imponente do culto do negro e do bugre. Umbanda que tangencia com o Sistema Roza-Cruz, o Espiritismo, a Kabala, o Catolicismo. Umbanda — que não mata ani-

maes, não faz oferendas de sangue, não faz «troca de cabeças», não casa nem separa casaes; não faz «despacho» para arranjar nem desarranjar a vida de ninguem!... Uma —outra Umbanda —, réles, velhaca, impostôra, ludibriando a bôa-fé ingenua, do crente, nós repelimos; não aceitamos; **COMBATEMOS!... COMBATEREMOS!**

O batuqueiro nagô, que fizer tudo isto, **estará no seu papel**; o umbandista, **NÃO!** Umbandista e feiticeiro, é conflito de crenças; são diferentes, não se harmonizam! Tenda **CRUZADA**, é patifaria e exploração.

Magia branca e magia negra — são opostas. Já é tempo de entender isto. Justificar, uma conduta duvidosa, com o nome dos grandes **MESTRES**, explorar «grandes doutrinas», à sombra de uma literatura deleteria e mercantilista, — é infame!... Umbanda, **É' RELIGIÃO**; não é meio de vida para arrivistas, achacadores e fracassados mentaes! **E'** isto, o que tenho ensinado, emquanto servir. Não posso dizer outra coisa... Seria mentir. Não quero!

Doutrina, norma e sistema, não serão inferiores ás fontes da proveniencia. Como variante ,vem se falando agora, em — **aprontamento oriental**. Para breve, teremos outro, que póde ser patagonico, turco ou chinês; desde que haja um crente «bastente imbecil» que o admita. Irá, pelo senso de cada um!

Um **MEDIUM**, é medium; independentemente de qualquer tipo de aprontamento. A mediunidade — é organica.

O **MAGO**, quando o queira e possa ser, é quem deve submeter-se á ritos proprios ao fim visado.

Supor, que — todo medium, é um mago, é pura tolice! A Umbanda, «educa» mediuns. **Não tem pro-**

cessos para «iniciar MAGOS», no sentido amplo da significação da palavra. O mago é senhor e não escravo do RITUALISMO.

Os grandes mediuns historicos, que propagaram o Espiritismo no mundo, surpreendendo a «Sciencia da Alma», nenhum era mago. Nunca «aprontaram» a cabeça, não eram filhos, nem paes de SANTO.

Precisamente, a Umbanda no seu sistema, propaga de modo popular, os fatos da imortalidade, a comunicação do vivo e do morto, a lei da reencarnação, sem qualquer exigencia — iniciatica! Não precisa nem saber lêr... Aprontamento, é campo de exploração. Eleva o negro primario e degrada o branco civilisado.

Iniciação de branco, é YOGA; fóra do alcance mental do batuqueiro e do umbandista iletrado. Afirmo! Quando o umbandista sentir uma necessidade superior, independente da sua mediunidade, saberá que ha, «outra cousa», diferente e olhará acima da superficie dos fenomenos. E' o meio de ganhar em profundidade, quanto perdeu em extensão. Cumpre escolher.

Tomemos a Umbanda no que ela vale, por sí; uma esféra popular de CULTO EXTERIOR primario. CULTO INTERIOR, «iniciatico», não pratica mediunidade; não tem TENDA, não tem CACIQUES, não faz sessões publicas, não faz «aprontamento» de ninguem! E' quanto posso ensinar.

Não sou yogui, nem iniciado de nada; nem «pronto» em nada; nem sequer sou religioso de qualquer culto particular. Não sou contra o batuqueiro, de quem precisei muitas vezes e tive neles grandes amigos. A dôr da Vida, póde outra vez, nos levar lá amanhã e eu irei de cabeça erguida e «conscientemente» e com grande res-

peito. O que eu desejo, é **distinguir**, dois processos que são — diferentes, um do outro!

Ter na Tenda de Umbanda, uma cohorte de santos, uma Virgem-Maria e um Jesus, iluminado por entre flô-res e despachar charutos e cachaça para EXU e matar galos na encruzilhada —, **não é Umbanda!** Nós, temos amigos vivos e mórto, grandes Guias Espirituaes, Anjos da Guarda, Cabôclos e Pretos-Velhos e o ORIXÁ cos-mico, que vem nos amparar, com aprontamento — e sem aprontamento. **Nunca estamos, abandonados das forças divinas!...**

Isto, deve bastar. Deus, está com todos; não depende de batuque, nem de ritos, nem de formulas, nem de segredos iniciaticos...

— O Pae, não quer, que se perca, nenhum dos seus filhos! Disse Jesus! Então, fiquemos aqui. Não será bastante? Eu sei que é.

A Umbanda, em 50 anos, agremiou apóstolos. Com eles, surgiram «literatos mediocres, mercantilistas e cabotinos, sem cultura, «sem lastro mental», sem fé; de par, com caciques velhacos! Por Deus! E' uma pena e, é assim! Comtudo, o nosso Brasil, tem intellectuaes e pensadores, próbos, independentes que hão de julgar — uns e outros. Confiamos nisto e esperamos. Ha, uma CRITICA; cedo ou tarde, ela se pronunciará. Nada, oculto ou secreto. Não nos assusta a LEI, nem a POLICIA, nem o CODIGO, nem as RELEGIÕES.

Alma pura, conduta reta, consciencia tranquila, fé em Deus, trabalho limpo, doação aos outros, caridade,

luz, espiritualidade, concepção filosófica, lastro científico, cultura histórica, justificação ante os — fenômenos!...

Temer o que?... A língua ferina de detratores? Não! Não!

— Estamos, de pé... Olhamos o Céu! E, para amigos e falsos amigos, o nosso potente — SARAVÁ!...

Não estou enganando. Falo, em nome da União de Umbanda.

UMA ATITUDE

«Folha da Tarde» de 20 de Janeiro de 1956»

«Esclarecimentos da Umbanda sobre os acontecimentos na Vila São José

A propósito de uma notícia publicada em nossa edição de 12 do corrente, sob o título «Era de Cabrito o Sangue», recebemos do capitão Helio Castro, presidente da União de Umbanda do Estado do Rio Grande do Sul, a seguinte carta de esclarecimento sobre os acontecimentos da «Vila São José»:

«Sr. Diretor: Esta União pede vênias a V. S. para que seja esclarecido o seguinte: a Umbanda, que conta milhares de sociedades, sómente em nosso Estado e, note-se, tem em seus quadros pessoas da mais alta sociedade e cultura não pode ser confundida com o africanismo puro, onde perduram as culturas miscigenadas, fetichistas, que usam o sacrifício de animais como elemento de magia. O simples fato de ter havido «matan-

ça» já de per si caracteriza a prática do «batuque» e não da Umbanda, que não usa sangue em seu ritual. De vez em quando elementos desordeiros e transgressores da lei, viciados em bruxarias, usam tal nome, para justificar certos atos, completamente antagônicos dos postulados que defendemos. Por isso, vimos a público protestar contra o nome de Umbanda, usado por elementos imorais e que merecendo o nosso repúdio — dentro dos limites da caridade — devem ser entregues à autoridade policial. Não estamos atacando nenhuma religião. Queremos, entretanto, esclarecer que Umbanda não é magia negra, nem cachaçada. Os que a combatem não se dão ao trabalho sequer de a estudarem e de procurarem descobri-la nas verdadeiras fontes. Exploram e confundem música ritualística com carnaval e, nessa babel de confusão, usam um nome respeitável e sagrado como se fosse o de uma coisa insignificante. Vemos, em tudo isso, ignorância e, sobretudo, má fé. A Umbanda sãdia prega o são cristianismo e pouco a pouco vai se libertando, para se apresentar como uma fonte cristalina de moral e caridade».»

Isto, é o que pensa, por graça de Deus, a União de Umbanda do Rio Grande do Sul! Saravá, para todos!

«PREFACIO»

O A. B. C. de Umbanda em Palestras é um trabalho — complementar — de A Umbanda Perante a Critica. Elucido aqui, questões insuficientemente tratadas no meu primeiro livro.

Fugi quanto foi possivel — do RITUALISMO que considero «ponto nevralgico» na relegião de Umbanda.

Vi applicações de — ponto de fogo, trabalhos de «ponteiros» e riscar pontos de kabala, POR CACIQUES IGNORANTES, SEM IDEIA DO QUE POSSAM SER QUALQUER DESSAS TRES COUSAS. Tentei verificar o conceito das ENTIDADES, foi peor; sabiam ainda menos. Agora, os intellectuaes se aproximam da Umbanda; muitos sabem o que é: kabala, magia, teogonia, mitos e ritualismo... Ou a Umbanda — RESPONDE CONSCIENTEMENTE ou não sahirá da posição em que está. Para mim é doloroso dizer: quanto a pontos kabalisticos, ponteiros e ponto de fogo NÃO ENCONTREI — informação honesta —, nos livros de Umbanda que consultei. Por isto, insisto: rezar e soprar na roupa, não basta.

— Vamos pensar?!...

Em contraposição, fiz questão de conduzir umbandistas á centros de BATUQUE, em pleno trabalho de ritual, nos quaes — não ha fumo, nem cachaça, nem ponteiros, nem pontos-de-fogo, nem carêtas, nem pon-

tos riscados. Dos tres tipos de mediunidade: kardecista, umbandista e macumba, francamente a umbandista é inferior em todos os sentidos. Haverá qualquer coisa de mais ridiculo do que uma sessão de Cosme-Damião? Mulheres velhas chupando mamadeira, moças chupando bico e homens engatinhando? Não compreenderá o umbandista que está sendo — prêza — de espiritos zombeteiros e inferiores? Não dar-se-á conta de um ridiculo tão constrangedor e doloroso. De triste e baixo nivel mental?

Aguardamos, todos, uma nórma, um ritual, um compendio auctorisado, que nos ponha ao abrigo de uma critica, por vêzes, justa e louvavel. E' uma pena! A Umbanda como culto EXTERIOR, propaga «mais rapidamente», o mediunismo e a lei de REINCARNAÇÃO e os fenomenos do MENTALISMO, á luz dos factos. Bem merecia — outra orientação.

— Porque não a fará com elegancia e limpeza? Porque os seus caciques — empenachados — se dão ares de feiticeiros? Concorrendo com o BATUQUE?

O crente ingenuo, não vê isto; mas, o vê, suficientemente o intelectual, com capacidade de observar.

Salvante excepções muito dignas, está faltando na Umbanda — cultura, limpeza e pudor!...

Lamento não poder dizer de outra forma. Elogiar descalabros e absurdos — seria mentir!...

«INTRODUÇÃO»

Umbandistas de Cruz Alta - Radio Z.Y.F.-9 em 9-6-1955

Aqui, comvosco, durante alguns dias para trocar impressões e para uma serie de palestras. Grato pelo acolhimento.

Ha 59 anos, o umbandista nos arrabaldes de São Salvador da Bahia, rezava no mato, escondido, temeroso da ação sectaria da Igreja e dos olhos argutos da Policia. Nossos crentes, eram pessoas vulgares, do cáes, da domesticidade, das oficinas, do quartel e do mercado; o menos qualificado das camadas proletarias. Era muito facil ao — delegado, de bigode arripiado, por encomenda do vigario: dar uma corrida nessa canalha! Quantas vezes por Deus!... O umbandista começou o seu culto em baixo de uma figueira e terminou á noite. dormindo num xadrez. Mas, o tempo passou. Hoje, na Avenida Getulio Vargas, na capital da Republica, uma **TENDA DE UMBANDA**, a «Ecletica-Espiritualista-Universal», agrega, um concurso de cinco a seis mil pessoas, em cada sessão. A Policia ainda interfere, mas, é para regular o trafego, em frente a casa do umbandista! São diferenças! As festas de Ogum e de Iemanjá, no Rio de Janeiro, agregam 500.000 pessôas, multidões ainda não vistas nas festas dos demais cultos. Temos vasta literatura, templos e imprensa. Em nossas sessões vão — parlamentares, estrelas, galões, autoridades, políticos, artistas e universitarios... Não é informe: Eu digo porque fui junto.

Já não é — a negrada do mercado; não é a bahiana de taboleiro, é a senhora de salão e isto se faz de norte a sul, nas 10.000 TENDAS DE UMBANDA, espalhadas no Brasil. A Policia tem — um registro; a TENDA, um amparo na Constituição. A Igreja, «não é mais», uma preocupação para o umbandista. A Igreja, tem seus proprios problemas, universaes, diplomaticos, nacionaes e internacionaes; problemas de profundidade, dos quaes depende sua propria existencia e continuidade. Quando a gente lê livros, ouve radio ou lê jornaes, sabe bem, como vão no mundo os assuntos da Igreja e sabe, que grande número dos seus titulares, em doze paizes do mundo — estão dormindo na cadeia; que é tão boa para o umbandista, quanto para o padre (16 de junho na Argentina), — é uma lei! Não é?

O padre não é o dono dos santos, que são luminares do espirito humano! Nas nossas TENDAS, tambem rendemos culto aos santos da Igreja. Mandamos nossos fieis, á Igreja, ensinamos a respeitar; convidamos a fraternizar com todos, acolhemos o catolico, com respeito e amor. Alguns poucos padres, colonos, frades de aldeia, deslocados do surto do progresso humano, faltos de imaginação, fazem da tribuna sagrada, UM PASQUIM RELAXADO, para atacar a crença e a reputação do proximo. Em 1.500, seria muito interessante; agora, não! Agora, é ridiculo, triste...

Já ninguem tem medo de agua benta, nem de escunhão. Lemos estatisticas da Sociedade das Nações, vemos algarismos, sabemos como se reparte a população do globo e o quadro universal das relegiões; temos uma noção de cultura. O espirito humano — é alado e livre! Perlustra a Arte, a Sociologia, a Sciencia, a

Filosofia, a Historia, tanto quanto a Relegião. Ha, o pulpito, mas ha tambem a imprensa e o radio e a televisão. Um homem, rasteja; outro homem, vòa... Um, vae á missa, outro, vae ao laboratorio. Ha, um Templo, um Museu, uma Escola, uma Oficina, um Quartel! Porque não estará Deus em todos eles? O sacrificio de Jesus, foi de odio, ou de amor?!...

Ele, disse uma vez: o Pae, não quer que se perca nenhum dos seus filhos! Morreu, perdoando; orou pelos inimigos; expirou, prometendo o Céu, á um ladrão! Aquele, — amai-vos, uns aos outros, dos labios do Nazareno, não tinha partidos, nem classes, nem rotulos, nem seitas. Era a ordem divina, santificando o homem... Ordem que não distinguiu, entre o fariseu e o samaritano... Não vamos então, fazer, distinções mesquinhas, onde O HOMEM DAS ANGUSTIAS, não distinguiu! Jesus, morreu — abençoando o mundo e nunca escomungou ninguém! Levantou as mãos, para curar, nunca para ferir!

O Evangelho, está difundido. E' lido, explicado, comentado, no mundo inteiro. O temperamento, o meio, a cultura, a educação, a raça, o fator geografico, tornou os homens diferentes, uns dos outros. Ainda ha, homens cavernarios, selvagens, barbaros, civilisados... Com eles, em todas as latitudes, ha sabios, idealistas e misticos; mas, nunca houve, não haverá jamais — uma só relegião. Um só rebanho e um só pastor, é uma concepção tribal; local, nacional, universalisada, dentro de selecção de pendores de valores sociaes. Uma historia que arquiva documentos de 12.000 anos, já comprovou o fato; fato humano, acima, fóra e á margem de qualquer contestação. A unidade religiosa, se vê, na

tribu, com o pagé e o — schaman —; não a teve sequer o proprio povo judeu, que sé dá por dono e pioneiro da REVELAÇÃO! Se a Igreja tem, e eu creio que tem — uma inspiração divina, deve saber disto, tão bem como eu. E' só porque a Igreja sabe disto, é que se conformou, que se adaptou, ao surto da cultura e do tempo; contemporisando com o pensamento humano. Não esqueçamos que a Igreja tem sua propria historia. Suponho, no sacerdote, inteligencia e «bom senso», para saber fugir ao debate destas cogitações.

Sou, um responsavel; falo, em meu proprio nome. O umbandista — não é revolucionario; não é anticlerical. Respeita tudo, respeita todos. No seu santuario, ajoelha e óra, «diante de uma imagem», á qual, oferece o tributo do melhor que tem no coração — o seu devotamento, a sua fé!...

Não é o momento, para abrir uma lucta religiosa. Temos, outros problemas: politicos, sociaes, economicos, patrios, humanitarios. Queremos amparar a mulher, o orfão, o ladrão o desajustado, o doente, o proletario, o miseravel. Abrimos, braços amigos para a dôr do nosso proximo! Não batemos com a porta, na cara de ninguém! Todos são bemvindos — em nome de Deus! Se somos criminosos, levae-nos a um Tribunal. Nós respeitamos a ordem e á Lei! Temos confiança, no mesmo Deus! Acatamos, os mesmos mandamentos!... A ti, irmão que nos ouvistes, recebe, o nosso abraço fraterno... És uma consciencia! Um crente, como nós! Se és — um sêr sem pecados... Então...

— Atira, a primeira pedra!... Que ela, venha ferir a nossa frente... E, que Deus te abençõe. Saravá!

HISTORIA DA UMBANDA

Amigos.

Convosco, neste instante, dando cumprimento de uma promessa feita de que trataria do A. B. C. da Umbanda, em sete breves palestras: HISTORIA, RITOS, INDAGAÇÃO, SCIENCIA, TEOGONIA, CRITICA e SOCIOLOGIA.

De um modo geral, versei 40 livros sobre este assunto e encontrei falhas que, tenta-se agora suprir e será objeto de cogitações do nosso proximo — CONGRESSO —, a realizar-se no Rio de Janeiro no mez de setembro proximo. Esperamos.

— O que é a Umbanda, de onde veio, quaes os seus fundamentos, são perguntas de todos os dias: um candomblê, um batuque de negros ignorantes, uma pratica degenerada de «baixo espiritismo», um fenomeno de histeria coletiva, fé cega, morbidez mental, caso de hospital e de policia. E' o que se ouve dizer pelos criticos vulgares...

— Como responder? Procurando, a historia do movimento. Alguns escritores informam que a Umbanda tal qual a conhecemos, provem de uma tribu africana que ao aportar ao Brasil, já trazia o ritual sincretizado com os santos do catolicismo, oferendas, pontos riscados, cantos, invocações e formulas. Não trouxe o Cabôclo que o negro não conhecia.

Alguns escritores vão mais longe: a Umbanda vem

dos judeus, quem sabe, de antigos egypcios e caldeus. E' uma versão.

Haverá textos em lingua «pali», desde a Babylonia, falando deste Culto; fato que tambem — não foi documentado.

Ainda — a Umbanda é lei divina, a relegião primaria de todos os cultos do mundo, ponto de partida de todos os REVELADORES. Será o fato universal — do ANIMISMO?

Sim e não. O crente comum, o aderente, diferem nos seus conceitos, do historiador independente. Cumpre investigar.

Neste caso, vistas voltadas para os fatos do Brasil-Colônia, a Umbanda — é um caldeamento, uma soma de valores, uma resultante, um sincretismo primario, fruto do convívio do portuguez iletrado, do negro e do bugre; um fato místico processado na senzala, ao abrigo do chicote do feitor: dolorimento, necessidade e medo.

Todos, de diverso modo acreditavam em Deus e na possível comunicação dos espiritos dos mórtos. E' fato bem á vista.

O bugre, tinha o pesadelo, o Ahangá, o Curupira.

O negro, tinha o ORIXÁ; um Déva, que não é um morto.

O branco, os santos da sua Igreja, o catolicismo.

Rezaram juntos: Jesus, Tupan, Oxalá. Deus ouviu os tres!

Isto é historia. Historia que continuou. Em 1860 o Brasil, conheceu o ESPIRITISMO. Em 1900 propagou-se o MENTALISMO, com ele, o SISTEMA ROZACRUZ, a KABALA, a MAGIA. Ouvindo, lendo, conversando, convivendo, rezando, sofrendo, houve troca de

impressões, observação de fenomenos, discussão, concorrência de fatores, diversos pela lingua e pela crença.

Em 1896, surgiu na Bahia — a CÂBULA. Culto secreto, realizado no mato por aderentes catolicos, espiritas e quimbandeiros. Era um «scisma» uma reforma, uma revolução. O chefe do grupo chamava-se embanda. O guia espiritual era um TATÁ. O trabalho era engira. O templo, uma figueira no mato, era camucité. Não usaram tambores, batiam palmas. Queimavam incenso. Mastigavam brazas. Bebiã vinho ao qual chamavam emba. Tomavam chá de uma raiz chamada santé. Adoravam imagens catolicas. Usavam velas que tinham o nome de estereiro. Vestiam de branco e andavam descalço. Cantavam «pontos», o nimbú. Não havia ponto riscado. O espirito em manifestação (incorporação), era sempre a alma de um morto, «um cabôclo», não era o ORIXÁ angelico, do negro. O ceremonial e o rito, era considerado como iniciação. O candidato era um catálo. O já iniciado era um camaná. O profano um caialô. Apareceram nomes retumbantes: Tatá-rompe-ponte, Tatá-guerreiro, Tatá-rompe-serra, Tatá-flôr de carunga (o chefe do mar). O candomblé de negros era francamente condenado e por isto, foram eles que denunciaram — os nóvos crentes — , à Igreja e á Policia que abrindo inquerito, recenceou 8.000 aderentes, em varios arrabaldes da Bahia. Concluo que a Umbanda entre nós é um fato mistico progressivo, da senzala ao salão, do negro de feira ao titular universitario, do crente comum ao pensador. A Umbanda já tranpôz a camada da ralé social. Este movimento religioso, como conjunto — negro-amedindio-espirita-catolico, é bem nosso, é rigorosamente brasileiro.

Tem-se falado em Umbanda universal, á margem de documentos, em afirmativas gratuitas, forçando o SCHAMANISMO, a enquadar-se na Umbanda, pelo fato universal da mediunidade que, seria o unico ponto de contato, porque o Schamanismo, em cada povo, é diverso; não compara, não junta, não sincretiza, não imita e não suporta aproximações de outros cultos.

A propria riqueza do panteon africano, fez-se no Brasil pela conjuntura de convivencia e aproximação de muitas tribus de todo o Continente aqui reunidas. Só aqui entre nós.

Ao penetrarmos em qualquer TENDA, se nos depara um altar, com um ou muitos — santos da Igreja — entronizados, cercados de velas e de flôres; ha toalhas rendadas e outros ornamentos, dando a impressão de um templo catolico. Não? Pelas paredes ha quadros onde estão representados — os pontos riscados. Em algumas, vemos flexas, arcos, massas, lanças, punhaes, «maracás», «ages», espadas. Já agora, a impressão é do «pégi», do BATUQUE.

As vêzes, nas paredes ou no tétó, ha figuras como o sol, lua, estrelas, pentagonos e o simbolo kosmico (signo de Salomão), lembrando a KABALA. Se assistirmos uma sessão, veremos que ha cantos, que são invocações, preces, chamada de — entidades que tomam posse dos mediums.

São espiritos de mortos: Preto-Velhos e Cabôclos (nossos bugres). Porventura, baixará «alguem» — que não é, espirito de morto; será um Déva, um Heledá, um Santo, seja aquele ENTE, não humano, ao qual o negro chama ORIXÁ; um pae de cabeça. Nestas sessões, póde haver — officios —, onde serão evocados, falanges de ele-

mentaes, do ar, da terra, do fogo, do mar. Será ROZA-CRUZ.

Geralmente, as pessoas mediunizadas, aplicam «passes», dão conselhos ao consultante e até informações muito intimas. Taes informações, por seu character intimo, até secréto, é que fazem a convicção do leigo que procura a Umbanda. E' o que se vê.

O que acabo de citar, seriam os elementos para a historia da Umbanda que, incorpóra ao seu lastro: o catholicismo, o batuque (quimbanda), o espiritismo, a kabala, o rozacrucianismo e a magia cerimonial de todos os cultos. Foi quanto eu vi na Umbanda.

«RITOS NA UMBANDA»

Amigos.

Não seria interessante tomar o vosso tempo, em aspectos de ritualismo de Umbanda, que encontrareis em qualquer TENDA, por toda parte e nos muitos livros já publicados, prefiro abordar o menos conhecido. Demais, não sou ritualista. O schaman, o feiticeiro-pagé, de povos primarios, ao officiar, usa fetiches, talismãs, vestuario, simbolos, mascaras que se vêm em qualquer museu nas seções de etnografia. E' assim. Invoca seus deuzes tribaes, locaes, proprios, sem relação com outros. Pede oferendas e pagamentos: frutas, aves, dinheiro, animaes, péles, ornamentos, comidas e bedidas; PEDE PARA SI, NÃO PARA QUALQUER SANTO.

Em geral, o culto reporta-se a deuzes e homens que não estão representados por — santos —. Não ha relação com a Mitologia. Não ha relação com os cultos africanos; não ha, enfim, sincretismo. Por toda parte o culto é independente e bastante por si.

O nosso bugre, o cabôclo de nossos terreiros, em vida, não praticou nada semelhante ao batuque do negro. Nunca fez sacrificios de aves ou animaes, nem oferendas, nem despachos; nunca riscou pontos. O proprio negro que risca pontos, só o fez, pelo contato com o judeu, com o christão e com o mussulmano, quando viveu proximo da civilisação. Em plena selva, nunca usou, nem sabia o que era a — pemba.

O ponto riscado ao qual se atribue efeito magico, é um signo kabalistico, ensinado e usado por ENTIDADES que se manifestam nas Tendias, que terão sofrido influencia kabalista.

O feiticeiro argelino (mussulmano) o derviche arabe, o fakir indiano, o lama-menor, do Thibet, o kurumba, o wudhú, o australiano, soem usar signos e pontos riscados nas invocações, afirmando que o desenho tem força de atração, vibração magnetica.

A Pré-Historia refere, que os desenhos e inscrições de lapides e cavernas, serviam a fixar a mente do Caçador e que taes lavoies, não eram diversão e sim ceremonial magico. Entretanto, isto não justifica, que emprestemos ao nosso bugre, intenções ou conhecimentos que ele não tinha.

Uma pessoa dotada de clarividencia, vêz por outra, veria nesse bugre que se manifesta, «toda outra cousa», bem diferente.

No catolicismo, no judaismo de Moysés, no mahometismo, os ritos, são sempre iguaes em todo mundo. A quimbanda, no aspecto actual, guarda tambem uma notavel uniformidade. Uma sessão espirita, de meza, é tambem igual por toda parte.

Na Umbanda — não é assim. O ceremonial, póde variar muito, em grande escala. Vemos que o cacique, chefe de Tenda, modifica e altera o ritualismo. Ele o faz por si mesmo, segundo as circunstancias de ocasião. Entretanto, uma ENTIDADE do mundo espiritual, oficiando no templo, não se subordina á um rito fixo. Vendo mais longe do que o homem vivo, actuando no plano fisico, astral e mental, se tiver que harmonisar — vibrações — péde ou impõe, normas e formulas, que modifi-

cam o processo ritualístico, para atingir um determinado fim. Quem sabe, não temos agora, nem teremos no futuro, essa uniformidade dos demais cultos. Digamos então, que este aspecto, magico-devocional — é variável. O acontecimento, assim exposto, veio alterar os quadros de assimilação e comparação. Vem disto, que a pressa, a falta de observação acurada, a incompetência dos escritores mal informados, dão ao público, «LINHAS de Entidades», símbolos, côres, guias, oferendas votivas, pedras nativas, joias, vestuário, comidas, palavras de saudação, bebidas e normas em surpreendente conflito uma com as outras. E' o pasto da CRITICA. Os velhos magos, falam de lei de semelhança, lei de harmonia, lei de assignaturas, lei de correspondencia. De fato, isto existe. Afóra o rito que varia, é possível traçar um quadro de CORRESPONDENCIA, lógico, claro, certo, uniforme.

— A quem poderia interessar uma tal precisão dos valores? Aos chefes de Tenda; aos estudiosos, ao elenco de intellectuaes. O publico pede — passes —, orações; não cogita de tais perlustrações. Pouco faz, um amigo, pediu-me que tratasse do mito de OXOSSI.

Tentei fazer e encontrei, treze (13) referencias contraditorias. Este aspecto confuso desconcertante, contraditorio, é que não pode nem deve continuar. Isto não é rito, é sistematica, é classificação, é relegião comparada, equivalencia de mitos. Cumpria ao escritor — consciente — não tratar o assunto.

Procurei em 44 livros, achei esta beleza de informação: Oxossi é... São Sebastião, Mercurio, Oxum-Moré, Iris, Urano, Jupiter, Xangô, Ibeije, São Bartolomeu,

Odé, Aimoré, Aguê, Kibuco, Anjo Zadiel, São Rafael, São Gabriel!... Safa!

Fiquei consternado. Porque não será também Gengis-Kam, Mahomet, Confucio ou Cesar?... Numa lista tão grande!...

Um outro, destes POETAS, diz que, Cosme-Damião é Mercurio e Vulcano; que Oxalá é Jupiter; que Xangô é Saturno! Eu pergunto:

— Será isto a Umbanda? Será que qualquer adventicio, menos avisado, se transforma em mestre e escritor de Umbanda? Aguardemos o nosso futuro Congresso; desse conclave de luminares, ha de sahir, pelo menos, a orientação para um compendio autorizado.

Ha dez mezes, nas minhas aulas, tenho sempre dado fontes de informação e mesmo publicado, no jornal SARAVÁ. Toda Tenda deve ter o seu conselho de orientação e uma biblioteca; trocar impressões, estudar as obras fundamentais que justificam os elementos de onde provem a Umbanda. E' dispensavel qualquer alteração, mas, é necessario pesquisar e conhecer as origens dos mitos, a razão dos fenomenos.

Saber, face a face, com o medium — que o homem vivo, também se comunica. Que, animismo, será ocorrência em que actua, o espirito do proprio medium; não para mistificar, mas, por imitação inconsciente e por sugestão. Comunica-se o morto, Preto-Velho ou Cabôclo e também, pôde comunicar-se, alguém que não é o medium, nenhum espirito de homem; pôde ser, um — elemental, um Déva, um ORIXÁ. São diferenças.

Nem o leigo assistente, nem a cacique mal educado, saberão distinguir taes manifestações. Por sorte e por graça de Deus, sempre haverá junto um — guia espiri-

tual — ajudando e dirigindo os trabalhos que, por vêzes, resultariam em perigo, em vez do bem que se quer propiciar. Os manifestantes, são forças do ESPAÇO; umas conscientes, outras cegas... Convem meditar. A fé, o coração puro, a bôa conduta, o respeito, são grandes defezas que nem sempre bastam. Haja vista, casos de possessão, obcedação, nevroses, manias, que a medicina não resolve e muitas vezes, a Tenda de Umbanda é amparo, socorro, recurso e salvação, ou a causa destes fenomenos.

«INDAGAÇÃO»

Amigos.

Se me tem perguntado — a Umbanda tem uma filosofia?

— Não! Não tem filosofia propria, nem sciencia, nem rito. Tudo lhe advem das fontes em que assentam os seus fenomenos animicos, magicos, ou espirituaes. Concorrem aqui muitos factores. Não lhe seria bastante, a filosofia de São Thomaz. O católico repele a comunicação, a reencarnação, o ORIXÁ, a MAGIA.

A filosofia espirita, néga — um mundo intermedio — entre o homem e Deus. Esse mundo é precisamente, o campo do elemental, do Déva, do ORIXÁ e não sómente espiritos de mórtos.

A Kabala, simbolista, «mago-ritualista», não aceita a reencarnação que o hebreu nunca admitio. Haverá divergencias entre pretensos mestres.

A filosofia natural de Haekel, materialista, não se lhe applica. Nos fala de alma-organica sem finalidade espiritual.

A filosofia positiva, comteano-confuciana, ligar-se-ia pelo culto aos — antepassados — sómente nos limites do sector historico.

Não podendo exigir, que umbandista seja um familiar de Diderot, Hume, Condorcet, Bacon, Descartes, Leibnitz, Aristoteles, Newton, Galileu, Bichat, Gall, Cabanis, que tanto procurei em todos os livros de Umbanda, que

li sirvo-me afirmar que o umbandista não cogitou ou o fez perfuntoriamente, o aspecto — filosofia. Os escritores cuidaram — de ritualismo.

Alguns apressados, fazendo «praça de conhecimentos», falaram de iniciação, de teosofia, de yoga-oriental. Foi leviandade. Isto, serviria, para explicar o aspecto mais transcendente e mais metafísico, do culto de Umbanda, por quem fosse capaz de fazel-o.

Ha uma separação absoluta, entre um e outro sistema. E' o fato.

Mediunidade ,rito, santinho, guias, pontos, rézas, charuto, passes, — não vae com o yogui — Yoga é construção do EU interior. A Yoga é a realização do EU, sem rito, sem formulas quaesquer. O negro e o bugre, não crearam uma filosofia; tipos de cultura primaria, rudes, não tinham capacidade de abstração.

Assim, o sistema que — por completo — abrange a Umbanda, em todos os seus sectores, é o SISTEMA-ROSA-CRUZ.

Foi o que não ficou muito á vista para os escritores umbandistas. Qualquer outro sistema, tem a um tempo: contacto e conflicto.

O estudioso que sentir necessidade de largos vãos mentaes, póde confiantemente ler a filosofia rozacruciana, completa por si. Quando familiarizado, poderá depois, abordar qualquer kosmogonia. Se transitar, de verdade, no caminho roza-cruz, então, estará apto a saber, o que é — INICIAÇÃO, TEOSOFIA E YOGA-ORIENTAL. O estudioso póde fazer este percurso. Se não o fez e dá palpites ou é ignorancia, ou velhacaria; sempre condenavel. Coloca o crente — em falsa via —, cria responsabilidade e karma.

A filosofia na Umbanda seria sempre — só filosofia, quando chegarmos a compreender o que isto vale, sem preconceitos de escolas. Absoluto, Causa, Espaço, Tempo, Energia, Substancia, Vida, Fórma, Involução, Transito, Evolução, Kosmos, Monada, Atomo, Célula, Orgão, Organismo, Individuo, Consciencia = HOMEM, marchando para Deus! Levaremos em conta, causa, sêr, ação, movimento, estado.

Força e materia, substancia e qualidade, o proprio e o accidental, causa e efeito, homogeneo e heterogeneo, objetivo e subjectivo, unidade e diferenciação, imanencia e transcendencia, fenomenos e leis. Requer meditação.

Por fim parece, que o umbandista, não ganharia muito com taes perlustrações. Para a fé, basta a fé. Depende de pendor interno. Passando ahi, pensaria nos caracteres biologicos, na correlação das formas, na limitação do molde do ser vivo, (mediador plastico), na variação, no atavismo, no retorno. Terreno biologico.

Interessaria saber, que ha algas de 1500 metros, oliveiras de 2.000 anos, tartarugas de 700 anos e elefantes de 400?

Interessaria saber, que a primeira manifestação do SÊR, é a Monada, que se faz atomo, que o atomo se faz celula e que nesta, concorrem 14 elementos quimicos já analisados e que provavelmente, lá estarão 34 elementos da matéria viva?!...

Importaria saber, que a BIOLOGIA de 1848, negava o ESPIRITO e que a biologia de 1950, começa na ameba e termina no — ectoplasma, ensinando que o homem não é, só o seu corpo fisico? E' o materialista de hontem, quem ensina hoje — que o homem tem uma

alma; que não morre! Não se trata de crença religiosa é observação de sabios, operando no hospital e no laboratório.

Ha um ponto de partida? Uma CAUSA, no KOSMOS? Deve haver. Será a nebulosa, o astro, o cahau? O atomo, a molecula, o corpusculo? Qual deles? O eléctron, o prótron, o nêutron, o pósitron, o fóton?... Quem responderá com precisão?...

Onde começar, a quantidade, a unidade e o numero? Onde? No ano-luz, da Astronomia, no kilometro, no metro, no milimetro, no micra? São questões! Uma incognita.

Um homem, ajoelha e reza; outro homem curva a frente e pensa. São diferenças. O cientista, o artista, o místico e o filosofo, devem pesquisar juntos. O CONHECIMENTO, é grande demais para um só homem! Se eu pudesse falar de filosofia, começaria pelo fetichismo dos negros, com — o Pagelato e o culto dos mortos. Depois, com Orpheu, a Arte na Grecia. O Partenon! Depois, a Indagação, na India, com Vyasa, repetindo em Pythagoras e Platão. Quem sabe, as meditações de Buddha!

Não chega? Então procuro a AÇÃO, com Manu e Mahomet, no Thibet, em Roma, na Galia. Os Druidas! Mais longe: o CERIMONIAL, no Egypto com Hermés... A DEVOÇÃO, na Palestina, com Moysés, no Pentateuco. O MISTICISMO, com Jesus, em todo o Ocidente... Luz!...

— E' isto a filosofia? Quem ha de separar, a filosofia da relegião e a relegião, da arte e da sciencia? Eu não sei! Não será um despudor, uma falta de senso critico, atirar-nos na cara, que somos um bando de

negros, praticando uma fagia grosseira e o — baixo epiritismo? Não é?!... Alguem dirá — não vi nada disto na Umbanda. Bem. Aceito. Importa saber se procurou! Pois, tendo a Umbanda, pontos de contacto COM TODAS AS GRANDES CORRENTES ESPIRITUAES, tudo isto, que eu refiro, estará por lá... Está.

Nunca falei no escuro. Sempre citei fontes de informação, que estão á vista, por toda parte. Não é por culpa minha se o individuo, vae á Tenda, só para tomar passes e rezar. Eu convido a pensar. Mesmo nestes poucos livros publicados, ha um rico material para meditação. A cegueira, vem da inveja e do ciume, da critica malsã e interessada, em diminuir a grandeza da Umbanda aos olhos dos investigadores. Não posso dizer mais. Perdão!

«SCIENCIA»

Amigos.

Eu não sou umbandista. E' simples. Tambem não sou outra cousa. Ha 54 anos, ando — em busca da Verdade. D'ahi, o ser alvo de perguntas impertinentes. Quando eu sei — não recuzo responder.

— Ao que é que os senhores na Umbanda, chamam sciencia?

Por Deus! Não é tão embaraçante a resposta. Ha tantos fatos. A mediunidade por exemplo, ponto comum de tantas crenças. Temos a mediunidade, como uma faculdade organica, dependendo do equilibrio do sistema nervoso e da conformação do cerebro. Não é medium quem quer. O medium nasce dotado da faculdade. Admitimos a mediunidade, como admitimos o sonambulismo, a hypnose, a telepatia, a psicometria, a radiestesia, a radiação cerebral. Tudo no campo rigoroso da sciencia.

Estudamos a mediunidade, na manifestação, através dos fenomenos observados, passados no crivo da critica honesta. Ninguem levou mais longe este estudo, do que o Snr. Allan-Kardec, no Livro dos Mediuns. Talvez não seja o bastante. Transitamos então na Psicologia Experimental, na Neuro-Psiquiatria, na Psicanalise. Aqui, não entra a fé!

Acreditamos que o espirito do homem morto se comunica! Mas, sabemos que o espirito do vivo, tambem

o faz. Também sabemos, que muitos fatos são — puro animismo. Não é um espirito estranho ao medium, não é um vivo, não é um morto. O proprio medium é causa e efeito; é o agente unico da questão. Para que precisaria o telepata, de um morto?

No homem são, constatamos a inspiração, intuição, cultura, imaginação creadora, descortino, razão, previsão, controle, analyse, decôro, calma, confiança, argucia natural, apreensão imediata. Imaginemol-o recitando um poema, cantando, pintando um quadro.

No homem doente, observamos capricho, paixões, odio, tara, vicios, desajuste, trauma, nevrose, histerismo, epilepsia, negativismo, melancolia, mania, ciume, depressão mental; por ahi, os mentirosos, sensuaes, falsarios e velhacos.

— Para que meteriamos por ahi — um espirito, quando este homem esbraveja, pensa, fala, gesticula ou escreve? Não será ele a causa e o efeito, o agente por si mesmo responsavel?

Uma decepção, um desgosto, uma intoxicação, uma diatese, uma paulada na cabeça, crearão no cerebro deste homem, uma lesão, um desequilibro somatico, fisiopatologico de outra ordem, de certo.

— Para que meter no quadro morbido — um espirito? Mas... Não serão diferentes, os fatos em que actuaram os mediuns: Euzapia Paladino, Home, Englington, Esperance e Florence Cooke que trabalharam sob as vistas de sábios dos mais catalogados da Europa? Ha bibliotecas a este respeito. Paul Gibier, Richet, William-Crookes, Lombroso, Bozzano, De Rochas, Durville, Ochorowickz e outros? E' sabido. Musica sem contacto, impressões em parafina, levitação de objetos, fo-

tografias de duplos, transportes, materializações...

— Como enquadrar tudo isto — na Neuro-Psiquiatria? Direis: isto é do ESPIRITISMO. Sabemos. E' humano, mundial.

Dizemos, o homem pelo temperamento, nervoso, linfatico, sanguineo, ou bilioso está subordinado ao signo zodiacal. Pelos pendôres, artista, sabio, guerreiro, devocional, influenciado pelo planeta regente ou seja o seu RAI0 de Emação. Bem.

Direis: isto é ASTROLOGIA. Sabemos. Vem do caldeu.

Nas manifestações mediunicas, baixará um ORIXÁ de negro, é o BATUQUE. Se baixar uma larva, um elemental, conhecemol-o pelo SISTEMA-ROZA-CRUZ, quem os revelou. A entidade manifestante risca um ponto branco ou colorido, é KABALA e vem dos hebreus, parte secreta da Biblia. Ao fim, que tem isto de singular? Não é Umbanda um conjunto de — correntes espirituales? Não pretende ter inventado nada!

A Sciencia, foi em tempos negros, um privilegio de classes; agora, é um patrimonio humano — livre e fóra dos grupos. Não ha sistemas originaes em nenhum sector do pensamento humano; todos devemos muito ou alguma cousa, uns aos outros.

A colaboração começou na caverna, com o primeiro homem que lascou uma pedra ou fez uma fogueira ou um arco! Não? Tudo, de todos — eis uma grande e sublime expressão. A religião, vem do medo ou da angustia do primeiro bruto que olhou o Céu. A filosofia, vem do primeiro curioso que olhou o chão e perguntou — Porque? Quem poderia dar um nome ao primeiro indagador, ao primeiro filosofo?

Se o interlocutor perguntar se temos — sciencia propria? Não! Ninguém tem sciencia propria, nem filosofia, nem relegião. Não. A historia do pensamento humano, é uma progressão. O proprio genio, é uma resultante de causas ancestraes da especie. E' o passado.

— Porque nos constrangeria dizer que temos a sciencia dos outros? Os fenomenos na Umbanda são tão naturaes, como em qualquer parte. Nada oculto, privado, secréto. A propria magia é fruto de leis naturaes.

A Sciencia abrange, analisa, perquire o fato concreto na ordem organica, mas, não fica limitada; vae ao fato social, aos pendores espirituaes. Começa na astronomia, passa pelos mitos, dá nórmas para a arte e termina na Sociologia e no Direito, onde alia a sciencia à moral.

Precisamente, porque a Umbanda é uma porta aberta, um patrimonio de todos, não pleitea um alheiamento dos demais.

Como umbandistas, sabemos — que ha outra cousa; outros sistemas que não tangenciam comnosco: o Esoterismo, o Mentalismo, a Yoga-Superior, o Mahometismo, o Protestantismo... Razão muito simples, NÃO SÃO IDOLATRAS, NÃO SÃO RITUALISTAS COMO NÓS. Não adoram santos, não riscam pontos, não tratam com os mórtos. Dizem que o seu culto é interior.

Convimos. O nosso é popular e exterior e formalista. Ninguém disse — outra cousa. Não estará tudo tão á vista? Somos o que somos. Queremos, desejamos, como culto exterior, apenas: ser o mais bello, atraente, consolador e convincente. Não ha, movimento religioso que no curto lapso de 50 anos, tenha avançado tanto. Nas praias do Rio de Janeiro, já se fazem fes-

tas com assistência de 500.000 fieis. E' noticia de jornais profanos. Portanto, imparcial e veridica. Tendo tudo contra nós: o preconceito dos sabios, o frade e a policia, sabemos vencer, ensinar e servir. E' a dor da Vida que traz o crente ás nossas portas. Emquanto houver sofrimento no mundo — o filho de Umbanda, terá uma missão a cumprir.

A ovelha que está contente, não foge do seu pastor! Não!

Ha, uma barreira e uma prisão para o corpo; a alma é livre e vae onde quer! Agora, é muito tarde para nos derrotar. Começamos na senzala, agora, estamos na praça publica e no salão, no caes e na officina, no quartel e na Universidade! E' um prodigio!

«TEOGONIA»

Amigos.

Teogonia é genealogia, filiação de deuses, conjunto de divindades, sistema. Pouco ou nada a vêr com ritos e formulas. Tratar-se-ia do Sêr ou sêres, não da forma de adoração. Muito antes de Moysés, teve o povo grego a sua genealogia de deuses. O panteon mitologico é rico de divindades e veio a luz de par, com um alto grau de cultura filosofica na pesquisa de — causas do Universo.

O grande Homero, recolhendo tradições catalogou, sistematizou, os mitos populares. A Italia muito contribuiu para enriquecer o culto. Assim, dois póvos representativos, fixaram principios que foram a luz do Ocidente. Aqui, nada a vêr com Egypcios, Chaldeus, Babilonios, Chinezes ou Indús. O sincretismo foi local, tribal por assim dizer. Então, antes ou depois da Biblia, convem ao umbandista, ler uma Mitologia. Esta leitura sobre deuses e heroes do Olimpo, leval-o-á á Astrologia. Saberá qual é o planeta que rege o seu nascimento, o signo zodiacal que governa o seu temperamento fisico, a sua emotividade, o nome do seu «patrono», aquilo a que o batuqueiro iniciado, chama — o pae de cabeça. Se for medium de umbanda, sabe então, porque, não recebe um santo de sua escolha, porém, sómente aquele com o qual está em harmonia, por suas vibrações.

Aqui não me estou referindo a Pretos-Velhos nem

a Cabôclos que são — espiritos de mórtoos que foram homens. Esta referencia ao pae de cabeça, diz respeito ao Déva, Anjo, Elemental, Força da Natureza — ORIXÁ... que não é, não foi homem, nem o será. Querendo ir mais longe, o umbandista versará o Sistema Roza-Cruz, que lhe dirá o que são os elementaes: silfides, salamandras, ondinas e gnomos; sêres vivos, espirituaes, invisiveis, paralelos da linha humana, aos quaes, o negro africano chamou SANTO, isto é — o ORIXÁ. Se ainda não estiver contente, transite na Antropologia, perquirira o grau de cultura de todos os povos selvagens, encontrará variação de nomes, mas, todos sem excepção, lhe dirão que conhecem e que — essas forças elementaes — estão lá, no seu céu, no seu mundo interior, na sua fé... A riqueza do panteon do negro foi architectada no Brasil, pela oportunidade de convívio de muitas tribus que no Continente proprio nem se conheciam nem estiveram juntas. O negro da selva, das serranias, dos rios interiores, dos desertos, e da orla do mar, tinham deuzes bem diferentes. Foi o cativo, a senzala, quem transmitio — uma noção de conjunto, quem unificou o sistema, nisto que é do nosso conhecimento actual. E' assunto já bem divulgado.

Olórum, Zambí, Orixalá-Alum, Odudua-Obatalá, será o grande Deus, sem manifestação —; CAUSA. O Pãe-Mãe da CREAÇÃO. Oxalá, é o sol. Iemanjá, o mar. Oxum, deusa dos rios. Ai-a-có, a noite. Kissimbé, o tempo (OKÊ, montanha, pedra, duração). Ogum, senhor do fogo. Xangô, fogo sideral, o raio. Oiá, ventos, ar, tempestades. Ifá, amor, fecundação. Ibeijes (dupla) intelligencia, saber. Dadá, florestas, vegetaes. Oxossi, grandes matas. Obá, protetora dos pescadores.

Otin, donzela, protetora das virgens. Odé, caçador e poeta. Okô, pastor de rebanhos. Hamalu, guardião dos mortos. Xapanãn, santo enfermeiro. Agé-Xaluga, o que dá riquezas. Exú-Bará, sentinela, servidor, guardião, o que abre caminhos. **ATÉ AQUI, NADA É HOMEM.** O homem é um sêr a parte. Morto, é um Aligenum, Endilogum, que não é admitido — na roda de Santos em manifestação. O negro conhece e pratica a mediunidade e regeita qualquer convívio com «espíritos», que aconselha — não invocar.

Esteja o irmão kardecista, bem tranquilo desta concorrência. O negro quer que o defunto fique longe e em paz... Não nega, mas, tem pelo morto a mesma repulsa que o kardeciano tem pelo Orixá, cuja existência o mestre negou, dizendo que não ha, sêres intermediários, entre o homem e Deus. Penso que o negro é mais inteligente, mais filosofo, mais observador da Natureza. Vale!

O nosso bugre é bem mais pobre. Seu panteon é precario. O sol, Guarací; a lua, Jaci, são pae e mãe da criação. Rudá, é fecundação, geração, amor. Guirapurú, é um protetor das aves. Uàiará, um protetor dos peixes. Curupira, protege o mato. Anhangá, é protetor da caça. Imboitatá, é um guardião, uma cobra de fogo. Urutau, também um guardião, é uma ave do fogo. Cairé, um fantasma que só aparece na lua cheia. Catiti, é outro, só visível na lua nova. Juruparí, é o mau espírito que faz pesadelos. O Sací e o Curucanga, officiam como demonios e assombração. Tupá-Canú é o senhor do raio, o trovão (Caramurú). Matin-Taperê, é um trancador de caminhos. Não ha, concepção de Diabo como entidade malefica. Urué e Iaras, são entidades do rio,

do lago, do mar. Acima de tudo, estaria Tupan-Mohan, um construtor que foi o pae de Trin-Magé, de cuja cabeça nasceu Tupam. Aqui, uma Trindade. A grande CAUSA KOSMICA.

Afóra a consagração do «maracá», um porongo enfeitado, que seria — um idolo; o bugre não era dado à ritos, sacrificios, nem oferendas. Usava invocações e durante o acto, fumo e cauim (cachaça), danças de caracter religioso, onde por vêzes, alguém, caía em estado de transe (ficava mediunizado) e fazia profecias e vaticínios. Era, magia pobre; simples, maiormente com o fim de curar doentes.

Prefiro, FICAR NA ESFÉRA OFICIAL, nos documentos da historia do nosso aborigene. A Umbanda, introduziu grandes inovações que, talvez, em vida, o cabôclo da floresta, não conheceu. Quem sabe, taes inovações serão fruto de manifestações, de mediunidade, que não tenho autoridade para discutir. Afirmo, com-tudo que na vida tribal do bugre, nada houve de comparavel ao ritualismo fetichista do negro africano.

Tratando a teogonia do negro e do bugre, que tão de perto interessa ao umbandista, por isto que está em contato com as duas, aconselho a ir mais longe. Nada de limitações. Fóra do ritualismo comum, tem a Umbanda, problemas de profundidade, que convem conhecer.

De qualquer forma, não devemos concorrer para propagar prejuizos de mediuns, de entidades, ou de autores apressados. O bugre, em toda a America, é pensativo, calado, ensimesmado, quiéto; não grita, não gesticula. Na distancia de dois metros, dois grupos de bugres conversando, não ouvem ou, ao outro. Na Umbanda, o bugre morto, aparece arrogante, forte, turbulento, valen-

tão, até agressivo; ao contrario do preto-velho que é todo tranquilidade e mansidão. Na selva e mesmo na civilização, o negro é batedor, gritão, barulhento, alarmista, pachóla e impostor. A morte, não muda temperamentos, nem características raciaes. O Cabôclo, tão tranquilo em vida, transformado agora «EM APACHE OU MOLEQUE DO MUNDO ASTRAL», não condiz com os objectivos espirituaes e fins da manifestação.

A Umbanda, ha de impor-se, não pelo ridiculo das atitudes, mas, pelo valor do seu lastro religioso e filosofico. E' o que penso.

«CRITICA»

Amigos.

De trato em trato, pensadores conspícuos, nos martelam a paciência, numa atitude superior e fina e perguntam: — Afinal, o que é a Umbanda? E' uma nova RELIGIÃO?

— Pois eu também quiz saber. Ao envez de percorrer mezes de café e palestras de esquina, fui assistir sessões; vi, li, pesquizei, estudei livros de Umbanda e outros afins. Como não sou religioso, nada pude perguntar aos sacerdotes...

Vi, que o vivo, o medium, dizia estar ou estaria de fato, sob a influencia de um morto (um espirito), logo, a primeira impressão é o fato da — mediunidade — tão conhecido dos espiritas e de todos os povos selvagens do mundo inteiro, segundo nos informam a — Exegése pela relegião comparada, que, nesta altura, como investigação, já é um departamento das sciencias de ordem moral e póde ser cogitação de filosofos e ateus. O espiritista, não é o inventor nem o dono da mediunidade e menos ainda dos espiritos que se comunicam, sem licença do kardecista.

Póde ser um desafôro, não duvido, mas, estão no momento, em nossa terra — 1.300 TENDAS, registradas, acordes com a lei, e em todas elas — baixam espiritos de mórtos, tão leaes, tão verdadeiros, quanto os do kardecismo ou a alma dos «Onas» da Patagonia; igual na Bolivia e na Siberia.

Tambem na platéas vulgares, nas irradiadoras, vemos de quando em quando, telepatas, que de olhos vendados, dizem o numero da maquina do nosso relagio e o metal de que é feito. O sonambulo, do magnetizador, analfabeto ou quasi, faz diagnosticos intrincados, que o laboratorio ou o bisturi do Cirurgião confirma depois. O hipnotizador prepara o — suget — capaz de lêr uma pagina interna de um livro fechado. O psicometra, tomando um calhau, descreve o local em que foi colhido. Por sugestão mental, a agua pura, embriaga como o vinho. Querendo ir mais longe, o psiquiatra, o psicanalista, fóra da crença, á margem da fé, apenas, no puro dominio scientifico, poderão dizer com documentos na mão, que o homem é qualquer coisa mais do que o seu corpo; falará de — animismo, de radiação cerebral, de desdobramento da personalidade, de «ectoplasma», de fantasmas de vivos, de fotografias do aura dos mórtos. Hoje, o homem de sciencia nos fala de tudo isto, com a mesma serenidade do padre, no seu pulpito, falando de milagres e da comunicação de santos. Para mim, o umbandista, o cientista e o sacerdote, «são tres sabios» ou são tres tôlos; dado que informam a mesma coisa.

Sabemos que a Umbanda, como relegião exterior, em vias de organização no decurso de apenas 50 anos, não tem um Bozzano, um Flamarion, um Paul Gibier, um Dellane, nem um codificador como Allan-Kardec. Há variante de: causa, tempo, lugar e meio. A Umbanda, ainda não tem, um Nina Rodrigues, um Arthur Ramos, um Edison Carneiro. Estuda-se o ESPIRITISMO ha cem anos, a relegião do negro ha 200 anos; são diferenças. Comtudo, a literatura de Umbanda já é rica e interessante, esperando — uma codificação, um corpo de

doutrinas unificado e normativo, espurgado de tolices, que os umbandistas são os primeiros a reconhecer.

Quanto á critica do cléro, esta, é velha. O sacerdote sem escrupulo e sem imaginação, faz do pulpito — banco de lavadeira de praia — e fala de todo mundo, que não seja da sua grei. Porque razão esse «trameleiro» de saia preta, tipo quitandeira de mercado, não falaria da Umbanda?!... Cada umbandista é um freguez de menos «no mercadinho» do padre; perdeu o medo do Diabo e do Inferno; não confessa, não comunga, não veste balandrau, não dá dinheiro para a Igreja!

Então, amigos, o padre está com a razão. O umbandista, é um liberto do dogma, repele a fé céga; logo, é um revoltado contra a exploração.

Nós tambem adoramos os — santos — simbolos e imagens de homens que foram grandes espiritos e que NÃO SÃO propriedade do padre... São divinos, são kosmicos; respondem á qualquer sêr que os implore, na Igreja, na Tenda, no nosso quarto ou no mato... Foi o ensino de Jesus! Não basta?

Afinal, quem nos critica? Quem são os detratores? O sabio, empanturrado de microscopio, de mathematica, de positivismo mal digerido. Acha, que somos histericos, precisados de bromureto e hospital. Seria bom, tambem para eles. O padre, acha que estamos possuidos — do Demonio. No caso, agua benta ou excomunhão. Nós, ficamos rindo do processo. O espirita scientifico, que nega o elemental e o ORIXÁ. O negro, que repele o — espirito do morto: Preto Velho e Cabôclo, que ele despacha na rua, no fundo do quintal. Emtretanto, nós, não precisamos bromureto, nem agua benta, nem passes, nem doutrinação, nem — des-

pacho de negros! Ora! Todos tres, têm batido nas portas da Umbanda. O sabio, com o seu orgulho, o espirita, com o seu guia e o negro com o seu ORIXÁ. O que é que acontece, então? Abrímos os braços! — Saravá pros tres, meu fio... Vivam Deus!... Gajulô, Orixá, Abá!... Salve que tem fé!... Salve quem não tem!

Sublime, humano, divino... Para que contestar?... Não é? E' o fato de uma Tenda? Não! E' o fato geral. O umbanista, sabe e cala. Porque é um tôlo? Não! Porque é fraternal.

Dizem que o umbanista — explóra os crentes. Talvez. Sim. Todo culto exterior, explora o aderente: missas, vélas, esmolas, .oficios pagos. O Vaticano, é rico e não faz calos nas mãos! O negro, cobra — o aché! O espirita vende homeopatia... O sabio, não trabalha de graça! Admitamos que o umbanista, faça pagar, uma oferenda. Eu não o nego. Onde estará o mal? Não são todos iguaes?

Olha, amigo, se o teu telhado é de vidro, não atires pedras... A moral intima, é sempre mais difficil do que a moral exterior. Muitos, vêm, á Umbanda, não para dar; mas, para pedir. São creches, maternidades, ambulatorios ,escolas... As vezes, pedem — vótos!... Onde está então, o escrupulo? Convem pensar. O umbanista é que deve voltar as costas á tudo isto. Bati-zar, encomendar e casar — na sua TENDA. Deus, está em toda parte, nestes officios, a préce e o rito do cacique é igual a qualquer outro. A benção de Deus, vem da fé de cada um, não depende do balandráu ou do templo em que o acto se realiza...

Saravá pra Vossuncês! Vivam Deus!

«SOCIOLOGIA»

Amigos.

Perguntaram-me, se tem a Umbanda pontos de contacto com a sociologia. Tentarei responder, até onde puder. Veja. Por Deus! Não é a Umbanda — uma relegião? Sim. E' relegião, é culto exterior como qualquer outro. Ora, a relegião não se limita à esfera individual. O homem é um ser social, vive em familia, em agregados, seja o clan, a tribo, a taba, a aldeia, a cidade. Sempre sujeito a normas, que são limites á sua liberdade de agir.

Assim, no Tempo, vemol-o. cavernario, selvagem, barbaro, civilizado, idealista, mistico e iluminado. Em todas estas fazes — é sempre religioso; é a diferença entre o tigre e o homem. A capacidade e o poder mental variam. Não é a mesma, a percepção do anómalo, do bruto pubere, do selvagem e do homem de cultura. Não.

Porque não seria, tambem para o umbandista, motivo de cogitação, as nossas — categorias mentaes —, na ordem em que se revelam: primeiro, fenomenos organicos, taes a nutrição, respiração, sono, assimilação, metabolismo; depois, á esfera afectiva, sentimentos, penhores, paixões; mais tarde, indagação, pesquisa, reflexão, raciocinio. Não? Para que separar a filosofia, da sciencia e a sciencia, da religião? Tudo isto, não será a marcha do pensamento humano? O fenomeno mais infimo, em relação ao homem, não se separa deste vasto campo

de observação, que ainda serve na politica, na sociologia e na arte. E' a Historia.

O estudo da alma terá começado pela introspecção. Foi insufficiente. Passou-se ao metodo psiquico-fisico; com este ao estudo das localisações cerebraes; depois aos tests e questionarios. Mais tarde, á anatomia-patologica, buscando possiveis lesões o que deu origem a psicologia-comparada e por fim, em esplendido conjunto, ao moderno metodo experimental. Foi! Cogitações de sabios, dirão. Sim, precisamente, porque não? Ninguem, explicará. o — homem integral —, rezando.

Porque será a catedral, inimiga do laboratorio? Não provirá da mesma mão, o astro e o verme, a flôr e o calhau? Quando houve alguma cousa regular, chamada Sociedade, esta foi fetichista e primaria: um cacique e com ele um pagé. Na barbarie, o autocrata foi, a um tempo, legislador e frade. Na civilisação, a divisão do trabalho, acompanha a divisão de poderes: escola, templo, quartel. O mestre não é padre; o padre não é soldado. Por ahí, surge a idéia de povo, de nação, de Estado. Por vezes, usurparam-se funções. Mas, não é a norma. A guerra de Estado a Estado, as revoluções periodicas, servem ao despertar das consciencias. O padre nos fala de — dever. O homem oprimido, fala de — direito. O mestre na sua catedral, manda que ambos aprendam a lêr! Vale!

Estamos num mundo de entes felizes e entes desgraçados. Uns, têm palacios, outros, não têm pão. Por isto a relegião, tomou á sí, o encargo da caridade — o amor do proximo: sentimento, medo, favor, piedade, esmola voluntaria. Sim. A Sciencia, tambem procura nórmas sociaes: economia desequilibrada, privilegios, frau-

de, roubo, desajuste, doença, exploração. O filosofo, separa —, sempre haverá dôr, que não depende de fé, da assistencia de ninguem: calunia, infamia, trahição, maldade, perda de entes caros, decepções... E' a alma que dóe! O sociologo, apêla para o Codigo e arquitéta LEIS... Eu sei! A caridade moral pôde ser uma lei divina. A caridade material é um fracasso, uma incuria; uma chaga na civilisação. O Estado, o Poder Constituido, em nome do povo para o povo, tem que varrer da face do mundo, o — tabú — dos reis divinos, com frades e masmôrras. Governo do homem — para o homem! Basta corôar os deuzes e os heróes! Neste caso, o miseravel, quando o houver, por qualquer causa, num regimem justo, — é um tutelado da LEI, um hospede do Estado e não um mendigo de praça publica. E' um miseravel com direito á vida e muito mais: com o direito de viver como homem! Para isto, precisamos, menos Igrejas, menos Carceres e mais Escolas. Por isto, a pergunta foi imbecil. Não sei ao certo, si a Umbanda pôde, responder; sei que — deve responder. E' um movimento espiritual, como o outro; visa o homem vivendo junto de outros homens; não pôde alheiar-se dos problemas de sociologia que não cogita do Céu, mas cogita da VIDA.

A Igreja é um exemplo, quando juntou o espiritual ao temporal. Pretendeu o dominio e governo dos povos. Era a relegião incorporando a Sociologia. Desde 1891, com Leão XIII, entrou fundo, no grave problema das questões sociais. O padre, o patrão e o operario das fabricas — confabularam. Os umbandistas, são homens de todos os matizes, porque não farão outro tanto? Não se fala agora num socialismo christão? Estará ahi, o caminho poltico do umbandista.

Não encontrei comunistas na Umbanda. Gente que canta e reza e beija a mão do Preto-Velho e do Cabôclo, tem pouco pendor para — a Revolução. Não serão suspeitos! Comtudo, unidos, pelo voto, no livro, na imprensa, na tribuna, com a ordem e dentro da ordem podem pleitear o melhoramento das leis sociaes. Não será assim? Por isso mesmo, que são religiosos, amantes da justiça e da verdade, não podem cruzar os braços ante os destinos sociaes do seu paiz. A Umbanda — não é sectaria. Que importa a posição, o titulo, a côr, a crença, a raça de cada um? A Umbanda é um conjunto de filosofias e de relegiões. Cada TENDA, é uma porta aberta para todos. Não é combativa, fala em fraternidade e predica a paz. Combater — uma relegião é afrontar Deus! O Oriente, tem novecentos milhões de religiosos, que não combatem ninguem. Deus não saberá disto? Desta estatistica da Sociedade das Nações? Não saberá de sua promessa ao povo judeu a quem disse «dar» Chanaan e multiplicar os filhos de Abrahão? Pois, ao envêz, multiplicou o chinez e o hindú, deixando o judeu em infima minoria; pagando caro, cada palmo de terra da Palestina e tendo no costado, o inglez ou o arabe!... Quem terá mentido tão torpemente, Deus ou Moysés?!... Quem? Gostaria de perguntar isto, aos nossos gratuitos detratores.

Porque, só ao umbandista, farão perguntas capciosas? Estamos contentes com o nosso baixo espiritismo; com a nossa grosseira e primitiva magia de candomblê; com a tolice de adorar santos, de riscar pontos e de cantar!... Não violentamos, não forçamos ninguem a nos acompanhar. Tanto nos basta. Se a nossa victoria estorvar os farizeus, não é por nossa culpa!



Homenagem aos Exús

O ELOGIO DE «EXÚ» COMO O RIXÁ

Conferência realizada em 5 de Outubro de 1954
na TENDA NOSSA SENHORA DA GLORIA.

Dedicado ao Snr. Tenente Jordelino de Oliveira
e Dona Josepha Meneghini

Recitada em 3 de Novembro de 1954 na
Tenda N. S. da CONCEIÇÃO.

Cabana Ogum e Oxum, 12 de junho de 1955 — Cruz Alta

Porto Alegre
Set. de 1954

Confrades.

Este trabalho, é feito em homenagem ao Snr. Presidente da Escola de Mediuns na «Tenda Nossa Senhor da Gloria», Snr. Tte. Jordelino de Oliveira, por isto mesmo lhe está dedicado, bem como a Snra. Dona Josepha Meneghini.

Vindo aqui entre vós, fui recebido com afabilidade, mais do que isto com raro carinho.

Grato então, por esse gesto cordial, que me prendeu. Nas minhas — aulas — tenho dividido comvosco aquilo que eu sei.

Não é muito; mas, é dado, modestamente e de bom coração; com lealdade.

Tenho ouvido com encanto os demais confrades, aos quaes, felicito.

Nóto, um grande theôr de bôa-vontade e um pouco de contradição. Por culpa vossa? Minha? De todos? Não! De ninguém!

Sómente, porque ainda não é — «uniforme e consolidado, num todo», o sistema, o preceito, o metodo, o fundamento, disto que nós vamos chamando — a nossa relegião. A nossa UMBANDA.

O numero de trabalhadores, já é grande, mas, tem faltado analyse e critica e um pouco de — comparação.

Só isto.

Precisamos, estabelecer relações, entre os varios mi-

tos e tomar o que já está feito, com caracter universal: é o meio de acertar.

Si, adversarmos o Catolicismo, o Batuque, o Espiritismo, a Historia e a Sciencia, teremos um conglomerado de preconceitos, sem base; muita discordia e confusão.

Nós estamos chamando, «de nóvas», á coisas que são muito velhas; já espurgadas de debates e contestações.

Vem disto, o grande valor de nossas aulas, para ouvintes, crentes vulgares e para os que tem — uma parcela de responsabilidade.

Um «cacique», ignorante, é um desastre para todos. Não é o bem, que se deixa de fazer — é o mal que querendo ou sem querer, nós vamos praticar; porque a Umbanda é um reflexo de magia ceremonial, no mundo fisico e no mundo astral. Demais, sempre nos faltaria o direito, de alterar, aquilo que já sofreu a analise da CRITICA, por «luminares» que versaram, 400 anos de HISTORIA.

E' só isto.

O mundo, sempre se curvou ao que é grande e admiravel. Então, é facil tecer louvores. Menos facil, é estender — braços amigos, ao humilde, ao pequeno, ao suspeito, ao repudiado... Quantas vezes em horas dolorosas, quando o coração é uma arena de batalhas, quando tudo foge de nós, não será, por isso mesmo, o mais humilde — quem estará ao nosso lado!...

Confrades.

Estou contente e agradecido... Comovido... Sinto-me feliz, de conviver um instante comvosco, neste homenagear. Arte longa e vida breve; disse um pensador.

Aproveitemos o tempo.

Cabe a aforismo á todas as cousas do — espirito! Por isto, nenhum homem isolado, abrangerá de um tratto, todo o CONHECIMENTO. Entre falar e acertar, ha profundidades. Convem meditar.

Precisamos — meditação. Revolvêr, toda a cultura, é privilegio do genio. Tal escalada de gigantes, é o tormento, no qual o homem vulgar sangraria as mãos. E comtudo, ele tenta sempre. E, comtudo, isto existe! A muralha e o homem. O saber universal, é a montanha luminosa, que esse pigmeu inquieto, procura galgar...

O que é a — Sabedoria? E' a luz! Sim, é a luz! E' a luz que ofusca a razão. E' a fulguração e a resplandescencia, que tem por contra-parte o — Chaús! ESCURIDÃO! E' luz, mas, é Treva! E' Apólo num carro de fôgo e Prometheu robando o fôgo do Céu! Um está no Olympto, o outro está no Caucaso... Um liba o nectar dos deuzes, outro tem uma aguia que lhe róe as entranhas... Destino tragico, do homem que quer aprender. Ha sempre qualquer cousa que o impele para o alto, não ha como fugir... Importa, então — TRABALHAR!

A Umbanda, está operando no Brasil — «um novo sincretismo», no qual entrarão querendo ou sem o querer, o Catolicismo, a Macumba e o Espiritismo. Não depende da bôa ou da má vontade de ninguem. E' a fé e o pensamento humano — EM MARCHA. Com o correr do tempo, a popularidade deturpa os cultos; e vem — A REFÓRMA. A lenda e o mito, não é a fabula. A fabula, é uma invenção, uma ficção imaginada. O mito, repousa, como a lenda, num facto historico ou num heróe. A origem dos deuzes, sempre teve um imperativo que a justificasse... Sempre! Decorridos mui-

tos anos, fixam-se, por interesse, convicção ou habito mental — verdadeiros absurdos. Aqui no Brasil, quem sabe alhures, o padre — deturpou — tudo quanto encontrou no bugre ou no negro; em materia de relegião. O que ficou de honesto, deve-se á viajantes, naturalistas, investigadores que descreveram os factos á margem das crenças. Não se trata do Brasil, por exepção, mas, de todo o mundo civilizado.

* * *

Nós gostaríamos de ter encontrado feita, esta página que estamos escrevendo e não foi assim. Tivemos de pensar, de crêar... Nós, vamos falar de EXU. Colocar EXU, ante a CRITICA!... Quando entramos em contacto com o negro, nos familiarizamos com a invocação desta — entidade —, do seu mito e por comparação forçada, nós a identificamos com o mal. Sempre o MAL! O padre, afirmou que EXU, era o Diabo. Assim ficou; assim se propagou. Nós só conhecíamos o catolicismo, como relegião dominante. O sacerdote era o sabio, o doutor espiritual, devia saber! Tudo ficaria assim, se ao lado da Relegião, não houvesse a Historia. Ora, historia, é perquirir, é comparar, é investigação; não é? Na Relegião Catolica, o Diabo é um rival de Deus, um anjo rebelado; Satanaz, o falsario que tentou Eva e perdeu Adão. Tentou Cain, promoveu o assassinato de Abel... E Deus, perdeu!... Tentou Jesus no monte e levou Judas à trahição. E Deus, perdeu!... E' um trio maldito: mundo, Diabo e carne. O acicate do homem, que só evolue, vencendo a tentação. Um mundo perfeito, «em que só houvesse o BEM», seria estúpido. Uma inver-

são de funções, querendo dar á TERRA, sublimidade do CÉU!... Não é assim. Entretanto, o negro foi caluniado. Caluniado, porque na mitologia do negro — não ha, uma ENTIDADE rival de Deus. Não! Não ha um concorrente das leis divinas: Um Diabo, um Satanaz. Ha — forças do mal; uma coorte de sêres inferiores que por isso mesmo, estão ao serviço dos Sêres Superiores; aos quaes obedecem e servem; sem contestação. E' o fato.

Na magia do negro, o EXU, é o escravo; o pária, o relegado, o proletario ,ao qual cabe o trabalho mais rude; é o mensageiro, o policia, o guarda, o moço de recados que vive na rua ,sempre mal recebido; até maltratado. Que admira então, que se comporte com maldade e revoltado?!... Ele é um SER!

— Será — este conceito — tão claro, harmonico com a noção do Diabo, que se diz, Senhor de um Principado? Disputando á Deus, a maior parte do genero humano? Que ao fim, no dia do Juizo Final, terá ainda — no reparte — um grande quinhão? Vemos bem que o padre nos ludibriou. Isto, não é assim. O negro, não sabia o que era o Diabo. Não tinha esta ideia.

— Sabel-o-ia o bugre? Dispondo de uma mitologia inferior? Tambem não. Não tinha uma noção semelhante. O bugre, conhecia Caissóre, Curupira, Curucanga, Ahangá. Entidades que se tornam pesadêlos, que dão maus sonhos, que estorvam a pesca e a caça, «para defender» o mato, o rio e os animaes. Trancam as estradas, espantam os passaros, dão ilusões e perturbam a vista e a pista dos caçadores. Comtudo o homem, póde amansar o «ancunga», tornal-o — seu favorito e amigo! Será isto, um rival de Deus, um Diabo, um Satanaz?!...

Não. Também não! O Diabo não amansaria nunca. E' sempre o mal. Dando fumo e bebida, o Curupira abre os caminhos; a caça será abundante e tudo correrá bem; até protege o caçador.

— O Diabo se contaria com tão pouco? Procura fumo ou almas para perder? Foi de lendas tão simples que surgiu o falso conceito, de um DIABO que não existia na mente do negro nem do bugre... Convem notar que os primeiros povoadores, que entraram em contacto com o aborigene, não eram pessoas de cultura. Nada sabiam de hierologia; a historia das relegiões, sciencia de observação que só aparece, muitos seculos depois. Faltava, então, capacidade — para a comparação. Moysés, nos deu na Biblia, este conceito do Diabo, (Satanaz), Lucifer, a Serpente do Paraizo, que já figura, nos mitos do hindu e outros. Moysés, iniciado nos sanctuarios do Egypto, que era o paiz que representava toda a CIVILISAÇÃO, «copiou, da literatura desse povo» e dos antigos babilonios, todo a seu livro sobre O GENESIS. O diabo no Egypto, era TYPHON; na Babylonia AHRI-MAN. Duas Entidades, sempre devotadas ao mal — á destruição. Contra DEUS! Nos demais povos antigos, — o Mal, não é personificado em uma ENTIDADE particular; é uma condição cosmica da propria Vida. O Egypto ,tem ainda os aphrites, como o chinez tem o dijin, e o hindu os ravanans, os scandinavos os asalokes, alfes e trolls que, serão, sêres inferiores e maus, mas nunca uma — PERSONALIDADE —, como o DIABO. Isto, é HISTORIA.

Hoje, o homem civilizado e culto, que não tenha a mente atrofiada, que não tenha sofrido a hypnose, a intoxicação dos cultos inferiores, já não admite o Diabo

como Entidade. Não! Nem mesmo havia necessidade desse socio importuno, para o mundo ser o que é... Ha, bem pouco tempo, Hiroshima e Nagazak, ficaram — arrazadas —; não foi o Diabo, nem o EXU; foi o americano que se diz christão e traz uma Biblia nas mãos. Se eu fosse um sacerdote, um ritualista, teria muito a vos dizer!

* * *

Confrades... Amigos...

Não é sempre grata — a analise — quando se quer, manter o homem no escuro! Acontece que na mitologia desses grandes povos, nós encontramos sempre, os Sete Anjos da Presença, que na Persia de Zorôasthro, chamavam-se — AMESCHAPENDS, correspondendo aos sete espiritos planetarios, que são os proprios SETE PLANETAS da Astrologia. Da TRINDADE, não sabemos nada. Quem afirmará que ela tem um — ORIXÁ?!... Os SIGNOS-ZODIACAES que são doze e mais os Sete Archanjos, dão, todos os tipos de — entidades — que têm entrado em relação com o homem. No primeiro grupo, teremos — «sete linhas — de Entidades Maiores», que são os Planetas dominantes e grandes ORIXÁS. Depois... Nos doze signos, — doze linhas — «de Entidades Menores», que ao envêz de grandes DEVAS, são apenas ELEMENTAES, dos planos FISICO, ASTRAL e MENTAL e tambem denominados ORIXÁS ou SANTOS. O EXU, (o BARÁ), é do grupo dessas — ENTIDADES MENORES; só isto. E' um trabalhador de rua, conhecido em todos os povos. E' a Hecate, dos gregos; o Termo do romano. SEMPRE UMA EN-

TIDADE INFERIOR E SERVIÇAL, que nunca pretendeu assenhorear-se do mundo; porque sempre reconheceu que era — simples agente de SERES SUPERIORES. Ninguém, o identificou com o Diabo dos cristãos. Só o padre, o fez. Dizem que Exu é o Mal; espírito das TREVAS votado só ao MAL! Como fé ou crença, cada uma vae onde quer; como historia, é que não.

Quando um raio fende o tronco de uma arvore e mata um homem, no campo, será o mal de CHANGÔ; archanjo e grande ORIXÃ... Quando ha um terremoto ou quando um vulcão destroe uma cidade, será o mal de OGUM; o Senhor do fogo, tambem chefe ORIXÃ... Quando uma tempestade no mar, provoca naufragios tremendos, será o mal de IEMANJÃ; a grande RAINHA DO MAR... Quando um rio transborda o seu leito, provocando uma inundação que destroe colheitas e sêaras, matando homens e animaes e aves afogados, será o mal de OXU; a LUA, a grande MÃE DAS AGUAS... A sêca que abraza desertos e soledades, produzindo a peste e a fome, será o mal de OXALÃ; o maior ORIXÃ da Creação... Se alguem perder a razão, revelando um acêso de loucura, será o mal de IBEIJE, o santo da inteligencia... Da RAZÃO! Entretanto, nada disto é o DIABO e ninguém dira que é EXU. As inundações na China, a fome na India, os terremotos no Japão, são hecatombes de milhões de pessoas... E, ninguém pensa, que semelhante tragédia, seja obra de EXU!... Não é isto?

Demais, supor que ha na Creação, uma Entidade, sempre votada ao mal, seria a negação da bondade de Deus; uma profanação. O Mal existe, como um fructo

da dualidade cosmica; como — LEI DE NECESSIDADE, sem a qual o mundo, não poderia EXISTIR! O Diabo personificado, seria um rival ou um socio de Deus... Ora Deus, não tem rivaes e nunca tomaria por SOCIO, um tipo tão ordinario... Outra vez, estaríamos negando, a onipotencia de Deus!

Vemos então que o Mal, não está em EXU; está no erro da interpretação. Interpretação falsa, sem base filosofica, que a propria — MEDIUNIDADE, ao abrigo «de debates», tem coôperado para propagar. Eu sei!... Muitos mitos e lendas ,são de EXU ou estão proximas de EXU.

Vejam: O Negrinho do Pastoreio, ao qual se dá bicos de vela para encontrar o gado perdido, é bem conhecido em nosso Rio Grande do Sul; Sacy-Pererê. O Im-Boi-Tatá, é uma ave com fôgo em baixo das azas, que ao vôar de noite, aponta caminhos secretos. Para onde? Não sei! O Urutau, é também uma ave com fôgo nos olhos; que vive nas montanhas e quando muda de lugar, prenuncia grandes acontecimentos. Aparece e assusta. Não para o mal, mas, para o bem! A Mãe do Ouro, é uma bóla de fôgo que caminha, de um monte para outro, localizando minas de ouro, que o homem pôde encontrar.

Em cabeça de padre, tudo isso — é o Diabo ou é EXU... No Amazonas, o homem vive dentro d'agua; o vehiculo é a sua canôa, a «montaria». Quando vae pescar, invoca um ERÊ, (santo menino), e tambem NANAN, (um nenê d'agua). Acende um facho na prôa, é quando o peixe estonteado, — pula na canôa do pescador. Que sorte! Outra vez, o Diabo ou EXU!

Não ha como contestar!... Não é?

Moyses, no Deserto, tinha uma coluna de fogo que caminhava, adiante, orientando a marcha do Acampamento; para tornar seguro — o caminho. Porque não seria EXU? Qual outro Grande Espirito, se prestaria, á essa função de batedor?!...

Não quero falar de Alarico, de Attila, de Hannibal ou de Scipião. Fiquemos um pouco mais perto. Porventura, por Deus, Hitler e Mussolini, que deitaram fogo na Europa, na guerra mais tremenda de toda a Historia; seriam todos dois, filhos de EXU?!... Seria um assunto a discutir!

EXU, simples entidade «elemental», que nunca foi homem, não tem poder para tanto!

* * *

Estou falando, em nome de uma literatura — universal, reconhecida. EXU, é uma série. Falo, do que vi e do que encontrei na MACUMBA. Sei que ha por ahi, trabalhos de fancaria — que não devo citar. Exu-Ori-Tameta, da rua; Exu-Odé, da encruzilhada; Exu-Ubô, do mato; Exu-Adé, do chão; Exu-Ibanan, dos montes; Exu-Itatá, das pedras; Exu-Bará, é o chefe de serie; abre todos os caminhos; Exu-Ibê, é do terreiro e dos quintaes; Exu-Gelú, o das estradas longas; Exu-BARÚ, é o do escuro. O nome póde ter variado de uma tribu para outra.

O proprio fato de ser — seriado —, já indica, que não é uma só entidade. Seria o DIABO multiplicado por si mesmo, numa rara equação. Diz a Quimbanda: Tudo o que está fechado, amarrado, confuso, tórto, embaraçado, intrincado e dificil, deve-lhe ser confiado. E as-

sim é... Nunca invocar EXU, com odio, ciume, inveja, raiva, mau pensamento e medo... Haveria o perigo de ser ferido — o proprio evocador. Haverá tamanha precaução com o Biabo? Não ha, aqui, uma lei moral?

Em muitos pontos do Brasil, Exu, é Santo Antonio. Valerá esta identificação?!... Um santo de vida tão conhecida, o santo do responso — das coisas perdidas, amigo das môças e casamenteiro, capaz até de — fazer chover; convertido no DIABO? Não creio!

Fala-se muito de Exú, por atravez de manifestações de mediuns. Nunca as tomarei em absoluto. Qual o medium que se não engana? Por maior que seja o nosso respeito pelos GUIAS, isto, não nos desobriga do dever de pensar. Nenhum Guia, que o seja, nos converterá em titeres ou automatos; nem será nunca o responsavel moral da nossa liberdade...

A ENTIDADE, é a Entidade... O homem é pensamento, vontade e poder, — uma CONSCIENCIA —; para distinguir e examinar quanto lhe ocorre. Fé cega, dogma, é que não vae.

Na QUIMBANDA, TODAS AS ENTIDADES FAZEM O MAL; depende de consulta aos — buzios —; do filho, ou do — pae de cabeça —, da qualidade do DESPACHO, (serviço); do fim, para o qual se vae propiciar. E' um preconceito tôlo, que um Guia espiritual ou um Pae de Santo ou Cacique, queira impôr ao crênte, que Exú, é um ente «votado sómente ao mal»... Afirmo que não é assim! Admitir esta tolíce, é negar a onnisciencia e bondade de Deus! O Mal é uma contingencia. Nenhum sêr, nenhuma coisa, é votada ao mal permanente. EXU, póde ser a nossa imperfeição: odio, inveja, volupia, luxuria, ciume, vingança — ambi-

ção. Todas as nossas más qualidades, raiva, preconceito, impostura. Não temos azas! Não somos — seres puros! Quem diz homem, diz maldade! Ora, maldade — é ignorancia, é imperfeição.

O Mal, existe! O que é o Mal? E' o Don Juan, que rouba a nossa mulher e deshonra as nossas filhas... E' o sicario que nos ataca na sombra. O ladrão que viola o nosso lar. O mercador que nos rouba. O amigo falso que solapa a nossa reputação. A boca cinica do ingrato que nos cospe nas mãos. A desobediencia do filho, a trahição da mulher... E' o despota que humilha a alma dos póvos. O mercador da GUERRA! O conquistador sanguinario, que tala as fronteiras das nações. O DESPOTA. O politico velhaco, que explora — o cargo e o eleitor. O ARRIVISTA. O frade fanatico, que bestifica a alma simples das multidões! Se já temos, tanto mal, dentro de nós... Se cultivamos a má usura, o orgulho, a superioridade de uns, sobre os outros; a vaidade, a prepotencia da posse de riquezas, o fastigio das grandes posições, para que attribuir tudo isto á EXÚ?!... Ora!...

* * *

O mais reles e o mais miseravel dos criminosos, tem sempre, em todos os codigos do mundo, — direito de um defensor. Tem ou não tem?!... Se eu estou sendo, «o advogado do DIABO» —, escolhi uma má posição. Foi a minha curiosidade que me perdeu. Versei um pouco de Historia e de Sciencia; de Filosofia e de Arte...

Percorri, entre nós, — todas as RELEGIÕES...

Nunca fui, nunca, um «acantonado»; acôcorado, num culto qualquer. Não! Encontrei o mito de EXÚ, no primitivismo de todos os povos: brancos, negros, oceanicos, amarelos e vermelhos. Digo que encontrei no primitivo e no ultra-civilizado... No selvagem, no barba-ro e até no homem — que persegue o caminho da INICIAÇÃO! Dentro dos quadros da Civilização, os sistemas, são melhores ou piores, mais completos ou menos, — por vêzes insuficientes. O Christianismo é uma culminancia, mas, o Catolicismo não é — uma relegião superior; ao contrario, encheu o mundo de falsas noções!... Propaga o mêdo, o ritual pago, o dogma da fé cêga, levando o espirito à passividade morbida, ao terror da Verdade e a perdição, na vergonha da — excomunhão! Eu estou excomungado tres vezes!... E' pouco?

Entre SATANAZ e o EXÚ, eu prefiro EXÚ!... E, lavo as mãos, tranquilo — contra «mais uma» excomu-nhao. O Céu, eu hei de conquistar, pelo meu esforço, pela renuncia, pelo sacrificio de mim mesmo; não depende — do odio ou da simpatia de qualquer RELE-GLÃO!... Nem da má vontade de ninguem!

... EXÚ, meu camarada, meu amigo! Quantas vêzes, terás estado ao meu lado, como um guarda fiel, um protector — um irmão! A Vida póde ser um declive, por vêzes, uma ascensão. Sim! Maiormente — é uma encruzilhada; campo de EXÚ! Caminhos!...

— EXÚ!... EXÚ de todos os povos, de todos os Continentes, de todas as raças do mundo!... Neste instante — eu penso em ti!... Que importa o teu nome, se foste sempre invocado?!... Meu amigo! Não ter-se-á lembrando de ti, quem trilha uma estrada larga, iluminada, plana, marginada de flôres!... Não! Mas...

Ai!... Ai de nós! Quantos seres vivem por entre espinhos, rasgando as carnes, a fronte molhada de suor e de poeira, as mãos duras e tremulas, os pés sangrados, dos pedregaes! Quantas vezes!... Não será a boca que sorri, porque é feliz; nem o olhar que sintila na alegria de um sonho bom... Não!... Talvez! Quem sabe será a boca contorcida, imprecando o Céu, numa maldição... O miseravel, o fracassado, o orfão, o derrotado; quem se lembrará de ti!... Numa hora tôrva de grande aflição. Quando a Consciencia cae na TRÉVA, a luz do mundo estremece! Ha tréva, porque ha quéda e onde houver quéda, estará a DÔR! Mas, neste mundo terreno, nada é permanente. Tudo cae e tudo sóbe... Tudo vive, cresce e palpita dentro da Vida. Ama, pensa, lucha, trabalha e morre... Mas, só morre para RENASCER! Em toda a Creação, só o homem chóra. E' um privilegio! Chóra! Chóra, soluça, geme; numa queixa dolorida, que alcança o Céu! Freme de odio e de raiva... Só o santo, chegou a perfeição; que está ainda tão longe do homem vulgar... Quem de nós não achará em Deus, ao lado de uma suprema Justiça —, uma imensa Piedade?!... Um grande amor! Pois é essa Piedade, que no drama tremendo do KOSMOS, há de alcançar EXÚ, si ele é — um mal —; como ha de alcançar cada um de nós!... Não póde haver — um desmentido para a LEI!...

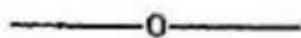
Epa hei, Gajulou, Orixá, Abá! Ca-u-ô! Exu!

La, lu, pô... Agô!... Saravá!

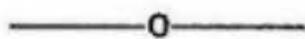
NOTAS:

Quando esta conferencia foi recitada na noite de 5 de Outubro de 1954, provocou, em quatro senhoras e dois homens —

baixa das ENTIDADES de EXÚ, que vieram agradecer o auctor; fato que tranformou, o fim da conferencia, em sessão.



Em 12 de novembro, em sessão de RITUAL, quasi ao fim dos trabalhos —, baixou uma falange de EXUS, (nove medius). Como não houvesse, causa aparente, foi interrogado o mais capacitado á responder, disse: é a nossa homenagem ao visitante, auctor da conferencia sobre "EXU como ORIXA". Fiquei, numa grande e justa emoção. Depois, falei com uma ENTIDADE. — Eles são simples "servidores". Tu não és tambem — um servidor? Então, está certo.



Esforcemo-nos por viver dentro de uma larga margem de TOLERANCIA. Em algumas linhas praticas que, *nem são historico-mitologicas, nem esotericas*, EXÚ, aparece, ora como — um trevoso —, ora como Chefe de Linha. Num caso, estará de menos e noutro, estará demais. O habito mental, o rito e até as ENTIDADES, *estão consagrando absurdos*, sem base filosofica. EXÚ, é simplesmente, UM SERVIDOR; muitas vezes — um amigo fiel e dedicado, dependendo do modo como se o eduque e propicie. E' um agente magico, cuja conduta boa ou má, depende do — o perador.

Quando "NÃO FÔR" um ser angelico, será *alguem que tomou o seu nome*.

A classificação — em Umbanda, comporta tres caminhos: o caminho ESOTERICO; (linha ORIENTAL). O Caminho HISTORICO-MITOLOGICO; (marcha do pensamento). O Caminho das chamadas LINHAS-PRATICAS. Os dois primeiros exigem "subordinação", á um quadro, QUE NÃO DEVE SER ALTERADO. O terceiro caminho, — é livre. Cada escritor ou chefe de TENDA, vae, onde a fantazia o levar. E' o que está ocorrendo até este momento. Cada LINHA, é a contradita de outra e, até agora NINGUEM SE ENTENDEO.

Aqui, neste livro, dei as bazes dos tres caminhos; era quanto eu podia fazer. O resto — é o FUTURO!

«O TIPO ASTRAL DE EXU»

Confrades.

Tive, pouco faz, a oportunidade de ter ante os olhos, uma coleção de — figuras de Exú. Foi uma decepção, um calefrio, um escarneo para a minha sensibilidade.

Lamentei. O divino, é por isso mesmo — sacro. Não deve, não póde, ser réles, grosseiro, ridiculo. O artista, se tal nome merece, que em má hora de inspiração infeliz, elaborou, aquele grupo de — estatuetas vermelhas — é um imbecil; sem gosto e sem cultura artistica ou um velhaco »mercantilista», abusando da credence, da bôa-fé, da simplicidade dos seus irmãos de creença. **AQUI CÊSSA, TODA TOLERANCIA E BÔA VONTADE.** Se o seu creador fosse «um artista», saberia que a ARTE, no Occidente, esteve 1.500 anos ao serviço da Igreja. O mais belo da imaginação creadôra do espirito humano, está na arquitetura das cathedraes, nos monumentos, nos quadros, nas pinturas muraes, no entalhe, nos relevos, nas imagens, nas estátuas e ornamentos. A Igreja mediavel, foi o refugio do artista. Não havia — uma arte social, havia, uma arte religiosa: divorcio, entre o sacerdocio e o povo.

Foi, em póz da REVOLUÇÃO, de par com a inspiração mahometana, que surgiram escolas, senaculos, salões e muzeus... Foi assim, na India, na China, no Egypto, na Grecia. Não seria, suficiente, consultar um tratado de Archeologia, uma Historia da Arte? Não

estará por ali, o melhor do pensamento humano, procurando — uma expressão de beleza?

Beleza tão construtora, como um livro sacro? Uma ascensão espiritual comovedora? Não é com verdadeiro pesar que nós, «nos confrangemos» — quando a arte se degrada?

Foi a minha impressão. Aquilo, aquele grupo de demonios vermelhos, «guampudos», com pés caprinos, de barba em ponta, de sobrancelhas hirtas, de olhos saltados e dentes agressivos, NÃO E' EXU!... Aquilo é uma concepção primaria, falsa, morbida, velhaca, indecente, ridicula. Aquilo, depõe, contra o seu creador. Não é o Lucifer das Escrituras. Não é o Plutão dos gregos. Não é o Tifon do egypcio. Não é o Ariman do babilonio. Não é o Ravana do hindú. Não é o Curupira do bugre... Por Deus!... Não é nada disto. Aquilo, é — uma estupidez! Um «Satanaz de Opereta», nada mais!...

O negro, não tinha uma concepção de Demonio; o bugre, ainda menos. Porque trazer para a Umbanda, aquele espantalho bestificador?

Dizem que EXU, tem sido visto assim. Admito, aceito. Visto por quem?

Por clarividentes ignorantes, mal educados, impressionistas obcedados; vitimas de sua propria criação mental, doentes, atemorizados por sugestões morbidas, prêzas de leituras mal digeridas, atordoados por disciplinas rituaes sem nexo, por uma magia espuria, explorada por caciques ignorantes... O fato, raia pelo crime. Não deve, continuar assim.

Falsa doutrina, falso arremedo, de falsas iniciações! Caso de expurgo. Literatura deleteria — livros para queimar!

Gente, precisada de trato com o. — neuro-psiquiatra, num hospital! Não é a videncia, o que eu négo. Não condeno o medium, ignorante e passivo. Digo, que ele é uma victima, dotada de uma faculdade que precisa educação. Que ha tratados, para desenvolver e controlar o fenomeno da videncia, sob a direção de — um responsavel!

Mediunidade, mentalismo, hipnose, sonambulismo lucido, que constactam o fenomeno; ramos do psiquismo, que têm leis para o estudo serio da questão.

O Exu do negro, o BARÁ — é um Déva, da linha angelica, de tipo inferior; um agente, um servidor, um desbravador, que nada tem que ver com esse monstro vermelho.

Será bom ou mau, conforme o fim magico para o qual for dirigido, pelo seu «propiciador», sem necessidade de assumir em «sua função de serviçal», uma figura grotesta. Seria supor, que nossos garçons, creados lacaios e serventes, devem assumir figuras e gestos de macacos, quando nos estão servindo... Já, tão bem, o diz, o aforismo hermetico: — como é embaixo, é em cima. Um lacaio de casa rica, tem camisa engomada e casaca de botões doirados; um garçon, enverga blusão de linho branco; o cosinheiro, um avental; a capeira, uma touca rendada...

Que impressão teriamos, se nos servissem contorcidos, deformes, agressivos, chiando e cuspindo?

Não dariamos logo, «pelo falso da attitude», pela estupidez?

Isto, que não admitiriamos, para a vida normal e comum de todos os dias, nós o admitimos — para o mundo espiritual...

Porque?

Ha, uma logica em tudo isto?

Não! Não ha. Ha morbidez, fanatismo, infantilidade, temor e falsa observação.

Já viu, lendo obras de arte, qual é a indumentaria do servidor grego, egypcio ou babilonico? O antigo servo romano? O gladiador do circo, o soldado? Veste, uma tanga, um calção, um saiote curto — nada mais!... Em missão mais conspicua, um peitoral, saiote até aos joelhos, sandalias; pernas e braços nus, cabelos bem penteados, um colar, braceletes. Postura erecta, digna, respeitosa, continente. Porque, não representaremos assim, «deste modo natural», o nosso EXU?

Por mim, repilo o artista, o escritor fantasista que fuja da historia, no desenfreio da sua imaginação tresloucada e falsa.

Teriam mentido — os hermetistas? Será um ludibrio toda a figuração dos mitos, tão rica em belezas?

Saberão, esses artistas e escritores, que pela força do pensamento, pelo poder mental, «estão criando» formas astraes que permanecem — vivas «imantadas», receptivas, nos planos subjetivos e que posteriormente «invocadas», agem sobre os vivos, como seres maleficos, de efeitos terriveis de perversão?

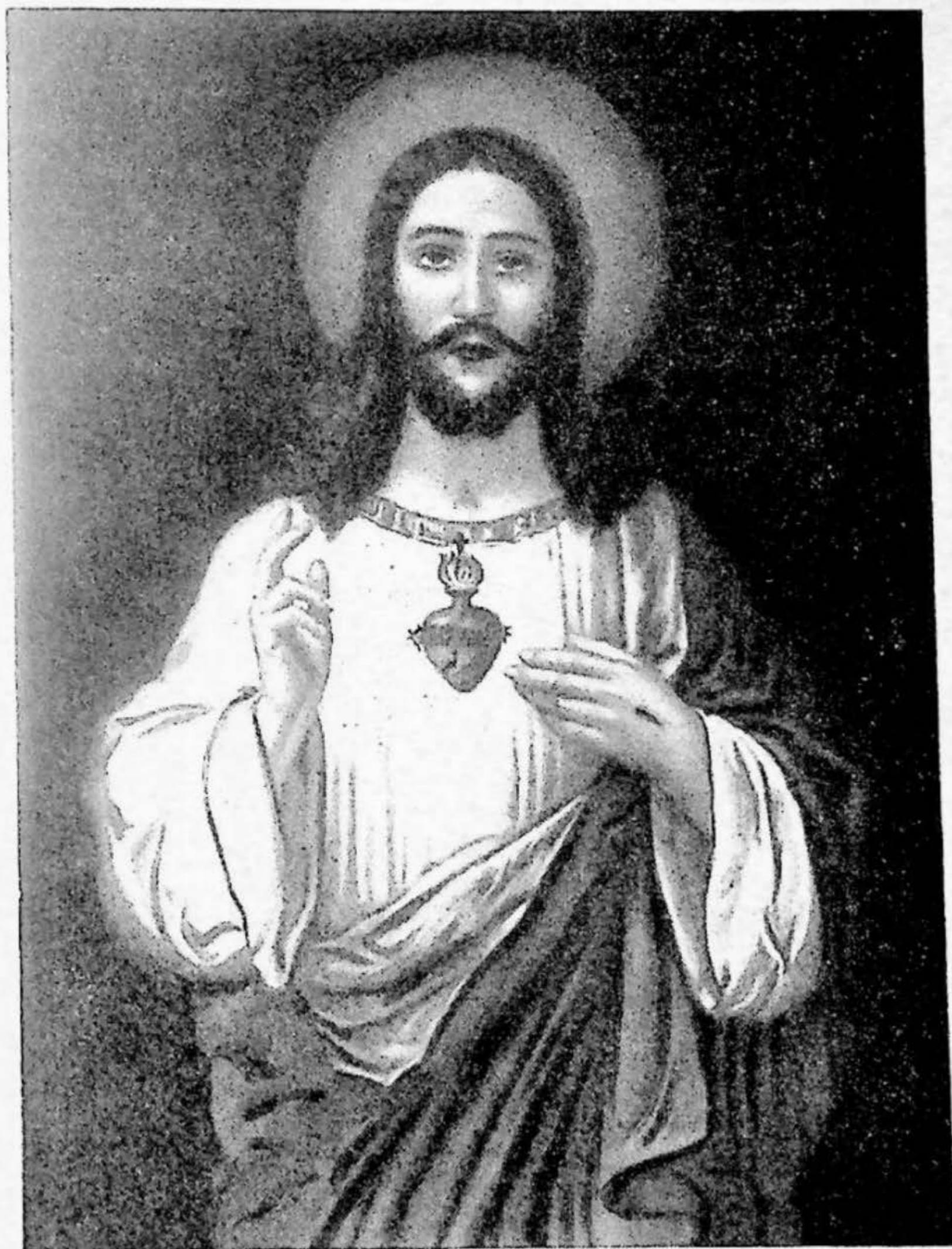
Não estarão esses artistas de fancaria, — SUJANDO O AURA MENTAL DO MUNDO, com as suas criações?

E é essa gente nefasta e ignorante que nos falam de ocultismo e de iniciação?

Não haverá — uma noção de responsabilidade, quando influimos na alma dos outros?

A Umbanda, será tão infeliz, que não empunhe um chicote para enxotar esses vendilhões?

Tenho concebido — uma Umbanda limpa; sem essas deformidades teratológicas. Como relegião, a Umbanda, não se divorcia da Arte... Ha, todo um mundo de belezas a propagar... Vamos encher, nossos «congás» de imagens, de santos, de figuras, de estatuetas; está bem. Mas, façamol-o, com o senso do belo, que só por si, também é — UMA RELEGIÃO. Saravá!



Homenagem a Jesus (Oxalá)

A KABALA E MITOS HINDUS

Porto Alegre
Set. de 1955

«KABALA E MITOS HINDUS»

Confrades.

Suponho que terei chegado ao fim da minha tarefa, na medida d'aquilo em que pude servir.

Complementando minha conferencia sobre — Mitos Comparados —, agrego agora, as noções que me foi possível obter quanto á Kabala e quanto, «a téogonia popular dos hindus» e terei assim fechado o meu quadro.

Curvo a cabeça agradecida, ante os grandes luminares da hierologia, que foram Maurice, Burnouf, Max Muller, Hardwick e Martin Hang que, no sentido historico, palmilharam o mesmo terreno ingrato, percorrido por Madame Blawatisck na «DOCTRINA SECRETA».

Com Dion Fortune, pude estabelecer a relação da Kabala e os demais mitos: «KETHER», o METRATON, representará o ESPAÇO, — branco brilhante, puro — simbolizado na svastica, infinito e amorfo; a côr tipica seria doirado intenso e a característica, REALISAÇÃO; tudo isto a que o negro chamou OLORUM e o bugre chamou TRIN-MAGÊ. «KIORMAH», RATZIEL, será SABEDORIA e DEVOÇÃO; côres pardo perola iridiscente, branco, vermelho, azul e amarélo; o simbolo é uma linha réta, a característica é FORÇA, ENERGIA e VIDA.

Para o negro, seria ODODUA-OBATALA e para o bugre, JACI-GUARACI, o «pae-mãe» universal.

«BINAH», é TZAPHKIEL, seria SATURNO, car-

mezin, negro, marron, pardo, rosado; o simbolo é um calice ou um coração. Seria a MORTE a AVARÊZA o MAL. Por outro lado, é entendimento, silencio; é TEMPO e FÔRMA.

O negro não personificou o Tempo. OKÊ, é montanha, duração. O destruidor, é HAMALU, a morte. Para o bugre é o mal: ANHANGÁ. «KJESED», TZADKIEL, é JUPITER, azul, violeta e amarelo, o simbolo é uma esfera, é o GRANDE BENEFICO; obediencia e MISERICORDIA. Por opposição, pode ser — fanatismo e tirania, é o XANGÔ do negro, o TUPA-CANU, do aborigene. «GEBURAH», KHAMAEL, é MARTE, alaranjado, escarlata, vermelho e negro: tem por simbolo a estrela de cinco pontas. E' ENERGIA, VALOR, TEMOR, JUSTIÇA. Pode ser guerra e destruição. E' o OGUM do negro. «THIPHARETH», RAPHAEL, o SOL, rosaclearo, salmon, amarelo doirado ambarino, o simbolo é o cubo ou a cruz-cruz. E' ORGULHO, PODER, CONSAÇÃO, MISTICA, HARMONIA. E' o OXALÁ do negro, o GUARACI do bugre. «NETZACH», HANIEL, é VENUS, amarelo, ambar, verde, doirado, oliva. O simbolo é uma lampada ou uma rosa.

Será arte, emoção, impudor e luxuria. A característica é DESPRENDIMENTO e BELEZA; também VITALIDADE. E' a IEMANJÁ do negro, a IARA do bugre.

«HOD», MICHAEL, é MERCURIO, violeta, vermelho, laranja, amarelo e negro e marron. NÃO TEM SIMBOLO, é representado por nomes ou versiculos, (aforismos escritos). Seria o MENTAL CONCRETO, INTELLIGENCIA, VERACIDADE. Em contraposto: fraude, improbidade, (mau aspécto). A característica é HER-

METISMO-ESOTERISMO, Como = regente =, não tem representação para o negro, que tomou então, o signo zodiacal de GEMINIS — seja, o IBEIJE; desconhecido do bugre.

«YESOD», GABRIEL, a LÚA, purpura, indigo, violado, amarelo, azul. Simbolo — sandalias. E' psiquismo, procreação, preguiça. A característica seria: FORMULA, RITUALISMO, EXOTERISMO, (exterior). E' a JACI do bugre, a OXU do negro, mãe de Iemanjá e das Oxuns; as GRANDES AGUAS.

Avirto, que me estou servindo de «ASPECTOS MENOS CONHECIDOS» da Kabala, como comparação de mitos; estimulando a curiosidade do estudioso, empenhado em achar ENTIDADES, no culto de Umbanda e saber quaes pontos de contacto, podem existir nas duas correntes.

O exposto, explica porque — os manifestantes —, crearam «tão grande confusão» nas côres das guias. Cada ENTIDADE, tem «sete côres», com — UMA PREDOMINANTE; que ela indica ou não. Só o clarividente educado, poderia dizer, quando está certo ou errado. Não basta ser CACIQUE. Supõe-se que A ENTIDADE — enxerga mais do que o homem vivo! Não é?...

Ser MAGO requer estudo; relegando esta exigencia, ao envez de um mago, teremos UM TÔLO; inconsciente e prejudicial. E' só!

Disse uma vez que o «culto exterior», do hindu, é vulgar, fetichista, grosseiro e inferior.

A alta concepção da filosofia da India, a YOGA, é patrimonio de — iniciados —, NUNCA FOI POPULAR. Embora milenarmente, separados pelo Tempo, o homem vulgar hindu, rivalisa com o negro em materia de rele-

gião, admitido que jamais se influenciaram; os mitos são, não iguaes, mas semelhantes. Causa, Espaço e Tempo, Energia e Substancia, Vida e Fórma, concepções de alta cogitação metafisica, pela abstração, escaparam à capacidade mental — do homem vulgar. O Brahamanismo, tangencia com o «Pentateuco» de Moysés... Tenho sempre a impressão de estar tratando com — estudiosos. Verificarão que ,tambem — na KABALA —, ha contradicções... Quem sabe disto — é o sabio — e não o hindu da rua; cumpre consignar.

Demais, nunca cogitaram de sincretismos ou comparações, que foi função da Historia e intercambio intellectual. E, nem sempre foi possivel estabelecer — uma correspondencia ou equiparação de valores.

Comtudo, para «sete grandes entidades», temos aproximações exactas:

«YAMA» é Saturno, «BRIHASPATI» é Jupiter, «SKANDA» é Marte, «SURYA» é o Sol, «LAKISHMI» é Venus, «PAVANA» é uma dupla; tambem um signo como IBEIJE, representando Mercurio. «CHANDRA» é a Lua. Assim, por aqui, para contentar os inquietos, temos: OXALA, HAMALU, OGUM, XANGÔ, IBEIJE, IEMANJÁ e OXU.

Não seria o bastante?

Eu o creio.

Mas, este panteon, tambem tem entidades menores: ÇRI é a Prosperidade, ÇACI é a deusa dos moivados, RATI é o prazer, SMARA é o Amor, GARÚDA o deus dos passaros, ÇESHA o deus das serpentes, VIDIUD a deusa dos relampagos, MARUTES agentes das tempestades, AIRAVATA a chuva, NADI os rios, VRIKSADEVAS deusa das arvores, ÇALA a fecundidade. Então,

outra vez com o negro; ahi está AGÊ-XALUGA, OTIN, OXUM, KEBIÔSO, INHANSAN, IROCÔ, IFÃ. Foi quanto encontrei, susceptivel — de comparação. Teríamos ainda o raio, a aurora e o vento: INDRA, USHA e VAYU! O resto é um mundo de alta metafisica, DE ALTA INICIAÇÃO, que não cabe em cabeça de negro! Ainda assim é quem foi mais longe, no sentido destas cogitações.

Desejaria que o umbandista, não perdesse isto de vista. **Setenta por cento de Umbanda é MACUMBA** —, como relegião primaria.

Vamos expurgar o preconceito de pensar, que MACUMBA seja o Culto do MAL. Não é. E' como outra relegião qualquer.

O catolico que vae a uma Igreja levar velas e ROGAR PRAGAS para os desafétos, é mais réles do que o macumbeiro vulgar.

Entrega o seu odio, às forças divinas, convidando os grandes santos a que exerçam —, uma funcção de policiaes! Se são iguaes, é tão bom, como tão bom —, nada mais. Por isto: — todo mal, vem do coração.

A «moamba» do batuqueiro, não é peor do que — **UM MAU PENSAMENTO, ANTE UMA IMAGEM NUM ALTAR.**

Deus, na sua indefectivel justiça ha de pezar os dois!

Sim! E assim a LEI!... Deus nos perdôe... Saravá. Agô.

«Em torno da HISTORIA DA UMBANDA»

Confrades:

Ao que parece, pelo noticiário, estamos ás portas do segundo Congresso de Umbanda, a realizar-se no Rio de Janeiro. Nosso movimento tomou proporções fóra do comum.

Multiplica-se o numero de tendas no Brasil inteiro. Nossos jornaes, aumentam sua tiragem. Esgotam-se as edições de nossos livros. Nossa literatura ritualista, propaga-se com rapidez. A frequencia de aderentes em nossas sessões, é cada dia maior. O sofrimento não tem posição social. Ao lado do crente vulgar e com ele, surgem pessoas tituladas.

Ha quinze anos, falava-se em uma plebe umbandista.

Hoje, desassombradamente, podemos falar de — uma elite umbandista. Quem conhece a capital do paiz não se surpreende com esta noticia. Por isso mesmo, pelo fato desta mudança de proselitos surgiram questões.

Pergunta-se, o que é a Umbanda.

— E' Preto-Velho, Cabôclo, Espiritismo, Curandei-rismo, Mandingaria, Candomblê de negros?

Importa responder.

Alguns pesquisadores, queixam-se de ter encontra-do em nossos livros — uma grande confusão.

Justifica-se.

Não se organiza um sistema religioso em cincoenta anos. A Igreja que nós conhecemos, tendo por norma

a Bíblia e os Evangelhos e a tradição apostólica, gastou 400 anos para construir — um regimem litúrgico que de trato em trato, pelos concílios, ainda se foi modificando. Agora mesmo, chegou-se a conclusão de que a missa é muito comprida. Póde ser mais curta e feita também de noite e para acompanhar a crise, deve ser também — mais cara.

Confessemos, sem prejuizo que a Umbanda teve escritores de grande boa-vontade e um pouco apressados.

Não houve um preparo previo. Tomou-se o assunto — pela rama, sem responsabilidade.

Logo do ingresso de tribus negras, de varias procedências da Africa, em nosso paiz, na condição de escravos, o mau trato, o trabalho arduo, a miseria, o odio ao senhor, obrigavam o homem negro, a implorar o seu Orixá, para suavisar o seu martirio.

O «Senhor» lhe impunha uma — crença nova — deuses que ele não conhecia. Aceitou-os por força de circunstancias, o que não impediu, continuasse os proprios ritos em segredo.

Por isso, a relegião do negro foi sempre cercada de misterio e reserva e deixou desde logo, a FALSA IMPRESSÃO, de que o objetivo do culto, era sempre o mal; a vingança contra o «Senhor».

Empóz de cem anos, o panteon do negro, aqui, tomou grandes proporções. Riqueza de mitos, lendas, deuses, ritualismo que, as tribus africanas isoladas, sem comercio e sem convivio, não conheciam. O negro das serras conhecia OKÊ: monte, pedra, duração; mas, não conhecia IEMANJA, deusa do mar, que ele não vira nunca.

Um negro do Sahára, não conhecia ODE, nem OXOS-

SI, representando mataria, floresta e caça; por isso, que o negro do deserto apenas era familiar do lagarto.

Nenhum explorador ou viajante africano, pode em — uma só tribu — relacionar a teogonia encontrada no Brasil.

Chegamos a um — panteon — com quarenta e nove deuses; isto, que, isolado em qualquer recanto da Africa, o negro no conhece E QUE SÓ CONHECE NO BRASIL, visto que em Cuba, Havana, Costa Rica, Haiti, o panteon, é sempre — muito pobre — comparativamente.

Nos Estados Unidos, o protestantismo, cortou de um trato, os vãos animicos do negro; não ha aproximação conosco e o americano vem estudar o assunto entre nós.

Os mitos, a teogonia do nosso aborigene, nunca se confundiu com a mitologia do negro.

Para o bugre, o negro com suas oferendas, PARECEU RIDICULO, por isso que o bugre, sem ser descrente e ateu, é menos mistico e bastante dotado de espirito mais positivo.

Comtudo, juntos, na mesma lareira, conversaram, trocaram impressões, face aos deuses nóvos, impostos pelo feitor...

Iemanjá, diz um negro da costa do mar... Oxum, diz um outro, do centro africano, onde havia um rio... Bem, é Iára ou Urué, ambas, da agua, diz o bugre.

O feitor mostra uma estampa de Nossa Senhora que, os tres — aceitam ou fingem aceitar.

Será isto, o que a sciencia chama sincretismo?

Talvez!

Versando a historia das relegiões, o fato é o mesmo na Grecia de Homero, como já o fôra na Babilonia de

Hamurabi; o primeiro homem que escreveu um Código. CALDEIAM-SE AS CULTURAS E OS DEUSES. Se a Bíblia, parece isenta do acontecimento, é porque veio muito depois do «Zend-Avesta», de Zoroastro; do «Livro das Leis», do Manu Vaivasvata; do «Livro dos Mortos», de Hermés.

Sendo o — quarto livro sacro —, na ordem de aparecimento, foi por isto o melhor; sem fugir á magia, ao fetichismo primario e grosseiro de todos os povos, com um Deus tribal, Deus de raça, que clama vingança e pede vitimas!...

Peço perdão pela Historia, que não fui eu que inventei. Assevero QUE O NOSSO FATO BRASILEIRO DA RELEGLÃO DE UMBANDA, é tanto como qualquer outra occurrencia, identica ou semelhante, um fato de sincretismo religioso, nascido aqui, na senzala do negro, processado aqui, através de tresentos anos.

Peço notar que, quando os escritores adventicios, falam em Umbanda, em outros paizes, não citam nomes, não dizem quaes são esses paizes.

E' uma afirmativa gratuita — sem documentos.

O que é «universal», é o feitiço — o schamanismo — sempre exclusivo e puro (sem sincretismo), em cada lugar.

A nossa Umbanda, tal qual é, no terreiro, é genuinamente brasileira... Só brasileira, nada mais.

Salve!

2ª PALESTRA

(Continuação)

Confrades:

Isto, a que no Brasil chamamos Umbanda, o que vemos em nossos terreiros ou tendas, mediuns vestidos de branco, cantando pontos, cachimbando, dando passes, dando consultas — é UMA MISTURA de catolicismo, de «bugrismo», de espiritismo e de batuque africano; levando ainda em conta que, se o medium — riscar um ponto, estará fazendo um processo kabalístico.

Se faltar um destes aspectos, ENTÃO, JÁ NÃO SERÁ UMBANDA.

O salão, dá logo ideia de um local católico, pela profusão de santos entronizados, velas e flôres; o medium está ou diz estar, «possuido» do espirito de um indígena (cabôclo), ou de um negro (Preto-Velho), logo, isto é espiritismo, comunicação entre vivos e mortos, também, vêz por outra, a pessoa em transe (o medium), diz estar possuido de «Ogum», de «Xangô», de «Iemanjá»; acontece agora, que taes sêres — não são homens, não são espiritos de mortos — são Orixás angelicos que só se manifestam no BATUQUE. Ahi a mistura, o «sincretismo», a reunião de QUATRO CRENÇAS, formando uma só, na mesma hora, no mesmo local, para o mesmo fim.

Este aspecto, esta forma de culto, nunca existiu na Africa ou em qualquer outra parte do mundo.

Gastei 54 anos estudando — relegiões.

Agradeceria, informações que me fizessem mudar de opinião. Sei que ha muitas versões diferentes. Dizem que a Umbanda, tal como é, já veio da Africa.

Não é verdade. Teria — de menos — o cabôclo, que o negro só conheceu aqui.

O proprio negro, não conhecia 49 entidades, que só foram reunidas aqui no Brasil. O negro — não recebia espiritos de mórto!...

Já por ahi, essa afirmativa de Umbanda vinda da Africa, cae por terra, péca pela base; o negro não conhecia o Espiritismo — o orixá não é espirito, é anjo.

O bugre, nunca usou ponto riscado, só conhecido do negro mussulmano e não dos outros.

Cumpre notar.

Aconteceu que o negro «não podia impedir», a existencia dos ESPIRITOS e eles se manifestaram no candoblê do negro, que os repelia, despachando na rua e excluindo o medium, (o filho de santo), como indesejavel; por isto, que ao envêz de receber um «Santo-Orixá», recebia a alma de um morto.

Qualquer pessoa versada, sabe o valor da minha afirmativa.

Eu mesmo convivi, 13 anos com «mestres batuqueiros» e não falo por — ouvir dizer!

Pelo ano de 1896, o Espiritismo estava já bastante divulgado e muitos batuqueiros, frequentavam as sessões de meza dos kardecianos, vendo manifestações, negadas ou não consentidas pelos — paes de Santo, nos seus congás... E, comtudo, o fato existia.

Os aderentes do BATUQUE, que admitiam a comunicação dos mortos, sem — o dispendioso aprontamento — (a iniciação feita no chão), para receber o Orixá, simpatizaram com o metodo mais facil e começaram as sessões, no mato, longe das vistas dos paes de Santo. Nestas sessões, baixaram espiritos de mortos, INDIGENAS EM MAIOR NUMERO.

O movimento revolucionario avolumou-se, cresceu muito e quando denunciado á Policia, pela Igreja e pelo pae de Santo, nos arredores de São Salvador, foram arrolados 8.000 membros e foi no decorrer de quatro ou cinco anos que se foi firmando, o chamado — candomblê de cabôclo —, DIFERENTE E RIVAL do candomblê de negro.

Ahi, tambem verificou-se que qualquer medium — não iniciado no chão —, sem aprontamento, com oferendas e matanças de victimas, sem sacrificio de sangue, tambem podia receber e recebia — o Santo-Orixá-Angelico — que o negro, sempre julgou «previlegio do iniciado nagô».

Inquestionavelmente — ha uma iniciação que transforma o homem comum, em mago (iniciado), facultando aquisição de poderes; não ha negal-o. Entretanto, uma coisa, não exclue senão parcialmente a outra. O medium, qualquer, porque o é, em razão de uma — faculdade organica, recebe o morto, o elemental, o elementar e o Orixá. Ha processos que permitem distinguir e reconhecer as quatro coisas. As pessoas que se dedicaram ao sacerdocio de Umbanda, sabem como é. Aconselhavel não crear «coisas pitorescas» em torno da Umbanda.

Ha, muitos e bons livros de Espiritismo; tambem sobre mitos do negro.

O nosso bugre está em documentos da Historia do Brasil.

Uma Biblia, em todas as mãos. Será, QUANTO BASTA PARA O CRENTE COMUM.

Quando — o intelectual — se interessar pela Umbanda, começa frequentando o terreiro; depois, arma-se do necessario para um curso sobre relegiões.

Chamo á isto investigar — saber.

Si não é assim, permittam que afirme que, não se aprende Umbanda em meza de café!...

Foi o que aconteceu com alguns dos nossos escritores: bôa-vontade e pouco lastro!

Um pouco de senso critico, faz tanto bem dentro da tenda, como fóra da tenda.

A entidade que se comunica, é um sêr como nós; às vezes, sabe mais; outras sabe menos... Isto, não nos desobriga — da função de pensar!

A fé cêga, é uma grilheta; o fanatismo, um grande mal.

A Umbanda é o mais completo de todos os cultos — exteriores —, mais convincente, mais belo, mais consolador e pratico nos seus fins de caridade e confraternisação. Merece todo acatamento e respeito.

Ainda ha, falhas muito graves que o tempo corrigirá.

Agora, os pensadores, vão se interessando pelo movimento.

A cultura, a comparação expurgará de nossa literatura, o lastro residual e inutil que já prestou o seu serviço — na primeira hora. Evitemos um esforço esteril,

sem finalidade construtiva. Não transformemos terreiros de Umbanda, em circo de cavalinhos; manifestações DE HOMENS DE FORÇA, com tombos, rasteiras; ameaças de castigo por parte de mediuns e entidades — turbulentas e mal educadas!

Umbanda, é releição; é coisa sagrada e respeitável; não deve ser — inferior — ao espiritismo, catolicismo e candomblê de negros que, «no mínimo», sabem guardar decôro, compostura e decencia, em homenagem ao respeito que se deve aos outros!...

Quando aparecer um cacique valentão, recebendo — um cabôclo «Quebra-Tudo», a gente convida a tomar um banho morno, uma dose de bromureto E DIZ-LHE NO OUVIDO que está desmoralizando a bôa-fé e crença alheia que é uma coisa — respeitável e sagrada. Se teimar — olho da rua!

« O X O S S I »

I

Confrades:

À partir do monge Luthero, com o livre exame, em 1521 até 1546 quando se traduziu a Biblia para a lingua alemã, ficou lançada a base para a — exegése; seja, a historia das relegiões, que tomou o nome de HIEROLOGIA, que se alicerçou na filosofia e na sciencia, investigando os mitos de todos os povos do mundo, não só entre civilizados, mas, ainda, entre barbaros e selvagens.

Dilataram-se os conhecimentos geograficos. Nasceu a Antropologia. A Archeologia, fundamentou a Pré-historia. Oriente foi discutido pelo Ocidente. Escolas, laboratorios, museus, senaculos e institutos, frutos de pesquisas em cinco continentes, crearam a — sciencia da Natureza e do Homem; mediante novas luzes que, «dissecaram» os velhos livros sacros da Babilonia, da Grecia, do Egypto, da China, do Mexico e da India.

Guerras, conquistas, explorações, viagens, descobertas, invenções; tudo contribuiu para a expansão, alargamento dos horisontes do espirito humano. Congraçamento de povos e de culturas, distanciadas pelos seculos, juntaram-se, numa permuta de impressões, sobre — costumes e crenças; foi, á um tempo, a analise e a sintese, a codificação, a classificação, a nomenclatura, o sistema, a comparação.

Hoje, é possível, estudar uma — relegião —, como quem estuda um animal, uma pedra ou uma flôr...

No nosso caso, o caso da — Umbanda, no Brasil, o mal foi a pressa; o desejo, muito louvável de dar uma sistematização que, nem sempre, obedeceu aos requisitos da emprêza. Fez-se muito, em materia de — devoção e ritualismo e muito pouco, nos demais sectores, daí a confusão.

Confiamos demais, na mediunidade, na manifestação de entidades sem lastro mental, solido; sem capacidade para tratar — de relegião.

Relegião, não é sómente, o ceremonial e o rito, a formula e a oferenda, o santo e o altar. A relegião, sendo um fato animico, espiritual, deve ter, um motivo que o explique. Aqui, a função da Sciencia. O mundo atual não comporta misterios; anseia pela LUZ!

Desde muito vinha sendo projetada, esta elaboração. Falarei sobre «OXOSSI».

* * *

Não quero incorrer no risco de parecer importuno ou desleal.

Revólvi 40 livros e alguns jornaes de Umbanda, em 11 mezes.

Encontrei o seguinte:

Oxossi, é do mato é um caçador, é flexeiro, é São Sebastião; identificação sómente pela fléxa, é Oxum-Maré, é o arco-iris,
Iris, do grego, mensageira da paz,
Mercurio, o Ibeije do negro, inteligencia,
Urano, o maior representante do Céu, para o grego,

Jupiter, o mesmo ZEUS,
Xangô, a justiça, fogo sideral,
Ibeije, creanças, o Cosme-Damião,
São Bartholomeu,
Aimoré, uma tribu de bugres,
Anjo Zadiel, uma Potestade na Kabala,
São Rafael, idem,
São, Gabriel, idem,
Aguê, do gêge, um caçador,
Kibuco, do congo, idem,
Odé, idem, e ainda poeta e cantor,
São Jorge... vencedor do Dragão! São 16 ENTIDADES.

Eu pergunto:

— E' honesto, é isto o que queremos fazer da Umbanda?

Versei 14 escritores, que pretendem conhecer e falar e escrever sobre relegião.

Tomará á serio, um intelectual de bôa-fé, que frequente a Umbanda, que se diz assistida por sêres do mundo espiritual, em se lhe deparando semelhante confusão?

Este caso, não é nosso — é de todo o Brasil.

A — ENTIDADE, quem quer que seja, não nos desobriga da função de pensar... Ha casos em os quaes a Entidade NOS ENSINA MUITO. Em outros casos, nós, é quem devemos — ENSINAR Á ENTIDADE. Foi o que eu aprendi!

Quero ter a delicadeza de não citar os nomes destes escritores.

Quem tiver bibliotéca os encontrará... Não devo dizer mais.

INDIGENAS		NEGROS	GREGOS
DEUSES	ATRIBUTOS		
<i>Tupan-Mohan</i>	o Construtor,	<i>Olorum</i>	<i>Urano</i>
<i>Trin-Magé</i>	o Pae de	<i>Zambi</i>	<i>Zeus</i>
<i>Tupan</i>	que é Deus; o Sol	<i>Orixá-Alum</i>	
<i>Guaraci</i>	a Lua	<i>Oxalá</i>	<i>Apólo</i>
<i>Jaci</i>	quem creou a	<i>Oxú</i>	
<i>Rudá</i>	amor-fecundação	<i>Ifá</i>	
<i>Guirapurú</i>	aves e passaros	<i>Odé</i>	
<i>Anhangá</i>	um caçador	<i>Oxossi</i>	<i>Diana</i>
<i>Curupira</i>	florestas	<i>Oiá</i>	<i>Flóra</i>
<i>Uaiara</i>	peixes	<i>Obá</i>	
<i>Jurupari</i>	os pesadelos	<i>Exu-Bará</i>	<i>Hécate</i>
<i>Uruê</i>	rios e lagos	<i>Oxum</i>	<i>Ondinas</i>
<i>Iara</i>	o mar	<i>Iemanjá</i>	<i>Venus</i>
<i>Cairé</i>	lua cheia		
<i>Catiti</i>	lua nova		
<i>Imboitatá</i>	cobra de fogo		
<i>Urutau</i>	ave de fogo		
<i>Tupá-Canú</i>	o trovão	<i>Xangô</i>	<i>Jupiter</i>
<i>Caramurú</i>	filho do fogo	<i>Ogum</i>	<i>Marte</i>

NOTA: Uma linha de OXOSSI, incorpora como Entidades, o nome de várias tribus de bugre: Tupis, Tamoios, Aimorés, Guaranís, Peles Vermelhas; Jurema, Arariboia, Urubatão.

MERCURIO
SATURNO

IGREJA	JAPÃO	MÉXICO	SCANDINAVIA
O Pae	<i>Izánagui</i>	<i>Tohil</i>	<i>Odin-Wodan</i>
o Filho	<i>Izanami</i>		<i>Vé-Magur</i>
o Espírito Santo			<i>Vil</i>
	<i>Amatarasú</i>	<i>Kunicharkarmô</i>	<i>Balder</i>
N. S. da Conceição	<i>Tisuri</i> <i>Beutem</i>		<i>Iduna-Gefiona</i>
S. Sebastião		<i>Man</i>	
Santa Catarina			
o Diabo	<i>Tenis</i>	<i>Balan</i>	
		<i>Xatabai</i>	
N. S. Navegantes	<i>Suzanovo</i>	<i>Quetzalcoatle</i>	<i>Tréya</i>
S. Jerônimo		<i>Kurukam</i>	<i>Thôr</i>
S. Jorge	<i>Bishyamon</i>	<i>Ahchujicar</i>	<i>Freki</i>

NOTA: Neste quadro o ponto de partida foi a teogonia do bugre, as duas primeiras colunas (19 entidades); se tomássemos para o caso o panteon do Negro, a comparação seria bem mais vasta, por isto, que é uma teogonia mais rica, podendo abranger 30 entidades; sendo que em 7 que são — seriadas, já teríamos 49 subordinamos a essas — comparações.

* * *

Relegião comparada, é sciência. Queremos comparar todos os mitos e, por vêzes, não temos — um motivo — de comparação, capaz de entrar no quadro.

E' bem o caso de OXOSSI; que não é o unico.

O SATURNO e o MERCURIO, mitologicos, estão fóra das cogitações do negro e do bugre que, — isolados — nunca fizeram taes comparações. Não sabemos quaes são os seus ORIXÁS...

Um, é o TEMPO, filosofico, em abstrato; outro é o MENTAL SUPERIOR, RAZÃO, INTELIGENCIA, imaginação, creadora, comercio, diplomacia; sem referencia entre selvagens.

Surgiram, aqui no Brasil, «comparações forçadas», que a HIEROLOGIA não admite.

O quadro que juntei à esta elaboração, — é historico.

Tem falhas que não pude preencher.

Tomei por ponto de partida a teogonia do bugre, os deuses e seus atributos.

Versei cinco póvos e a Igreja, no sentido historico.

Sei que ha — quadros completos — que não posso aceitar, por falta de justificação. No futuro a Umbanda os completará — com documentos ou não completará. E' pouco importante. O importante é não falsear o sistema, dizendo uma cousa por outra.

Tendo em vista o quadro do bugre, o negro nos dá 14 comparações entre 19; o grego da mitologia, da 10; a Igreja dá sómente 9; o Japão 8; o Mexico tambem dá 8; a Scandinavia tambem dá 8.

Entregar a Umbanda «á orgia, á irresponsabilidade

de alguns dos seus escritores, é coisa com a qual não quero me conformar. Prefiro esperar.

Sempre haverá tempo para reformar opiniões apresadas.

Tomemos os SANTOS, ENTIDADES, CABÔCLOS, PRETOS-VELHOS, ORIXÁS — por aquilo que eles dizem «que são»; é a fé... A — indagação — é bem diferente!

Eu continuo afirmando, que nenhuma relegião, é só relegião. Umbanda, tangencia, com outros sete sistemas. E' relegião; mas, é também Magia, Sciencia, Filosofia, Historia e Arte! Eu sei que é! Sabendo, não posso falsear a missão que assumi perante os meus amigos. Só cabe uma coisa, pedir um grande perdão aos homens!

O meu Mestre, me perdoará!...

« O X O S S I »

II

Confrades:

Várias vêzes tenho sido abordado e pedem-me os interessados que trate a biografia de Oxossi. Já tentei.

Dentro dos limites da documentação que versei, encontrei enorme dificuldade. Cataloguei 16 denominações para este SANTO.

O caso de Oxossi, não é o mesmo de Ogum, de Oxalá, de Iemanjá ou de Xangô.

Convenhamos em que o negro e o bugre, isolados, tiveram como bem pondera Haddock Lobo, uma relegião para «sentir» e não para «pensar»; não fizeram comparações.

As analogias surgiram nas senzalas, nas noitadas de convivio com o portuguez iletrado e catolico, resultante de um — meio, um ambiente, não encontrado antes.

Para o negro, «Oxossi» é um caçador, uma divindade do mato, protetor da floresta e da caça, companheiro de Odé; também caçador, um tanto cantor e poeta cuja voz seduziu Otim, uma bela virgindade da selva.

Alguns terreiros tem-no dado como santo da peste e da guerra; um tanto quanto ligado á linha dos Exus e O CULTUAM NA RUA, NO FUNDO DO QUINTAL.

Vemos, então, que a proclamada unidade dos ritos negros, tambem tem suas falhas e é natural. Bem sei.

Hoje, na Umbanda, surgiu — uma linha de Oxossi, onde figuram: Jurema, Tamoios, Aimorés, Guaranís, Tupís, Rompe-mato e Sete-Encruzilhadas. Cada um com o seu «ponto» particular, cantado ou riscado.

Pergunto: como contestar isto?...

Como interromper, como repelir a função de uma ENTIDADE ESPIRITUAL?!...

Tambem não sei!

Constato que na exegése, SATURNO e MERCURIO, NÃO ESTÃO REPRESENTADOS NOS MITOS NEGROS e menos pelo aborigene. Desprovidos de capacidade de — abstração, primarios e rudes, não endozeram, a imaginação creadôra, (a mente) e o Tempo.

O Ibeije, do negro — é o SIGNO não o Déva planetario; regente do «raio cosmico».

O Oké do negro, é resistencia, duração, pedra, montanha; não é o TEMPO, no sentido filosofico; não é o CRONOS, do grego culto.

São questões! Devo, permanecer fiel, á historia dos mitos.

Um «iniciado», poderia dizer, outra coisa; mas, eu — não o sou!...

Que relação poderia haver, entre o martir Sebastião, capitão de cohorte, elevado ao comando da guarda de Diocleciano, convivendo entre patricios romanos e um caçador selvagem?!...

Nenhuma!

O negro da senzala, viu na imagem de Sebastião, — uma fléxa... Logo, tem flexa, é caçador; sendo caçador é do mato; sendo do mato: é Oxossi!...

E assim ficou!

O historiador, que o seja, lembrando Haddock Lobo, ao contrario do negro — não quer, uma relegião para sentir; quer — um roteiro para «pensar». E' diferente.

Não considero Oxossi, como um grande Déva planetario. Será um Déva secundario, «subordinado» da

Lua e de Saturno; senhor da selva; instinto, paixão, emoção, mente inferior, na formação do QUATERNARIO HUMANO.

Prefiro esta lealdade, que posso documentar com a HISTORIA, do que colocar o crente «numa via falsa» e contestavel perante a critica.

Mudando o aspecto de quanto vae dito, quero afirmar que, as «ENTIDADES» que se tem manifestado nos terreiros de Umbanda, nesta linha de Oxossi, terão tido — um motivo — para fazel-o. Este motivo QUE ESCAPA AO HISTORIADOR, póde ter ,tem de certo — uma causa devocional, mistica, espiritual.

Quem de nós, terá penetrado até lá?

São 400 anos de identificação, entre Oxossi e São Sebastião! Uma imantação, uma aproximação mental, — magica — que ligou, os dois mitos em um só... Sabemos o valor destas coisas. Estou certissimo de que, quem quer que evóque Oxossi, verá a imagem de São Sebastião.

E' uma lei, uma faculdade da mente creadôra do homem!

Outro tanto, acontecerá com os sêres, (cabôclos), de sua linha.

O medium, porque o é, portador de uma faculdade organica, recebe o cabôclo e póde, sem sombra de duvida, receber — o proprio ORIXÁ... O negro, contesta; eu afirmo!...

O Orixá, baixa em quem é pronto E EM QUEM NÃO E' PRONTO.

Ha gente, — iniciada — no «aprontamento» do negro, em quem não baixa nada!... E' simples. Não são mediuns!

Eu me insurjo contra — a mestrança — de uma cultura mal digerida.

Convido a observar.

E' só! Que outro homem, vos engane. Eu não posso fazel-o!...

Digo que, a Umbanda, é serio e transcendente... Nada mais!...

Ha sete linhas de — sêres espirituaes — que evoluem junto com o homem.

Qualquer deles, pôde, actuar e actua, — sobre o homem; em maior ou menor grau.

Os grandes iniciados, sabem disto e o tem ensinado.

Neste sentido, ainda não foi dita, a última palavra. Por isto, tenho ensinado que a Umbanda, é o mais completo de todos os — cultos exteriores. Nós temos os mórtos, os vivos, as larvas mentaes, os elementares, os elementaes, os Dévas, os ORIXÁS; bons ou maus, sublimes ou degradados; tudo isto, junto de nós; em torno de nós, actuando — sobre nós!... Foi o nosso orgulho, a nossa estupidez que nos inculcou, como os reis da Creação.

Não é assim?

A Natureza, é bem mais vasta do que imaginamos. Nós somos — um REINO; ao lado de outros seis. Por certo que ha, muitos sêres, inferiores ao homem; mas, tambem, ha o reino angelico, que lhe é superior.

Retornemos:

A Gregia, não tendo selvas, não teve uma divindade do mato. Pan, Vertuno, Silvano, Fauno, Pómona, Aristeu, são o agro, colheitas, jardins, searas, pomares, dentro da Civilisação. D'ai que, nem sempre ha analogia com os SANTOS do negro e do bugre.

O capitão Sebastião, em 287, frequentando as cacumbas na metropole mais civilizada do mundo, com catedras, escolas e monumentos, nunca imaginou que seria o — chefe de linha, de uma cafila de bugres selvagens, no coração da America e só descobertos, 1200 anos depois

O bugre, tanto quanto «o grego», não têm — uma divindade do mato... Já, todos são do mato e na puberdade são guerreiros e caçadores. Nem em face da historia, nem da mitologia, se justifica, a — criação — de Heraldo Menezes, QUE TRANSFORMOU OXOSI EM AIMORÊ.

Serão, manifestações de terreiro; historia e mito é que não!

Relegião para «pensar» e relegião para «sentir»!... Nós sentimos que Oxossi é São Sebastião?

Está bem! Salve Oxossi!...

Ha 400 anos, és o — patrono — o anjo tutelar, o protetor e o amigo, o guardião da alma, e do coração do Brasil!

Esta, será a tua missão, que não discuto. Então, o meu Saravá!...

Salve Oxossi!...

Salve São Sebastião.

«IROCÔ SÃO FRANCISCO DE ASSIS»

Palestra efetuada em 4 de outubro

na Tenda dos Franciscanos

Página dedicada a irmã Nadir Leite,
símbolo de dedicação aos outros.

Porto Alegre — 1955

«IROCÔ SÃO FRANCISCO»

Meus confrades:

A vossa festa, é tão grata ao meu espirito, quanto ao vosso.

Reunidos aqui esta noite, estamos prestando a nossa homenagem a um dos grandes seres da humanidade — o apóstolo da pobreza. E' um bem. Aceitae o meu louvor.

Um santo não é o privilegio de uma seita qualquer, é um patrimonio humano, é do céu e da terra; é de todos.

A Umbanda, continua a grande missão da Igreja e do — negro de senzala, lançando uma ponte no terreno do ESPIRITISMO de Kardec.

O catolicismo, repudia e combate a teoria da reencarnação e a comunicação com o morto; não admite um mundo de — seres intermediarios — entre o homem e Deus.

Pois bem, aqui está a grande missão da Umbanda, como CULTO POPULAR E EXTERIOR: propaga, estas tres coisas — a reencarnação, a comunicação e o ORIXÁ!...

Não é catolicismo; não é espiritismo; não é CANDOMBLÉ! Eu sei que não é... Mas, aqui, está um santo entronisado... A alma do Preto-Velho, que é um morto, «em comunicação» e o ORIXÁ do negro que é — um DÉVA, ou um ELEMENTAL santificado; com o nome de IROCÔ!

Quem fôr bastante sabio, que fique — com um d'eles — eu abraço os tres!...

Eu não sou umbandista, porque não sou nada! A relegião — não está no rotulo; está no coração...

Quando a gente não é nada, está com todos... Estando com todos — estará perto de Deus!...

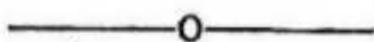
Não será assim?

IROCÔ!... Santo de negro da selva bravia. Abá!... NEGRO-VELHO!... Homem sofredor, que vens comungar comnosco! SÃO FRANCISCO DE ASSIS!... Apostolo da pobreza! Salve.

Estamos aqui. Onde está o nosso corpo, está a nossa alma — o nosso coração! Gajulô! ORIXÁ!...

Aceitae a nossa homenagem!.

VIVAN DEUS!... Saravá pra os TRES!



Irocô! Grande São Francisco! Tu viveste pelo coração. A cada pobre, um pedaço de pão ou uma lagrima de piedade e comiserção.

Decorrem 700 anos. Os pobres, todos os dias, ainda batem nas nossos portas!...

Uma civilização brilhante, com monumentos, senaculos e catedras... Com arranha-céu, navios de guerra e aviões á jacto... Com palacios de industria, imprensa, radio e televisão; ainda tem miseraveis!...

Uma Sciencia, portentosa, investigou o céu, a terra e o mar!...

O mundo moderno, tem possibilidades, de sustentar, TRES HUMANIDADES COMO ESTA... Pode dar pão, instrução e abrigo — para todos!...

E' tempo de pensar!...

Sacerdotes, mitrados! Politicos, desbriados! Generaes, empenachados!... E miseraveis que estendem as mãos!...

Pensemos em Deus! Pensemos — nos problemas sociaes!...

Loucos, doentes, desajustados, fascinoras, velhacos, ladrões! Caridade — Solidariedade! Relegião e LEI!...

A civilização moderna, deve combater a miseria, como combate o cancer, a tuberculose, a febre amarela, o tifo e a malaria...

O pobre, foi um problema das relegiões... Agora, é, ou deve ser, um problema da — SOCIEDADES DAS NAÇÕES!... Um problema da PAZ!... Da PAZ UNIVERSAL!...

A CONSCIENCIA DO HOMEM ACORDOU. Onde não bastar o asilo e o hospital, crearemos o campo de recuperação do fracassado; a officina, a escola, »a cadeia«, que é tão bôa para o ladrão vulgar, quanto para o vagabundo e o arrivista explorador, de gravata lavada!...

A hora actual não comporta — parasitas —, vivendo do esforço dos outros! Nisto, tambem vae, — uma grande caridade!

Falemos disto, ao padre, ao pensador, ao jornalista, ao politico, ao homem de Estado. E' tão nobre, pedir pão e dinheiro, quanto é nobre pedir JUSTIÇA, REGULAMENTOS e LEIS!...

O miseravel, é uma NODOA» na civilização.

Confrades, a luta pelo POBRE, é a luta pelo DIREITO! Não ha outra!...

Nasceu o grande místico, Francisco de Assis, em 1182 em Umbria, na Italia. Não se trata de um nascimento de nobres. Foi um filho de comerciantes ricos, meio termo, entre a nobreza e o povo.

Ainda jovem, ligou — pouca importancia, ao seu nascimento, de homem rico. Renunciou a todos os bens paternos.

Porque ha ricos e pobres ha miseraveis?

São, dois grupos, divididos. Quem tem tudo e quem não tem nada.

Ele, era um crente, das coisas divinas. Entre o rico e o pobre, preferiu o pobre.

Era — uma vocação. Convicto, fez-se religioso. Inteligente, educado, poz, todas as suas faculdades ao serviço da pobreza.

Foi, budhista, sem o saber. O mal do mundo, — é o desejo da posse de coisas!

Frade, repeliu, qualquer comodidade. O frade, só tem, uma riqueza material — o pobre. Dando tudo ao pobre, estaremos mais perto de Deus.

Assim, Francisco de Assis, fundou a ORDEM dos FRANCISCANOS. Em 1226, aos 45 anos de idade, Francisco de Assis, morreu. Morreu, mas deixou ao mundo, como uma herança sagrada, o dever de acudir aos miseraveis.

Em nome da Igreja, o mundo se encheu de hospitaes, asilos, crèches, reformatorios, conventos. Era a piedade Não bastou!

Depois da «Encyclopedia», a França rediviva de 1789, proclama — os direitos do homem!

Já não é o Evangelho, é o Código. Já não é um favor religioso, uma esmola!...

Não!

É um dispositivo legal, um **Direito em face da vida!**...

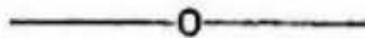
São Francsico, triunfa. Sua obra, é a cogitação de pensadores; o proletario, a mãe, o doente, o louco, o fascinora, o ladrão, a prostituta, a creança, o invalido, estão agora ao amparo da Lei... Trabalho obrigatorio, ensino escolar, assistencia social, auxilio natalidade, aposentadorias, abonos, pensões. Não é mais, uma questão de frades. **E' O MAGISTRADO, E' A TOGA, E' A LEI!**

Já não se trata da sacristia e do convento, da esmola na porta do templo; do resto de comida que se dá no corredor! Não! Por Deus! E' a legislação de todos os povos, é o «Tribunal da Lei do Trabalho» — a Justiça social, marchando para um mundo melhor! O legislador, o sabio, o politico, o sociologo — são franciscanos; sabendo ou sem o saber!

Salve IROCÔ! A victoria é tua —

Saravá!...

Agô! Abá!



Confrades:

Eu sei rezar comvosco, porque, muitas vêzes, a minh'alma se comoveu ante uma pedra ou uma flôr!...

Sei perdoar o ladrão, e beijar as mãos da prostituta e do ateu!

Sempre vivi curvado, ante o que é belo, nobre e bom!

Que importa um rotulo!

Isto, também póde ser — uma grande caridade!

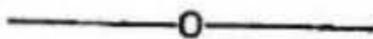
Aprendi a cultuar Francisco de Assis... Mas, de um modo igual, reverenciei Loyola, Ernesto Haekel, Augusto Comte, Tolstoi, Victor Hugo e Francisco Ferrer!

Esses gigantes do pensamento, vêm atravessando a Historia, com um facho de luz nas mãos!

O homem — separa e divide!... Deus, não!

Salve Francisco de Assis!

Já o proprio lobo, era teu irmão!



Confrades, amigos...

Ha, duas bestas, — apocalypticas.

A besta humana e a besta divina!...

Uma, é a inveja, a exploração, a miseria, a luxuria, o sexo, o PODER! O homem, humilhado pela ignorancia! A mãe faminta, com um filho nos braços! O falsário, a prostituta, o ladrão!

A officina — sem escola! O lar, — sem instrução!
A cabana do miseravel, sem luz e sem pão!

A outra, «a besta divina», é que não tem nada e não quer nada!... Mas, olha o Céu e pede misericordia!

Pede justiça e piedade! Compreensão!

Esta, a missão de Francisco de Assis!

Besta apocalyptica! Besta divina! Que estaes presente no soluço de todos os torturados... Na lagrima quente de cada infeliz que chóra em silencio... No ranger de dentes de todos os revoltados!...

IROCÔ!... Este desbafo, tambem é uma prece!
Eu estou de joelhos!... Eu estou beijando as tuas mãos!



A Umbanda continua a sobrevivencia das culturas negras.

No Brasil inteiro, ninguem separou a Tenda do umbandista do «pegê» do batuqueiro.

Quando o negro conheceu o culto catolico, identificou São Francisco, com IROCÔ, o santo da figueira; enquanto OXOSSI é a mata em geral.

Na concepção das misticas primarias, tudo o que tem vida, tem pae e tem mãe e um espirito protector; fato que harmonisa esses mitos, com a concepção ROZACRUZ.

Demais, vemos na Mitologia grega, as arvores consagradas aos deuzes e heróes.

A OGUM, Marte, foi consagrado a carvalho; a JUPITER, Xangô, a canforeira e a oliveira; a MERCURIO, por sua eloquencia como artista da palavra, consagraram-lhe o loureiro; a SATURNO, o cipreste. O scandinavo, consagrou o freixo, arvore que póde atingir 40 metros, ao homem; e a roseira, à mulher.

Na Patagonia, o deus das florestas, é KAMANTU; no Mexico, é MAN; na Chaldéa, é NIMIN; para o nosso bugre, é CURUPIRA.

O Indu, tambem admite um deus das arvores, é VRIKSADEVATA.

Para o grego, toda grande arvore tem a sua HAMDRIÁDA, vestida de verde, ostentando formosa cabeleira.

O nagô, para as colheitas e sêaras tem ainda DADÃ e OKÔ e IFÃ.

— Havera uma razão legitima para taes aproximações em tantos póvos do mundo?

Não sei. — E' um endeosamento DE FORÇAS E DE SÊRES.

O primitivo, terá sentido assim; explicou mal ou não explicou.

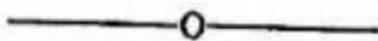
Contento-me em constatar que o negro não esteve só. Não. O Chinez, tambem faz de uma arvore, um templo, no qual deposita ao longo dos caminhos — oferendas votivas e consagrações e óbulos.

Na Bahia, um senhor de escravos, mandou um negro derrubar uma figueira. O negro recuzou — prefiro morrer, meu senhor... Não! Não levantarei o meu machado contra IROCÔ! Um outro escravo, obedeceu; cortou a arvore e morreu.

A «Sciencia Secreta», dos — sanctuarios — confirma, a concepção do negro: o minerio, o animal e a planta, têm de facto «um espirito protector».

No ritual nagô, não é frequente a baixa do SANTO-IROCÔ; a figueira que o representa, é por vêzes, o sanctuario onde são recolhidos os simbolos de OGUM, OXOSI e EXU. Quando IROCÔ baixa, oferecem-lhe galo, fumo e vinho branco. O dia de consagração é terça-feira. Nas guias ou no vestuario, admite todas as côres.

Durante a incorporação, assobia baixo e continuamente. Sempre invocado como santo curador e em assuntos de caridade.



A sciencia chamou FITOLATRIA, ao culto da arvore espalhado em todo mundo.

As vêzes, a arvore E' O PROPRIO SANTO; outras, é apenas o — altar. Com frequencia, em lugares solitarios, destacam-se as figueiras. Propagada pelos passaros a semente cae, ás vêzes, sobre um bloco ou aglo-

merado de grandes pedras. As raízes adventícias, da planta, vão envolvendo o bloco, tornando-se uma árvore de grande magestade. Os galhos horizontalizados, podem atingir um perímetro de mais de 150 metros.

Junto da figueira, o viajante cansado, tem a sensação de acolhimento, de abrigo, de silêncio, de serenidade e de paz. Nunca, como junto de uma figueira, foi tão expressiva a frase de São Francisco: — a nossa irmã árvore!... Pois, para aquele místico, todos os seres eram irmãos; mesmo o insecto e a flôr.

— Nosso irmão Sol, nossa irmã a água, a Lua; nosso irmão lobo. Essa mensagem fraternal e amável, do grande santo, que transcendeu o homem, indo ao animal e a planta, é bem o espelho da alma do monge de Assis. Para o seu tempo, era um predestinado ou um louco.

Na época em que o Santo viveu, o BUDDHISMO ainda não era conhecido na Europa e só o foi, em 1250, com o viajante Marco Polo e comtudo a sua mística foi oriental. Foi!

Em 1226, só ele, teria dito: a água, a árvore e o lobo, são meus irmãos! Na sua santidade, a afirmativa revolucionária e panteísta —, foi tomada como força de expressão. Comtudo, os «PURANAS», a mais velha escritura da Índia, também afirma: o rochedo, o ninho e a árvore, são iguaes... Tudo é Deus, porque Deus é tudo!

A morte da alma, E' O DESEJO; teria dito Buddha e Francisco de Assis repetio: queres um breviário? Cuidado, quando tiveres o breviário, podes desejar que alguém te o ponha — ao alcance das mãos!... Sim!

Se tu queres tudo, então, não tenhas nada! Não ter

nada é estar junto de Deus! Esta doutrina, ele predicou e viveu.

Pobreza franciscana!... Não, por Deus! Riqueza franciscana, é o que é!

Os pobres somos nós, os que andamos em busca de bens materiaes; porque a RENUNCIA não entrou na nossa devoção.

Salve, São Francisco de Assis...

Salve, IROCÔ.

Salve, IROCÔ!

Saravá!

Salve os teus irmãos em Christo, na Umbanda, na QUIMBANDA...

Saravá!

«COSME - DAMIÃO»

Festa de 27 de Setembro

Tenda N. S. da Glória

Porto Alegre
1955

«COSME - DAMIÃO»

Confrades:

Pela primeira vez, a minha tenda me coloca numa dificuldade: falar sobre os santos Cosme e Damião.

Cosme e Damião eram arabes, dois sobreviventes de um parto de trigemeos; o terceiro irmão, recebeu o nome de Daum e morreu.

Filhos de Teodata, mãe christã, receberam educação aprimorada e estudaram medicina. Viajaram muito.

No seu officio de medicos, propagavam o christianismo, entre pagãos. Nada cobravam pelos seus serviços. Alvos de grande popularidade, despertaram a atenção de Diocleciano, que no tempo, era o perseguidor dos christãos.

Estavam na Cicilia, na povoação de Agra, quando o governador romano, Lisias, mandou prendel-os.

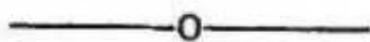
Depois de atormentados por castigos, acusados da pratica de curandeirismo, foram decapitados no ano 303. Os seus restos mortaes foram mais tarde transportados para Cyra, uma cidade da Syria e ali se lhes dedicou um Templo. São venerados em todo o mundo christão. A Igreja fel-os patrono dos medicos e das creanças e passaram ao calendario, que lhes consagra o dia 27 de setembro. Até ahi, o Catoliscismo; biografia, não um mito.

Para nós, Cosme-Damião é IBEIJE, signo zodiacal de MERCURIO.

Todos os factos cosmicos universalizados, como forças inexplicaveis, crearam mitos iguaes por toda parte, com a mesma significação. Por vêzes a analogia é forçada: caso de Saturno e de Mercurio. Um é o tempo, abstracção matematica, o outro, arte, imaginação creadora, mental concreto, sem significado para povos primitivos.

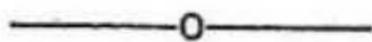
Ibeije é imaginação creadora, pela mesma razão que OKÊ, é montanha, pedra, duração, mas, não é, o tempo matematico, o CRONOS, do grego. Quando — um homem-primario —, movido pelo medo e pela fé, «endeósa» uma FORÇA, jamais pensa em comparal-a com outra, por isso, — que não conhece, essa outra.

E' a cultura, quem aproxima os DEUSES uns dos outros; d'ai que nem sempre se correspondem. Isto, é HISTORIA.



No aspecto kabalista, as côres de IBEIJE seriam: negro, marron, vermelho, alaranjado e amarelo. Ofer-tam-lhe, nas praias, mel, doces, frutas e flôres.

Não aceita — sacrificio de sangue. Dedicam-lhe, pombos brancos vivos.



No culto do negro, o empenho sincretico de encontrar sempre um — simile —, achou IBEIJE, uma dupla, cuja função é a protecção das crençaas. Mas, não fica nisto; ainda IBEIJE, é por excelencia, o protector dos intellectuaes. Comercio, diplomacia, professorado, letras, oratoria, tudo isto, o negro no seu rito primario, remete á protecção de IBEIJE. Ibeije para a ASTROLOGIA,

é o signo de Geminis. E, Geminis, na ASTRONOMIA, é Castor e Polux, os filhos de Leda com Jupiter. Caso unico, na teogonia do negro; em que — O ORIXÁ —, não é o regente planetario do signo.

Porque?

Não o sabemos. Não o explica a relegião comparada.

Mercurio, o patrono dos intellectuaes na astrologia, nunca foi evocado pelo negro, nem pelo bugre. Concebe-se que Mercurio, alta expressão da imaginação creadora, não teria um lugar em cultos primarios, incapazes neste caso, da capacidade de abstracção.

Entretanto, com esta mesma função intellectual mercuriana, o babilonio nos dá NABU; o egypcio NEITH; o mexicano IXCHABEL; o escandinavo VIDAR e o indu, como regente, AGNI e para o signo, PAVANA. Serão grandes questões ... A KABALA nos deu HOD = MICHAEL. O YORUBANO, na sua mescla de Oió, Gêge e Gexá, não admite — a baixa — de IBEIJE. Sua manifestação é sempre indirecta; nenhum «filho de santo» receberá IBEIJE. Entretanto, na mistica BANTU, em cujas manifestações, baixam orixás e espiritos de mórto, é admitida, aceita e festejada, a baixa de Cosme-Damião, como sendo IBEIJE.

Em alguns terreiros do norte, essas manifestações se tornaram «orgiacas», desordenadas, inconvenientes, abusivas, tumultuarias e chamaram a atenção da Policia...

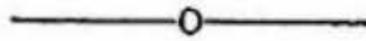
Os visitantes saiam da Tenda, atropelados, sujos, rasgados.

Consigno, não discuto.

Em Umbanda, E' HABITO ADMITIR TUDO; até

ao momento em que tenhamos — uma nórma, um rito codificado.

Será função de sacerdotes; ao historiador, cabe dizer o que vê.



Meus amigos...

Quem não terá grande alegria, num dia como este, vendo revoltear um bando de creanças?

São nossos filhos ou são os filhos dos outros...

— Que importa?

A creança é a continuidade, é a sucessão; seria — a imortalidade biológica, se não tivéssemos a imortalidade espiritual. Em face de uma creança que sorri, nunca sabemos o que podemos ter diante de nós...

O futuro pode ser uma tumba raza ou um carcere! Pode ser a consagração dos grandes senaculos ou o bronze votivo das praças públicas... Esta cabeça, que sorri, pode estar amanhã coroada de rosas ou de loiros. Será uma noiva ou um heróe. Quem sabe, terá mesmo a luminosidade suave da auréola de um santo! Tudo, pode ser. Daí a nossa responsabilidade.

Tudo isto, é Cosme-Damião?

E' Ibeije?

Não sei!

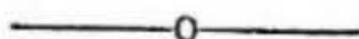
E' a creança, tanto basta...

— Que importa uma FORÇA, um DEUS, um MITO qualquer, perto ou longe de nós?...

Importa, «o fato social», o ser pequenino, vivendo ao redor de nós... Esse fato de consciencia —, cogitação do crente e do atêu!...

Quero louvar, quanto está feito no sentido — do

DIREITO DA CRENÇA: louvar, agradecer e pedir muito mais!...



Muitas vezes, eu tenho de falar, quando desejaria calar; porque não sei mentir. Não é bastante festejar, é necessario — construir!

A melhor festa da creança, não é preparar-lhe uma distribuição de brinquedos, nem um banquete de doces. Muito menos, a «feitura de crèches», confiadas á caridade publica e á mãos estranhas. A creança só póde ter e deve ter, uma guarda natural — E' A MULHER MÃE, AMPARADA PELO CODIGO.

A perfeição das leis sociais, atingirá um dia, uma fase, em que não mais haverá mães miseraveis. Bem póde ser!

Estamos cooperando num ludibrio, em que o Estado regularmente constituido, quero dizer « MAL CONSTITUIDO, reléga para a relegião, a sua função juridica, de amparar o orfão e o miseravel. Isto, é uma função de causas e não de efeitos. E' função de legisladores e não de filantropos!

Coloquemos a cabeça acima do coração. Ha 2.000 anos, nós falamos de caridade e ainda ha homens dormindo ao relento e comendo pela esmola do sentimento publico...

E nós falamos de Deus, de progresso, de civilisação! Esta festa de riso de flôres, não ilude em mim, um problema, de alta gravidade.

A «barbarie» creou o pobre, de quem a «civilisação» fez o miseravel!

Entre os «selvagens», não ha pobres!

A Civilização vive de contrastes, é o deslumbramento e a tréva; o brocado e o farrapo; o ouro e a lama.

No meio do seu esplendor ha um residuo — de anormais, de desajustados, de párias.

A cada passo se nos depara o fascinora, a prostituta impubre e o ladão adolescente, ao qual faltou um professor, «uma cadeia», ou um lar!

Não creio que um Francisco de Assis, resolva taes problemas. Ao contrario, dia á dia, este problema se agrava.

E' cogitação da imprensa de todo o mundo. E' um problema da magistratura, em que a função do juiz, é bem mais ingrata do que a função do padre. Aqui, o DIREITO, supéra a ESMÓLA!

Ha equivalencia, nesta equação da matematica social. E' bom educar a creança... Bem melhor, seria educar o adulto; «despertar a consciencia do legislador», acordar o detentor do Poder; senão o unico, pelo menos — o maior responsavel! Nós o faremos. Estamos fazendo todos os dias, em todos os póvos. São as reivindicações de classes, as luctas das ruas, as gréves, os golpes de Estado.

O homem rezando, ao trôar dos canhões!... Que a alegria de que estamos possuidos, não sufoque em nós, a lembrança do nosso dever. Sei que não se trata de uma festa de caridade; sim de regosijo.

Então.

Falei demais, para um dia de festa. Os santos, cujo martirio estamos comemorando, sabem que estou cumprindo um dever.

Ao lado do sentimento religioso, coloco, um proble-

ma social. O problema de qualquer pae onde qualquer mãe aqui presentes.

A creança de hoje, será o revoltado de amanhã. Não depende de flôres, nem de préces em um templo qualquer. Depende de clamar — em voz alta —, por dias melhores.

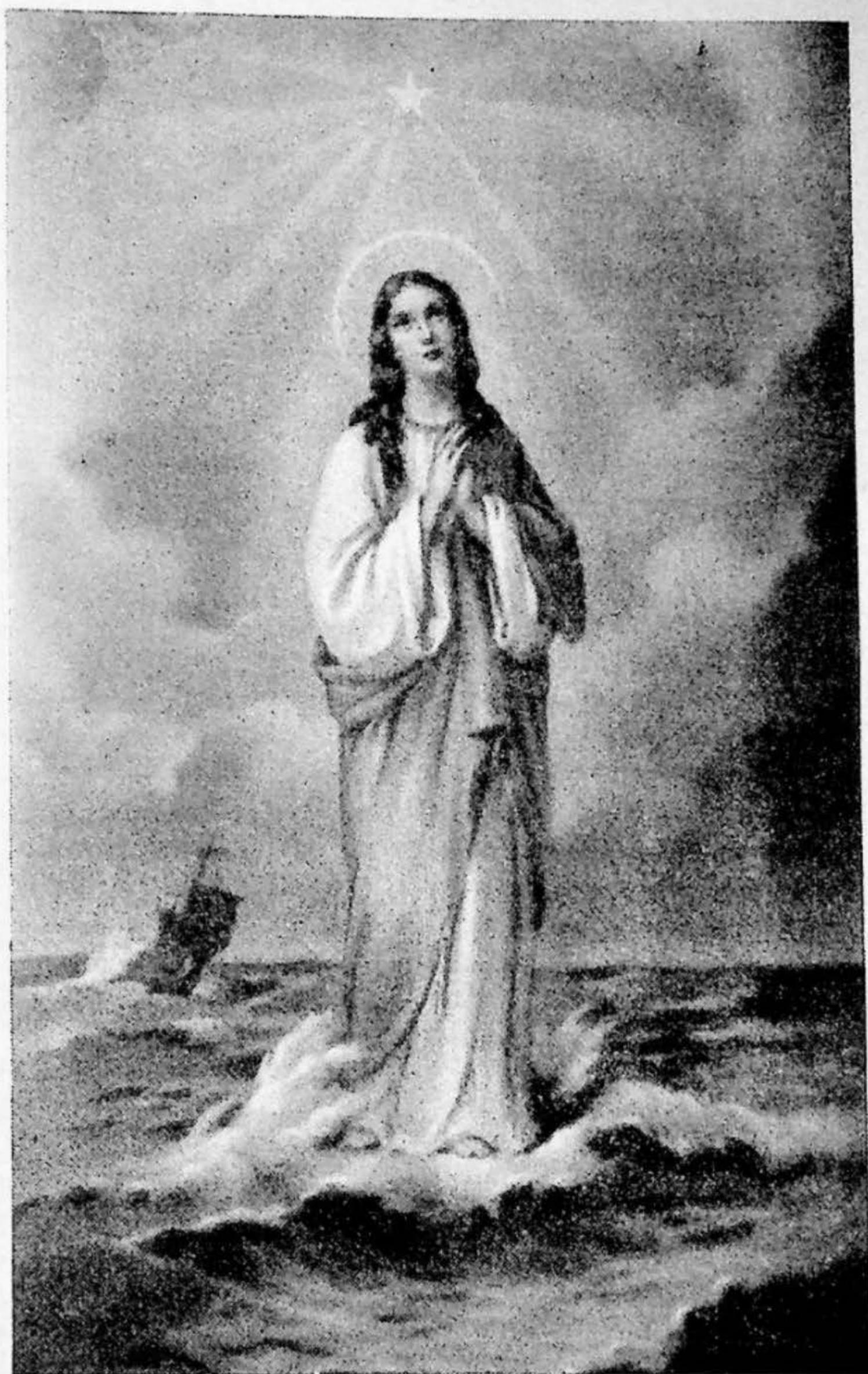
Pelo menos, «vamos sonhar» pelo futuro, por uma civilização sem orfãos, sem mendigos, sem miseraveis!

Justiça social! Nada mais!

Esta, a minha homenagem a Cosme-Damião.

Que a creança feliz, de hoje, tendo pae e tendo mãe, não tenha amanhã ante os olhos aflitos, o quadro doloroso da creança sem amparo e sem lar. Eu sei que ha um sentimento de caridade e misericordia, que quero sempre louvar. Mas, sei tambem que ha uma noção de cooperação, de justiça e de direito natural. Juntemos — o sentimento e a noção... Um é o Evangelho, o outro é o Código... Eu abençôo os dois, colocando ambos — no mesmo altar!

E, neste altar, estou depondo uma flôr.



Homenagem a Iemanjá

« O X U M »

Confrades:

Um velho problema para mim, abordar a serie de grandes entidades do Batuque e da Umbanda.

OXUM é tão ligado, ao mito de Iemanjá. Ambos podem significar o aspecto feminino da Naturêza, a Lua, a Grande Mãe, as Aguas, Geração, Fecundação; tudo isto, a que o negro chamou OXU.

OXU, é a lua, OXUM, uma deusa do rio. Seria a divindade da superficie das — aguas — emquanto Iemanjá, seria o meio e Nanan, o fundo.

Nem sempre o negro distinguiu entre o rio e o mar. Sabe-se que Oxum, com Inhansá, partilhou o leito de Xangô.

Inhansá, mãe, abandonava os filhos ao cuidado de Oxum, quem os criava.

Assim, Oxum representa sempre, «maternidade» o que não impede ser representante da faceirice, juventude, alegria e beleza, pelo que em se manifestando pede brincos, aneis, pentes, espelhos, fitas e braceletes.

O nosso bugre, tambem não fez grande distinção entre Iemanjá (mar) e Oxum (rios, cascatas e lagos); falou de IARAS e URUEË, que frequentam os rios e o mar.

Oxum, é seriada. Ha um grande numero de Oxuns familiares dos pântanos, ribeiros, fontes, banhados. Agora, na Umbanda, nós falamos em — cabôclas — do rio

e do mar, que serão manifestações de terreiro que, em muito, contradizem dados históricos e mitológicos.

E' certo, que o negro das montanhas e desertos não conhecia Iemanjá, francamente marinha e não uma deusa fluvial.

Como Oxum, é sobretudo «mãe», simbolisaram-na em Nossa Senhora da Conceição e aqui no Brasil, foi, francamente separada de Iemanjá, simbolizada em Venus.

O grego, civilizado e sistematizador, não confundiu as duas entidades. Venus, filha da Terra e do Céu, nasceu no mar. Ela foi esposa de Vulcano o forjador de raios, ao qual trahiou entre outros, com Marte, de quem houve por filho, Cupido.

Venus sempre andou acompanhada das Graças, entre risos, festas, jogos e prazeres; sempre vencedora por seus atrativos e beleza. Alguns poetas chamaram-na — a deusa infame!...

Alguem, com o meu encargo, vos falaria de um — feiticinho, um processo para amansar homens ou para atrair mulheres. Eu entendo, que os mitos primários, são a expressão de um fato «sacro»; uma aspiração para o belo e para o melhor.

A poesia póde ajudar a construir uma mente e uma conduta pura e elevada, tanto quanto a relegião.

Um ritualista póde vos dizer outra coisa, que eu respeito profundamente e isto encontrareis por toda parte.

Eu fico com a Historia. Andei procurando OXUNS e encontrei.

As Napéas, são Oxuns; são ninfas dos vales e prados, bosques e ribeiros. As Naiades, habitam os rios e lagos, pantanos, juncaes, fontes e cascatas. As Dryades, todo local em que houver vegetação e humidade.

A Iris, mensageira da esperança e da paz, é uma Oxum do ar humido, o arco-iris, ao qual o negro denominou Oxum-maré!

Não é, então, sem um fundamento solido que eu aceitei as nossas «cabôclas», do rio e do mar. Evocando-as, estarão junto de nós.

Iemanjá, também é seriada. As Oceanidas, são ninfas do mar largo. As Nereidas, guardam as geleiras, as neves eternas, as terras polares. As Ondinas, vivem na superficie. Thetis, é uma deusa mãe, que dirige 3.000 ninfas, tendo ao seu cuidado a vegetação marinha, moluscos, algas, crustaceos e radiolarios. Os Tritões, são musicos, pacificadores, guardas dos abismos marinhos, fôcas e outros sêres que vivem na profundidade...

— Mas, nós esperavamos que nos falasse de — relegião!

— Por Deus! E' disto, que eu estou falando! Relegião, é o belo, a criação divina, a admiração pela Natureza; a indagação, a pesquisa das leis!... Tomae nas mãos uma estrela do mar, com cinco petalas, como uma flôr! Uma concha, nacarada, irisada, como o — arco-iris! Olhae, atentamente, uma pérola. Inquirí, do aspecto multiforme do foraminifero!

Quem não pensará em Deus??!... Quem não sente um fremito, ante a grandeza do mar? Quem não réza, ante a imponencia do véu branco de uma cascata? Quem não sente, ali, presentes, o misterio augusto de nossa Oxum e de nossa Iemanjá?...

Então, isto não é rezar?

A cada passo, não temos diante de nós, — um idolo e um altar?!

Sabios, através de milênios, escreveram — livros sacros; edificaram templos, erigiram altares...

Deus, foi maior... Deu o pedregal, o abismo, o deserto, o rio, a floresta e o mar!... A borboleta, o passarinho e a flôr!... A noite estrelada, a aurora boreal, o trovão!

Deu mistérios e por detrás de cada misterio ha uma lei! O homem, cansado, aflicto, perquire e indaga...

Uma causa dá um efeito; este efeito, é outra causa, que jamais conseguimos alcançar... Ora, poesia primaria, mitos, lendas, coisas de Umbanda, coisas de negros; concepções de selvagens!... Sim e não!

As Kosmogonias, os sistemas de mundo, não são obra de negros!

A Babilonia, o Egypto, a China, a India e o Mexico... Esta Igreja Cristã de nossos dias, que se assenhoreou das catedras de todo o mundo, nos fala destes mesmos seres que nós cultuamos. Houve mudança de nomes, mas, não houve — mudança de fatos.

As Potestades, «não são homens», não são espiritos de mortos. São forças; são seres, acima do homem; regentes do Universo visível e invisível; são leis cósmicas, da concepção do kabalista e do rosa-cruz. E' esta teogonia estupenda, com a qual a Grecia antiga, iluminou o mundo durante mais de 3.000 anos de historia; uma luz, tão grande, que nenhum dogma conseguiu apagar!...

Por isto: o ORIXÁ, está vivo hoje como hontem. Homero, sublimou o negro, que lhe é anterior. E foi esse negro, anterior á Homero, quem adorou a pedra, a floresta, a montanha, o rio e o mar; ensinando o homem a rezar!

No mundo civilizado do Ocidente, Moyses, na Biblia, com o Exodo, foi o maior fetichista, praticando ritos e oferendas no deserto, em marcha para a Chanaan prometida! Se a Igreja repelir o negro, tem que repelir Moyses, confessando que ele mentiu ao povo judeu, confessando que ele não era um iluminado; confessando que ele — se enganou!

Se a Biblia, ainda é — um livro sacro, a nossa justificação está lá. Por isto em curvo a minha fronte.

Salve OXUM!...

Salve IEMANJÁ!... Num templo feito pela mão do homem, no rio, na cascata, no mar, eu sei que ouves a minha prece... Tanto basta!...

Agô!...

Saravá.

« X A N G Ô »

Confrades:

Nas culturas negras, Xangô, é filho de Iemanjá, deusa do mar e Orungan um deus do ar.

E' o deus das tempestadas, o senhor do raio, o Trovão. Como as outras grandes entidades é seriado.

Xangô-Iacutá, o lançador de pedras; é o Chefe.

Xangô-Ogodô, que tem por simbolo, um pilão.

Xangô-Lagui, o rachador de lenha, que tem por simbolo, um machado.

Xangô-Lú-Ofiram, quem preside os temporaes.

Xangô-Albamim, presidindo a chuva.

Xangô-Aré, o senhor dos desertos, os areaes, as pedreiras.

Xangô-Ogê, preside o centro da Terra, cratéras, vulcões.

Xangô-Odá, «similar e irmão de Ogum», actuando na guerra e simbolizado numa espada.

Interessante, quando taes simbolos aparecem nos — pontos riscados — da Umbanda.

Ainda ví citar, Xangô-Barú, que foi o identificado como São Jeronimo, por isso, que seria «o relampago», precedendo o raio.

Tambem surgiu Xangô-Caô, identificado com São João Baptista.

Confessemos, que taes relações foram um tanto — forçadas.

Os Xangôs, são sempre, Dévas; quer dizer, Potestades celestes, dos tres primeiros RAIOS-COSMICOS, que nunca foram homens, como João Batista e São Jeronimo.

Assim, sendo São Jeronimo, o patrono das tempestades, o negro tomou-o, como representante, ao lado de São Miguel Arcanjo, o juiz, detentor da balança e da espada — justiça e lei...

Em relação com o aspécto «esoterico», será Jupiter, o SOM (ouvido), côr azul (devoção-mistica, não ritualista) seja, a YOGA, a nota muzical LÃ e o simbolo secreto, um circulo (O).

Neste caso, é luz, fogo sideral, magnetismo, aura; presente em cada ser vivo e mesmo nos mineraes. Não é o fogo de Ogun (MARTE) que se refere mais, ao plano fisico.

Outro aspecto.

Este mito universalizado: é o SVAROG, do russo; o TUPA-CANU, do nosso bugre; o KURUKAM, do mexicano; o THÔR, dos scandinavos; o PILLAN, do peruano.

Vos falei, de Xangô, na Igreja; no Afro-negrismo, na Mitologia do grego e em mais cinco povos do mundo.

Existe uma exégese, uma sciencia das relegiões, que não inventei... Ou curvamos a cabeça ou só falaremos quando nosso — lastro mental — nos permitam fazel-o sem denegrir a reputação de ninguem.

* * *

Por favor, atendei, em que — não sou adepto de nenhuma relegião.

Vejo Deus, em TODAS, respeito a HISTORIA e o HOMEM, meu irmão!

São Jeronimo, «homem», não ORIXÃ, representan-

te do Déva Xangô, (arcanjo São Miguel), nasceu em 311, era pagão e foi o portador de uma grande cultura classica. Escritor, poliglota, investigador. Grande viajante, viveu um tempo na Palestina e teve do Papa Damaso, o encargo de traduzir e — codificar — a Biblia, que tomou o nome de VULGATA.

Perseguido, preferio, as feras, aos homens. Refugiou-se em uma caverna, rasão de ser apresentado, junto de um leão, tendo um livro nas mãos.

Morreu em 401, em 30 de setembro, com 90 anos de idade. D'ahi, a explicação de certos pontos cantados falando em cobra, passarada, e pedreiras, simbolos de sua santificação.

O intelectual, notará, que os pontos cantados na Umbanda, são primarios, como poesia ou composição literaria. Maiormente foram ditados pelas proprias ENTIDADES. Com o tempo, as proprias vibrações mentaes sonóras, «imantaram» esses pontos.

E' um efeito cerimonial de todo acto de magia, que projectam nos mundos subjectivos — uma fórma viva, cada dia mais poderosa. As pessoas familiarizadas com as leis do mentalismo, não negarão este fato animico, hoje comprovado na hypnose e na telepatia.

O som (o canto, no caso), provocam a formação de uma figura geometrica, cujo campo ondulatorio póde ser medido. Mais ainda, esta forma mental tem côr propria.

O mesmo canto, não impressiona de igual módo, toda gente. Ha uma escala — uma tonica individual. Hoje, a musica empregada como terapeutica, confirma o fato.

Passou já o tempo em que seriamos considerados — uns tôlos fanatisados.

A Sciencia, gradativamente, vem invadindo o campo da relegião.

Nós, «tambem transitamos», nos demais campos do conhecimento.

Francisco de Sales; Francisco de Assis, São Thomaz, Santo Agostinho, João Bosco, Thomaz de Kemp, os Evangelhos e a Biblia, nos são familiares... Sómente, NÃO REPELIMOS o monge Luthero, Calvino, Giordano Bruno e Savanaróla.

Quando ingressamos na Umbanda, já estávamos saturados de Ernesto Haekel, Buchner, Gustavo Lebon e Carrél!...

* * *

Não foi — a fé cega — o que nos conduziu, foi a razão. Assim, visto o mito em outros aspectos, — remontemo-nos á sua origem.

O Xangô do negro, é diferente. E' um guêrreiro indomavel, acompanhado de soldados frecheiros protegidos por escudos feitos de peles de serpentes.

Sempre que vencia um povo rebelde, em nome da justiça e da lei, promoviam-lhe grandes féstas.

As Oxuns, enamorados, contemplavam o guerreiro esbelto e altivo.

— Vem, meu bem amado, meu Adô, amigo de todas as mulheres... Meu senhor e meu rei, meus encantos são teus... Da-me o teu amor!

Uma vez, consideraram-no perdido e perseguiram-no, par aprendel-o. Havia mesmo a noticias de que se havia enforcado. Chegados ao palacio, em féstas, ficaram surpreendidos. A noticia era falsa.

Ante os seus adversarios, Xangô, olhou o grupo,

reboôu no salão, uma luz cegadôra e ele gritou: — Emin-mô-ô-tissá!

As frechas e os escudos caíram das mãos dos guerreiros...

— Xangô, não é um homem... E' um Deus!... Saravá!...

Assim, ficou o mito que, pelos seculos a dentro, deviam alcançar o fastigio da nossa civilização. Tudo foi assim. O negro, não teve letras, nem catedras, nem compendios e os seus mitos, são tão belos, quanto os do povo grego, exponte da cultura de uma época... Convenhamos — é um prodigio! Assim, pelo exposto, parece que a TENDA de Umbanda, oferece ao investigador, alguma coisa mais do que o «passe», a cachimbada do Preto-Velho e a cachaça do Cobôclo.

Ha um RITO exterior, primario; mas, com esse rito há uma historia, uma sciencia, uma arte, uma filosofia, fundamentando — uma RELEGLÃO.

Nada melhor; mas, tambem, nada peor que qualquer outra. Aqui, a melhor critica seria calar ou vir para a arena da publicidade com documentos nas mãos!...

O catolicismo, gastou 400 anos para se uniformisar e ainda não parou: verifica-se agora, que as missas — devem ser mais curtas!...

Ainda, a canonisação está aberta. Como fechal-a, na Umbanda, aos nossos — Cabôclos?!...

Salve a Igreja, milenaria, em nome de Jesus, nosso OXALÁ...

Salve o — pensamento humano, marchando no TEMPO!...

Salve o Cabôclo, o Santo, o Preto-Velho — o ORIXÁ.



Homenagem a Ogum

«APOLOGIA DE OGUM»

Oração congratulatória,
na festividade de
« O G U M »

23 de Abril de 1955

na

TENDA N. S. DA GLORIA

e na

S. E. BAPTISTA DE FREITAS

10 de Junho.

Sociedade Recreativa em Cruz Alta

Dedicada aos meus amigos

Adão Graciolino dos Santos

José Vicente Britto

Firmino Silva

«APOLOGIA DE OGUM»

Confrades:

Coincide pela oportunidade, nossa festa de hoje.

Por isto: aqui, pouco faz, um cacique chefe de Tenda, pediu-me para tratar em palestra, a biografia de Ogum, por isso, que estudando, encontrára confusão. Foi também o que eu encontrei.

A Umbanda, conhece Ogum, por atravez do BATUQUE.

E' a origem. De Ogum, a Umbanda fez URUBATAN, que não existe como deus da guerra na teogonia do bugre; porque, cada indio ao chegar á puberdade, já é caçador e guerreiro.

Terá sido, uma manifestação mediunica, — de terreiro — mas, não, um mito teogonico.

Não há, esta referencia na historia dos mitos, do Brasil.

Apareceu ,uma Linha de Ogum: Ogum Beira Mar (da praia), Ogum-Rompe-Mato, Ogum-Megê, Ogum-Iara (lagos, rios e cachoeiras), Ogum-Naruê, Ogum-Malei (o do povo de EXU) e Ogum-Nagô, da tribu negra do mesmo nome, confirmados pela MEDIUNIDADE. O negro, «senhor e dono do assunto», dá classificação diversa: Ogum-Médjéré, Ogum-Abejô, Ogum-Itata, Ogum-Ipolé, Ogum-Mariô, Ogum-Aré, Ogum-Abô. Isto, é milenar! Não conheço a significação de cada um destes termos.

Dizia-me um dos meus mestres: são sete; cada um

é sempre — Ogum-gá-já —, o que póde subir muito alto: gá-ju-lô.

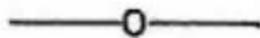
Pesquisando outras fontes, encontrei Ogum, como Déva Planetario, Chefe de Hierarquia Creadora. Quero respeitar. E' o regente da parte emocional do homem: corpo astral, paixão, desejo, impulso, coragem, audacia, valentia; por fim, uma ENTIDADE do 1º RAI0; vontade e poder, seja, AÇÃO.

Aqui, a aproximação maior, não é da mitologia do gregó, não é o «Urubatan» da Umbanda, (uma criação discutivel); não é o Santo, São Jorge, tomado por comparação (sincretismo). Não!... O Ogum — esoterico — é o Ogum do negro africano.

Para ser leal, não posso dizer outra coisa. Seria mentir...

Amanhã, a nossa Umbanda, terá nóvos presquisadores. Sim. Quando eu estou enganado, costumo curvar a cabeça, é o meu respeito pela HISTORIA.

Crêr, de boca aberta, porque uma entidade o diz — não é o meu feitio, perdoae. Tenho sido, tão sincero, sempre, que mereço, não o vosso aplauso mas, o vosso perdão! Aquilo que eu tenho eu dou!



Interessaria, uma incursão pela historia da Umbanda, QUE STÁ POR FAZER. Nem por isto seriam mais certos os dados sobre o nosso Ogum. Tenho afirmado que a Umbanda como a conhecemos — é um caldeamento — das culturas do portuguez da conquista, (catolico iletrado), do negro e do bugre e ha 50 anos influenciada pelo ESPIRITISMO.

E' um ponto de vista. Dizem outros que a Umbanda reporta-se à origem da propria Biblia, que o proprio termo, vem do idioma «pali» e seria até contemporanea dos proprios VÊDAS indianos; pelo que eu saiba, foi uma afirmativa sem documentos. Outros dizem que uma tribu africana, das muitas que aportaram ao Brasil, já trouxe consigo a Umbanda, sincretizada com o catolicismo, conhecedora do — espirito do morto, comunicação, mediunidade, incorporação de ORIXÃ, consequentemente, «pura e independente», não tendo e não precisando para justificar-se, relações com qualquer outro culto.

E' a — UMBANDA DA LINHA DO BEM, que repele e combate o CANDOMBLÊ, chamado QUIMBANDA. Serão puras versões do mesmo fato.

Apenas, poderei dizer que esta Umbanda, não teria nos seus terreiros a manifestação do Cabôclo, o bugre brasileiro ou americano que o negro não conhecia.

Se o admitio depois, só por isto, já quebrou a ortodoxia do culto. Pretendo que não ha relegiões independentes. O fundo do «SCHAMANISMO UNIVERSAL», que é o culto primario DAS FORÇAS DA NATUREZA E DO ESPIRITO DOS MORTOS, está em todas elas. Aqui, ponho a CRITICA, a HISTORIA e a ANTROPOLOGIA, de par e confrontante, com qualquer relegião do mundo...

Tem-se-me acuzado, de que nas minhas conferencias, repito sempre a mesma coisa. De fato, é assim. Já o homem é uma repetição!... Nada é meu, tudo é dos outros. Sempre disse, que sou, um PORTA VOZ, méro repetidor do que encontrei. Nunca me apresentei como creador de nada! Quero focalisar — o mito de Ogum.

Tenho que falar na Mitologia, no Catolicismo, no Batuque e na Umbanda.

Em 1896, portanto ha 59 anos, na Bahia, aparece um — scisma —, uma revolução, CONTRA O CANDOMBLÊ. Filhos de Santo, de varios terreiros, reunidos em grupo, secretamente, de noite e no mato, crearam um culto novo para o tempo, que tornou segundo informa o Prof. Nina Rodrigues, o nome de «CÂBULA».

A Igreja e a «Policia», advertidas do fato, entraram em ação e presumiram a existencia de 8.000 aderentes da nova relegião.

Trabalhavam debaixo de uma grande arvore que era considerada como Templo e chamado, camucite. O guia espiritual, tinha o nome de Tatá. O chefe, chamava-se, embanda. O trabalho, tinha o nome de engira. Usavam imagens catolicas. Queimavam incenso e mastigavam o carvão em brazas. Não usavam tambor, batiam palmas. Não havia, ponto riscado. Tomavam um chá, feito de uma raiz, cujo nome era, santé. Tambem tomavam vinho que chamavam, emba. O ponto cantado, tinha o nome de nimbú. O profano, porventura, assistente, era um Caialô. O iniciando, era catálo e o já irmão iniciado, era camaná. Todos usavam vestes brancas e andavam descalço. D'ahi, destes tempos, partiram os nomes retumbantes: Tatá-guerreiro, Tatá rompe-mato, Tatá rompe-serra, Tatá-flôr de carunga, uma entidade do mar.

Como eu não posso afirmar nada, pergunto, se, o culto dos terreiros e das senzalas «e este caso de policia», de 1896, não serão as origens da Umbanda no Brasil?!...

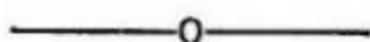
Neste culto, não se falava em **ORIXÁS**. Eram as entidades que baixavam, — espiritos de mortos.

Outra pergunta: esse «Tatá-Guerreiro», não seria o nosso Ogum?...

Por isto, amigos, terei sido tomado como um imprudente, quando eu digo que rezar, fumar, cantar, dar passes e soprar na roupa, — não basta...

A Umbanda, que agora, tem 1.300 Tendias no Brasil e faz festas com 500.000 pessoas, será a releião do futuro, o maior e o mais completo «culto exterior» com ritos e oferendas, mas, é preciso **ESTUDAR!** Lêr, trocar impressões, discutir, conviver, fraternisar.

Advertiu-me, ha pouco, uma iniciada batuqueira, que o espirito do — filho de santo — quando baixa, não dá o seu nome de batismo; dá o nome do seu pae de cabeça. Diz que é Ogum, Xangô ou Iemanjá... Espiritos de mortos, que na Umbanda, serão tomados — erroneamente — como **ORIXÁS!**...



Senhores. Velho, desiludido, prevenido e superando obstaculos, doente e cansado da vida...

Sim!

Vou chegando ao fim da minha obra. Já é tempo.

Não sou iniciado, não sou — pronto — não sou sacerdote! Sou um homem curioso — que aprendeu a ler. Nada mais.

Nunca enganei ninguem! Abro os braços para todos... Não tenho penas de pavão, que possam amanhã ser arrancadas numa **TENDA** ou no meio da rua. **SOU CONTRARIO Á FÊ CEGA...**

Ou o chefe de Tenda, estuda, ou não é digno de dirigir ninguém.

Uma vez, Jesus, disse: um cego, não pode conduzir outro cego.

Se o fizer, caem ambos no barranco.

Posso ter os homens, contra mim, não importa, eu fico com Jesus!

A Umbanda tem muitas bréchas, por onde a alavanca da critica ferina, pôde penetrar. Eu quizera que não fosse assim.

Convidei a estudar.

O negro e o bugre, não admitem a reencarnação que, na Umbanda é influencia do Espiritismo.

O negro e o bugre, ensinaram, que o homem mau, pôde reviver no mundo, como gavião ou como sapo... Será transmigração.

Bugre, nunca usou ponto riscado, porque isto, é kabala que o amerindio não conhecia.

Nas tendas, já ouvi dizer que Cosme e Damião é cabôclo e Francisco de Assis é orixá. Esforcemo-nos para que isto, não continue assim.

Breve, não estarei mais convosco... Alguem, dirá: já vaes tarde!... Outros, lembrar-se-ão de mim... Muito obrigado.

O futuro, terá uma Umbanda rica e bela, atraente e profunda, um corpo de doutrinas expurgando de erros vulgares — foi tudo quanto ou desejei, do fundo do coração!

Não podendo entrar em materia de ritualismo, parece, estou respondendo ao pedido do meu amigo. Ele disse: no fim, eu não sei se Ogum é da praia, do rio, do campo, do fôgo ou do mato!

Pois bem:

Ogum, é Grande Orixá Kosmico. E' o corpo igneo, o Lohitanga, o lanceiro. Trabalha em todos os planos, não depende de iniciação. Actua com um medium de Umbanda ou com um «filho de santo» do BATUQUE; depende de oportunidade, de ocasião!

Foi o que me ensinaram, é o que eu sei. O resto é estudo.

Nesta introdução, já falei demais para um dia de festa. Respondi. Peço perdão e agora vou começar. Serve?

* * *

...Saravá para Vossumceis, meo fio! Preto Velho tá ahi!...

— ...

Soldado,

Cacique, Condutor, Presidente desta casa!

Filho de Ogum!... Meu amigo!...

Na noite de hoje «Nossa Senhora da Gloria» a tua Tenda, está em festa, o meu coração também está. Nesta mesma hora por este Brasil imenso, outros crentes como nós, estarão celebrando esta mesma comemoração, num cultuar que nasce nos albôres da nossa historia e se perpetua em todo o decurso de nosso progresso e civilização.

O Brasil vae mudar o roteiro das suas crenças, sendo o berço — de mais uma RELEGIÃO.

Meus Confrades.

São tão raros os momentos, em que estamos contentes, conosco e com os outros.

D'aqui, agora, numa evocação suprema, a nossa al-

ma se reporta ao interior bravio da Africa selvagem, porque «O gum» é de lá, porque nasceu lá!...

Na historia do evolvver da relegião, foi o negro de tanga, o negro burro ,o negro do mato, quem levantou primeiro os olhos para o Céu, ensinando o homem a crêr e a rezar. Para o mito africano. Ogum é filho de Orungam, um deus do ar e de Iemanjá, uma deusa do mar.

Na mitologia do grego é filho de Juno, é amante de Venus, o seu pae é Jupiter, o grande Zeus!

No decurso do tempo ,aparece em muitos póvos. E' o Bishyamon dos japonezes, o Fréki do escandinavo, o Svarog do russo, o Ahchujkar do mexicano.

E' sempre a bravura, a audacia, a coragem, o combate, a luta, a guerra e o representae da Lei. Um DÊVA!

Nunca se lhe confundem os atributos com os de outro deus. O culto do negro é inferior ,embrutece e explora, tenho ouvido dizer. Sim. Eu sei. Aceito e modifico. Todo — culto exterior —, embrutece e explora; basta fazer a historia de cada um d'eles, para nos tornarmos mais prudentes e tolerantes, uns com os outros, marcando distancia, entre a justiça e a maledicencia, entre a inveja e a critica sincera. Esta é a verdade.

Gostaria muito de ser umbandista, mas, não gostaria de ser hypocrita!

* * *

Emquanto houver — crenças separadas —, hostís, rivaes e intolerantes, o homem será um infeliz!...

Já evoquei o negro. O negro, meu irmão, do meu coração! Negro de 18.000.000 de anos... Lemuriano

da 3ª RAÇA... Tu e eu, ainda estamos aqui, celebrando o teu culto ancestral!...

Agora, é Homero, com as primeiras luzes da civilização do Ocidente, endeusando Ares, a quem o romano chamou Marte.

Já não é uma força ignorada da natureza, é um planeta vermelho, membro titular de um cohorte do Ceu!

Antes de ser Santo, foi Déva, antes de ser Déva, foi Orixá! Tinham decorrido na Europa, um minimo de 4.000 anos, antecedendo a christandade, quando 313 anos depois, Jorge de Capadocia, soldado e martir, Veio a ser o nosso cavaleiro christão... O homenageado de hoje.

Salve!

* * *

O nosso Ogum, o nosso Marte, semi-deus e homem, foi sensual e devasso; sua vida foi sempre perturbada por lutas resultantes de seus amores ilicitos. Foi pae de uma linda filha, de nome Alcipe, a qual foi seduzida por Alyrothio, filho de Neptuno.

Indignado, matou o sedutor.

Foi julgado numa colina de Athenas, diante um tribunal de doze deuses e foi absolvido.

Esta colina, tomou o nome de «Aréopago». Tribunal e templo, onde o grego ia menos para rezar e mais para impetrar justiça.

Em todos os povos, no seu culto, se lhe tem consagrado o galo, touro, carneiro, cavalo. Sua arvore é o carvalho, dedicada aos heroes. A guia é amarelo e verde. Sua côr é o vermelho. A nota muzical é DÓ, a representação, uma espada.

Em Roma, desde o reinado de Numa Pompilio, 600

anos antes de Jesus Christo, foi-lhe consagrado um templo e um collegio sacerdotal, onde cada padre era chamado sabio.

Tenho visto propaganda, a tolice, de que Ogum é um santo da — demanda —, forte, para fazer o mal.

Não é assim.

Ogum é mais que tudo — a LEI. Ogum é a lei, como Xangô é a JUSTIÇA... E' capaz de ajudar ou de punir, mas, só o fará de acordo com o Codigo Divino... E, nada mais! E' so!...

* * *

Ogum, pronto a acudir o afflicto que implore a sua graça!

Ogum, com o negro do mato, ao acordar para Deus!...

Ogum, com a Grecia de Pytagoras e com os Cesares de Roma...

Ogum, na catolicidade que São Paulo propagou...

Na Igreja, nosso Ogum, nosso Marte, é São Jorge de Capadocia, fidalgo, rico e educado, viveu com sua mãe na Palestina, foi capitão do exercito de Diocleciano, cuja esposa, Alexandra, por sua influencia, tornou-se cristã. Censurando e convidado a renunciar á sua crença, recuzou.

Foi então encarcerado e condenado á morte pela espada. Assim, foi heroe, santo e martir. Martir da lei e da fé.

Em todo mundo é considerado, o patrono dos militares. Na Russia, houve uma Ordem de São Jorge, instituida por Catharina II, desde 1769. Svarog, ainda está por lá... A Ordem da Cruz de São Jorge, na Fran-

ça, remonta-se ao Conselho de Arles em 314. São Jorge é padroeiro dos ingleses; em 1346 instituíram a Ordem da Jarreteira, por Eduardo III. São Jorge, serviu junto e foi amigo de Constantino, o Grande, quem no ano de 313, abraça e proclama a victoria do Cristianismo. Não o fez por motivo de fé. Habil politico, tomou os christãos, pelo numero; valentes, denodados, estavam infiltrados em todas as camadas sociais e já não era possível governar sem o concurso deles.

A politica de Constantino, inverteu os papeis; duzentos anos depois, em 513, já a Igreja de Christo, associada ao poder romano, se revela autoritaria e perseguidora.

Há, uma treva de 1.000 anos na Historia. O mundo, cheio de conventos e de frades, de masmorras e de fogueiras; dois terços dos bens, do patrimonio do mundo, ficaram nas mãos da Igreja que manteve, justificou e estimulou, a miseria e a escravidão!...

Martin Lutero em 1521, Voltaire, Diderot, Rousseau, d'Alembert, em 1784, a ENCYCLOPEDIA, a Revolução Franceza de 1789, sacodem os grilhões de um cativo fanatico e nefando, «proclamando os direitos do homem», não por amor de Jesus crucificado, mas, pelo despertar da consciencia dos revoltados... Visto, assim, tenho certeza de que o nosso OGUM — estava lá!

Como não!

* * *

Trato a biografia de Ogum, como tratei a apologia de EXU! Particularisar, é matar a grandeza do mito kosmico. Ogum, não tem dono... Ogum, é LEI! E' consciencia do DIREITO, no homem.

Assim, em tres fontes diversas: a Igreja Catolica, o grego culto e o negro, nós colhemos — um conceito geral do mito do santo que estamos cultuando.

Eu não posso tratar de ritos porque — não sou sacerdote; minha função é outra.

Para o oriental da linha esoterica, Ogum é ação, é da linha do MANU, um condutor de homens, é um ser do primeiro RAI0: vontade e poder ,onde estão os chefes de Estado, politicos, militares e desbravadores. Cumpre verificar.

E' na India que ele tem o nome de Corpo Igneo, de Lohitânga, de Lanceiro.

Não interessa devoção, arte, sciencia. Ogum, nunca fundaria um hospital, mas, arrancaria as pedras de um templo e com elas faria uma fortaleza ou um quartel! Ogum, não suplica, comanda. Ogum não chora, esbraveja. Ogum não é piedade, é LEI!... Ogum resguarda-se com um escudo, cobre a cabeça com um capacete e empunha uma lança! Não é essa caridade que funda uma crèche, é o guerreiro que se atira ao fragor de um combate, levantando na lamina de uma espada o brio de um povvo caído na opressão. O santuario de Ogum não é a catedral, é o acampamento. O livro sacro, não é uma Biblio é um CODIGO. Haverá uma oração e um hino, cantados na meia luz das naves perfumadas de incenso, mas, Ogum não está lá... Está na poeira dos combates, na clarinada das cargas de lanceiros, no lombo dos cavalos que mordem os freios nas bocas espumarentas, entre gemidos, ranger de dentes e imprecações!...

Desmontae esse cavaleiro da sua montadura, arrancae-lhe das mãos a sua lança e da cinta a sua espada,

lançae fóra o capacete que lhe cobre a cabeça de heroe — dae-lhe um sacóla, largae-o numa estrada, ele será um pediente, de olhos no chão!...

Não é este o nosso Santo!...

Ogum ,não é Francisco de Assis, um esmolér... Não é São Jeronimo, um sabio... Nosso Ogum é o soldado que afrontou um despota.

À Deocleciano, ele opõe Jesus.

O tirano tinha um trono e um imperio, ele tinha um cavalo e uma lança. Contra as marmorras de uma hora de trevas, ele, levanta o brio de todos os escravizados; na repulsa d'um tirano, ele opõe — um conceito de justiça e de liberdade; isto explica o simbolo sagrado — São Jorge, vencendo o Dragão!... O Dragão resurgio, na ignorancia e na opressão dos póvos, na escravidão e no abuzo da FORÇA, na exploração do homem pelo homem, na infamia do prestigio do — mais forte...

Mas, Ogum, ainda está de pé, na consciencia de todos os revoltados, de todos aqueles homens que esperam, que os Evangelhos se convertam em LEIS!... Todo o mundo moderno é uma prova.

* * *

O homem residuo, o homem farrapoí não devia, ter acrescentada, á sua desgraça, o ser objecto de piedade e comiserção. Esse marginal da vida, devia ser considerado — como um fato social.

Amparado, assistido, como ente humano, titular do direito de viver. Não como um encargo pesado ao sentimento do proximo, mas, como hospede do Estado.

Viver, não da caridade publica pelo favor da esmóla

do particular, mas como um segurado pela previdencia, pela tutela do Poder Publico, pelas verbas votadas no Legislativo, em nome do — direito humano; como encargo privativo dos proprios deveres da Nação.

Com toda a magestade do Vaticano, a civilização actual está edificada sobre principios falsos: tráe, falsifica e mente. O amor do proximo é decerto muito grande, mas, uma solidariedade obrigatoria, tutelada pelo Direito e pela Lei, é bastante maior. Onde o Evangelho não alcançar, alcançará o Codigo. Devemos trabalhar muito, não para que haja cada vez mais institutos de — caridade privada explorada pelas relegiões, pelo medo do inferno e de supostos pecados; mas, para obrigar o Estado, a resolver seus proprios problemas, se aspira ao titulo de condutor e dirigente dos frutos da Civilização. Fóra do estado selvagem, fora do primitivismo das tribus, onde cada homem se basta a si mesmo, houve povos, — que não tiveram pobres!

O Peru e o Mexico, não os conheceram, não tiveram mendigos, nem miseraveis, nem mesmo prostituição e o seu grau de cultura é atestado pela riqueza arqueologica da America pre-Columbiana, que eles encheram de monumentos. A civilização da hora presente é por tal modo portentosa, rica de possibilidades, de meios tão extraordinarios, que bem poderíamos pensar numa sociedade sem mendigos, sem prostitutas e sem ladrões.

Defrontamo-nos com a miseria e temos medo de lhe perquirir as causas e quando alguém o faz, é, apontado como suspeito. Tem sido assim.

Eu sei que dar esmolas é um dever sagrado; mas, um dever não menor é perguntar á si mesmo — porque existem miseraveis! Deus, póde estar com quem dá...

Mas, póde estar tambem com aquele que pergunta: — Porque!...

E' a consciencia quem deve responder. Esta resposta — póde fazer tremer, aos potentados!

* * *

A vida universal, não é só préce.

Desgraçado do povo que vivesse ajoelhado, com um rosario nas mãos. Vida é luta, é trabalho, é ensino, é atrito, é produção de valores, é justiça, é ordem, é cooperação com a LEI. Tenhamos fé. Sim. Muita fé! Não para andar de tanga, de porta em porta mendigando um pão em nome de Deus... Não! Tenhamos fé no próprio esforço, na coragem de pensar e agir, de deliberar e de querer... Oremos, cada dia; mas, oremos com um livro, com uma enxada, com um martelo na mão!

Rezar e mendigar, não é servir a Deus! Tambem uma chaminé que fumega numa cidade que acorda, uma sêara ao sol, o rumor de uma oficina, o homem curvado que aterra um buraco numa estrada, o marinheiro que afronta o mar, o mineiro que vae ao fundo da terra, o sabio no laboratorio, o soldado montando guarda, o mestre numa escola, estão fazendo uma oração á Deus e não estão estendendo a mão a ninguem!

Nós, temos sido embalados por falsas crenças religiosas e politicas: é o TABU do inferno e o TABU da liberdade. A liberdade mal entendida não é uma benção é um crime. Liberdade, supõe consciencia do direito de agir; um ignorante nunca é livre. Liberdade, supõe autoridade, autoridade é lei, é repressão pela ordem. Não confundir liberdade com licenciosidade... São diferentes!

O falsario, o velhaco, o assassino comprometem o meio em que vivem; não têm direito à liberdade já que não sabem fazer uso dela. O sentimentalismo morbido e covarde, por vêzes, falseia — o categorico — ditado pela justiça e pela razão.

A piedade deve começar onde terminar a ação e o dever. Isto é lei, é pensamento, é consciência — é OGUM!

Por Deus! Fôra licito agora, perguntar: sois contrario a caridade?

Não!... Não!

Sou contrario á preguiça, á imprevidencia, á exploração. Sou por — uma norma —, que faculte a todo homem vivo, instrução, comida, assistencia e abrigo, sem precisar da caridade de ninguem! O aspecto moral da vida, já é por si doloroso, cruel e tragico; sempre haverá soluços, lagrimas silenciosas e dôr da alma que se não atenuarão nunca com dadivas materiaes... E' o insuperavel, o drama tremendo do passado, nossa expiação!

O restante é incuria de Deus ou do homem. Cumpre achar o responsavel e mudar-lhe a conduta!... Chamar cada homem ao seu dever.

* * *

Ogum! Eis a minha homenagem. Não tenho outra. Se és um Santo, um Déva, um Orixá... E' eu sei que és! Se pedes uma prece, eu estou rezando... Contrito, cheio de unção. A minh'alma está de joelhos... Não tenho mais nada para te oferecer, nesta noite de hoje e estou te oferecendo o tributo da minha mente e o melhor que tenho no coração!

Ogum, do negro! Epa-ei, gajulou, orixá, abá!...
Cá-u-ô!

Hontem, era a selva bravía, a picada, o barrocal...
A lavoura feita sob o olhar do bugre, do tigre e da ser-
pente.

Agora!... Amplas avenidas iluminadas, imprensa,
livro, catedras e institutos...

Quem foi capaz de esquecer o negro?

Ninguém!

São 400 anos!... Ainda ha milho torrado, cacha-
ça, charuto e galo vermelho na encruzilhada!...

A festa de Ogum, em plena luz da civilização é a
victoria espiritual do negro. Negro de feira... Carne
nua, dilacerada pela opressão. Tu tinhas uma alma e o
teu senhor não viu! Tinhas um coração amante e um
espírito divino que se vendia no mercado ou se trocava
por um boi!...

E, esse algôz que te cuspiu na fronte, era um ho-
mem como tu ,e sendo homem — era teu irmão!...

Faz tanto tempo que tu choravas, que tu gemias, e
nas minhas horas de silencio, parece, que ainda estou
ouvindo a tua vóz!

Noites de angustia, noites de tortura, dias sem au-
rora, manhãs sem claridade...

A lavoura, o eito, a senzala, o chicote do feitor!...

Tu, me olhavas, meu senhor!...

A tua vóz, como era dura e rude —: Negro fugido...
Negro ladrão! Eu tambem olhava, senhor!

Os teus olhos, estavam fulgurantes; os meus orva-
lhados! São diferenças! Faz tanto tempo! O homem
esquece; Deus não!...

Epa ei, guará-mim-fô, aba! Ca-u-ô! Gajulou, Ori-xá!... Abá! Faz tanto tempo, tanto; tanto...

— Homem branco, meu senhor!... Tu, para a minha carne dolorida, para um coração sangrando, numa noite de trevas, me ofertavas um tronco; eu chorava, soluçava, orava, gemia — E TE OFERTAVA üM DEUS, um ORIXÃ, que tu terias de adorar!

Homem branco, reconhece, o verdadeiro escravo foste tu —, o vencedor sou eu! Epa ei!...

Ogunhê!... Abá!... Saravá. Negro Velho já veio!... Negro Velho já vae! Deus abençoe...

Saravá!...

Saravá pra Vossuncês!...

Agô!



Homenagem ao Bugre

«ALMA DE BUGRE»

Salve!

E' da nossa alma que queres falar?

Pois bem, conversemos.

Tanta gente, fala de nós.

A névoa do tempo ora afasta, ora aproxima distancias.

Tua mente e teu coração, sempre esteve comnosco, eu agradeço.

Foi na tua infancia, que nos conhecemos. Homens da minha raça, abriram os braços para ti e nunca esqueceste.

E' tão raro. E' sómente isto?

Não! Era um laço mais profundo, uma reminiscencia de um tempo já vivido, que a tua mente não apagou.

Era um dia festivo. Eu te abracei falando, tu choraste; eu tambem. Foram lagrimas santas, que só o olhar de Deus póde enxugar. Nós somos dos teus, tu és dos nossos. Tantas outras vezes, temos chorado juntos.

Irmãos pela carne?

Não. Irmãos pelo espirito. Isso, é bem maior. Dois mundos que se tocam, o nosso e o vosso. Dois corações unisonos, que vibram a mesma nota fraterna e espiritual. A selva bravia abrindo os braços para o homem da civilização!...

Foi preciso o surto do vosso movimento religioso,

tão potente, para que nos aproximássemos. Antes, eramos a cogitação de filantropos, de naturalistas, de raros pensadores de alma dilecta, agora, é o povo, o coração do Brasil, quem vem á «Tenda do Cabôclo» comungar conosco.

Somos ouvidos, procurados, respeitados, reverenciados pelos filhos da mesma raça que nos oprimiu, explorou e degradou...

Terra do Pindorama, nossa e vossa, nós a amamos ainda, com o mesmo afécto, com o mesmo coração. Dignos, valentes, leaes até ao sacrificio da vida, nossos olhos, agóra, espirituaes — estão voltados para vós. O sentimento de patria é tão grande, que nem mesmo o misterio da morte, consegue apagar. Sentimos!...

Velhas civilisações morreram; mergulharam no pó dos séculos. Eram tão brilhantes no esplendor dos seus monumentos... Tão ricas pelo deslumbramento... Viveiros de almas sonhadoras, epopéias cantadas pelos poetas, senaculos de sacerdotes e reis... Templos, fortalezas, palacios, escolas.

E', tudo isto, que a mão de Deus sepultou no nada!...

Nós eramos uns brutos.

Como compreender o drama tremendo da — EVOLUÇÃO? Como compreender o nascimento, a vida e a morte de nações e povos?

Não era possível!

Não!

Tinhamos o amor da terra, que era nossa; noção de dignidade, valentia comprovada, o zelo da familia, crenças e tradições, que a força do conquistador espesinhou.

Vencidos, escravizados, repelidos, resistimos; mas, o fizemos sempre com a altivez e a lealdade nativas, que

a vossa historia querendo ou sem o querer, reconheceu e dignificou...

Agora, tudo passou.

São 400 anos!

Na Taba do Tabajara, ergue-se o arranha-céu... A «caissara» do Tapuio, é uma fortaleza apontando para o mar os seus canhões... Onde o «urutáu» batia as azas sobre a montanha, passa o avião com olhos de fogo nas azas... Onde resôu a «inubia» do guerreiro, clamando os fortes, o som estridente do clarim... Onde passava a «igara», com o remador de musculos retêsos, passa o navio de guerra... Os fôgos da noite, são hoje — um céu estrelado — de luzes vermelhas, iluminando a Guanabara!... No alto do Corcovado, já não é o côrvo, quem plana com as azas negras, é um Christo de braços abertos, como um simbolo de paz, convidando a christandade!

Tudo, tão diferente!

Como são tão belas ainda as nossas matas... Guardam a mesma imponencia, os véus virginaes das nossas cascatas. Porque não estarão ainda brincando, em nossos lagos, a fascinio encantador das nossas «Iaras»?

Ainda ha ninhos pelas frondes, parasitas nos troncos e o «jaguar» palmilhando as canhadas!...

Nosso «pagé», não morreu; em plena civilização, noite alta, o homem «mediunizando» com o «Cabôclo, faz ouvir o som do «maracá».

Como é consolador e como é belo!

Vós, vos esforçaes por nos compreender e nós tambem.

Nem sempre sois felizes.

Nos atribuíis virtudes ou defeitos que não temos.

E' a vossa fé e toda fé, é respeitavel. O tempo, expurgará as falhas e o que ficar — será muito bom. O vosso futuro é tão grande quanto o vosso trabalho. Ao trabalhador de hoje — chamarão APOSTOLO, amanhã.

Feliz, quem não desertar o seu lugar. Muitos homens de nossa raça, estão ainda na mesma fase primaria. Outros, avançaram. Tocou-me ser — um deles!

Como? Não importa. **Eu sou TUPINAMBÁ**, o teu velho amigo.

Lembra-te, que mais de uma vez, os clarividentes, nos viram juntos. Por vezes, duvidaste; era justo. E, entretanto, era assim. Para ti, fui sempre um inspirador.

Estive sempre — entre os teus amigos... Continuarei.

Contente-mo-nos do que está feito, que já é muito grande. Agora, já seria tarde para nos derrotar.

Tudo quanto a «Igreja de Christo», multimilenar, tem de bom, está comnosco; os santos e os mandamentos, são patrimonio do mundo. Tudo o que o «Espiritismo», tem de mais elevado, o comercio do vivo e do morto, nós assimilamos; os espiritos — são cosmicos — não têm «um dono».

Tudo quanto a «Relegião do Negro», tem de mais significativo e puro, está comnosco; expurgado, do seu aspecto grosseiro — o Orixá nos assiste; nós, santificamos o ORIXÁ; anterior a qualquer tipo de civilização.

Não fugimos da SCIENCIA nem da HISTORIA. Queremos abrir os braços para todos, sem adversar ninguém. Proclamamos ordem, disciplina, conducta réta, respeito á LEI. Queremos ser, — já o somos — UMA RELEGIÃO. Aqui ou ali, haverá «falsos crentes» — falsos sacerdotes. Eu bem o sei.

Então, quem estiver sem pecados, juntará a primeira pedra... Mas, se a consciencia falar, — ficará com as mãos no ar!... Nós desejamos paz, aos nossos acusadores...

Era quanto o Cabôclo TUPINAMBÁ, tinha para te dizer.

Salve!



Homenagem aos Pretos Velhos

«A ALMA DE NEGRO»

Saravá pra Vossuncê, meu filho.

Chamou Negro Velho para conversar.

Negro Velho agradece, também gosta de conservar.

Você nunca foi Negro Velho?

Quem sabe?... E'!... Negro Velho, teria tanta coisa para dizer... Foi homem, meu filho, quer dizer — sofrimento. Escravo!...

Terá sido mesmo, um homem?...

Não!

Foi — uma coisa.

Era homem pela fórmula... Era, assim, como a mula, como o boi, que o senhor o dono, vendia no mercado às vezes, por preço tão baixo.

Eu fui, um negro forte, trabalhador, cheio de saúde. Tinha noção do meu estado. Sabia que era escravo. Cumpria fielmente o meu dever. Tive mais de um senhor. Fui vendido quatro vezes.

Tive uma mulher e uma filha, dos quaes me separaram, tres vêzes!

Um negro bom, era um bom negocio, como um boi manso e lavrador, que a gente põe na canga ou no arado. Come pouco, dorme pouco, sempre alerta, sempre serviçal, não pede nada, não reclama, não responde; baixa á cabeça, morde os labios, aperta as mãos e chóra!...

As vêzes, não basta um algôz, então tem dois: o dono e o feitor.

A gente tem — uma alma, mas, o senhor não vê. Tem coração e o feitor não vê... Tem um espirito — que ninguém vê!... Admite-se o afécto, o zelo o ciume, no proprio animal...

Nunca viu um cão ciumento do carinho do dono?

Pois, existe!... Sim!

Ah!... existe.

O animal, pode ter ciumes — o negro, não!...

Pensa nisto, meu filho, se a tua mulher põe no mundo, um filho que não é da tua côr... Pensa nesta tua filha virgem, poluida, escarnecida, espesinhada, degradada pelo filho do teu patrão; pelo homem livre, que cospe na tua dignidade, na tua afeição de pae!...

Depois... Ah!... Depois, de noite, a gente reza na zenzala, á luz de uma véla, diante de um santo enfeitado de flôres.

Vae a missa aos domingos, na igreja grande, cheia de gente, onde ha um altar e nele, um Deus crucificado!

E, o padre fala: amai-vos uns aos outros!... Sois irmãos!

Rumor estranho; é uma prece ou é uma ordem? Amai-vos!...

Amar o homem que dilacera a minha carne, num trabalho rude, que cospe na minha frente, que avilta a minha mulher, que corrompe a minha filha!... Não! Não comprendi; fugi. Fugi...

Minha mulher foi interrogada: onde está o negro? — Senhor, não sei; não avisou.

Então, «palanque» e castigo durante oito dias.

Ficou tórta, deformada, uma perna quebrada; envelheceu dez anos em 30 dias.

Fui infeliz na tentativa, o capitão do mato me pe-

gou. Fui para «o tronco» e ao fim do castigo, ainda mal curado, fui vendido; separado dos meus.

O novo senhor, «mais christão», dava-me os domingos, para descansar; isto é, para trabalhar. Trabalhei dez anos. Comprei a minha liberdade por — duzentos mil reis.

Livre! Emfim, livre!

Cumpria, agora, «comprar a liberdade» de mais dois sêres, a mulher deformada pela pancada e a filha prostituida! Foi.

— Ainda está ouvindo, meu filho?

Foi Você quem convidou o Negro Velho a falar!... Faz tanto tempo! Agora, Preto Velho, é só uma roupage.

Bendigo, quanto sofri.

O tirano de hontem é o martir de hoje: é uma lei; não ha premio nem castigo, — ha justiça; nada mais.

Traumatizado, doente, cansado, não consegui o meu objetivo — morri, pensando nelas; pedindo que morressem tambem...

Ainda tens pena de mim, meu filho?

— Pois, não tenhas.

Na «vida antecedente» eu tinha sido um Sóba, um Regulo, um miseravel tirano, sensual e despotico, que tripudiei sobre as almas dos outros, espalhando lagrimas e sangue; amontoando sobre o meu nome — pragas e maldições... Devia ser — um conductor — e fui um monstro... Fui, a perversidade, a luxuria, o odio; aglomerados «num só homem».

O verdadeiro monstro, fui eu!... Matei, com as minhas mãos e com as mãos dos outros!... Fui adúltero, prodigo, ladrão!

Foi por isto, que não compreendi o sacrificio daquele deus palido e flagelado, pendente de uma cruz! No meu cativoiro, não tive nunca o consolo da relegião... Tambem, não tive odio; já era bastante a dôr. Eu quiz crêr e não pude. Deus, me pareceu perverso; tão bruto como o meu senhor!

Feliz, o homem que tem — uma crença — eu não a tinha então. Por isto, meu sofrimento foi — bem maior!

Pois, não vês, meu filho, que sendo a Natureza tão bela e tão bem ordenada, obra de um Deus sabio, justo e bom, não póde patrocinar — a injustiça?

Não!

E' o homem quem crêa, quem semeia, quem colhe por uma lei fatal, o premio e o castigo. Pensamentos, actos, gestos, desejos, emoções, palavras, tudo tem reacção cosmica — immediata ou remota. O drama do negro, é um episodio, doloroso e tragico, como outro qualquer. A vida, poderia ser, bem melhor! Bastaria, um pouco mais de comprehensão e boa-vontade.

Vos dizeis que tendes «relegiões» e uma crença em Deus! Como o provaes? Subornando esse Deus? Pedindo coisas materiaes, defraudando, mentindo, roubando uns dos outros?

A Civilisação vem iluminando, vinte seculos de historia. Ainda ha selvagens, nos desertos e barrocaes...

Meu filho! Eu temo, o selvagem das avenidas iluminadas, os piratas da industria, o falsario dos salões!... O selvagem tem uma piroga, um arco, um machado de pedra... O metropolitano, o navio de guerra, o tanque, o canhão...

O selvagem, mata de frente; o civilizado de longe, do alto...

Não é isto, — o atomo em desintegração?

Querias, o que?

Que o Negro-Velho te mandasse rezar?...

Rezar é tão facil... Bem mais difficil — é pensar! Pensa, meu filho. Pensa com retidão e transmite o teu pensamento aos outros. Pensa, na virtude, no belo, na renuncia, «no sacrificio de ti mesmo», no bem!

Ahi esta Deus. Onde estiver Deus, estará o homem teu irmão.

O Negro que te fala, desejaria — que todas as almas fossem brancas, suaves, mansas, serenas como uma noite de luar!

Agora, nós, d'aqui de um plano diferente do vosso, estamos estendendo as mãos... E' o Cabôclo, é o Guia Espiritual, é o Preto-Velho, é o ORIXÁ... São — vozes — que procuram chegar ao entendimento e ao coração. Estamos, sempre com todos, pedindo, ajudando, servindo. Ninguem está só; não ha desamparados das leis espirituaes. Ha sempre um amigo, velando por vós.

Vivan Deus, meu filho. Preto-Velho, já vai.

Saravá pra Vossuncês.

— Gájulô, ORIXA, abá!

Salve.



Homenagem a Pai João

Trecho da Oração congratulatória

no 4º aniversário da

TENDA-IAMANJA

«PRETOS - VELHOS»

Julho de 1955

DEDICADO AO

Snr. Mario Bulgari e

Da. Adilis Bulgari

«PRETOS - VELHOS»

As vêzes, a nossa imaginação se perde no Tempo!...
O Tempo!...

Homem de agora, homem deste instante, metropolitano que habitas uma cidade de ruas iluminadas, com praças e jardins, palacios e monumentos, bibliotecas e muzeus...

Quão grande terá sido o caminho que percorreste.

Uma vêz, tu estavas em plena selva bravia, espian-do a féra, a cachoeira, a cascata ou o rio; a furna es-cura, o pedregal, a caverna que era o teu abrigo.

Não sabias rir, não sabias chorar; vias tudo e não vias nada: vêr, é compreender, e tu não compreendias...

O que era para ti, uma alvorada ou um pôr de sol?...

Apenas o dia e a noite, a luz iluminando o filho e a companheira e a tréva; o mêdo do desconhecido, que a claridade afastou .

Venta, chove, troveja; já viste um céu estrelado e o bramido do mar; a tua mão se estendeu para os fru-tos pendentes dos ramos; talvez viste uma flôr, e não longe, numa fronde, um passaro a cantar!...

Perto de ti ou longe de ti, um sêr rasteja, outro vòa. São diferenças!

Porque?

Quem sou eu?...

Onde?

Como?

Quando?

Em que tempo começou o «drama e o senario» que me cercam?!...

Ah! Não sei!...

Então, do teu cerebro opaco, da tua mente enevoadá, na brutêza primaria do teu entendimento, surgiu a — necessidade de indagar e de crêr.

Foi assim que surgiu a relegião.

Misterios, forças, leis; que o homem não compreendia. Em cada recanto, uma surpresa; à cada passo, o inesperado; em cada sombra, — uma divindade que não se vê; mas que está presente, sempre, em tudo: na arvore que estremece, no animal que se move, na flôr que desabrocha, no grão que germina; no frio que arrepia nossa carne, na areia quente que queima os nossos pés!...

Aqui, bem perto de nós, um sêr que morre; um sêr que vivia; caçou, comeu, viajou, dormiu na mesma cabana!... E, agora, não é mais!...

Chamamos e não responde!... Onde foi?

Porque!...

Aquela fronte de bruto, quiz ser indiferente e não pode!...

Sofreu, chorou, pensou; indagou!

Não!

Não póde ser!...

Perguntar a origem das causas é a função mais elevada do espirito humano. O verdadeiro crente é aquele que é capaz de ajoelhar ante todos os altares, vendo sempre Deus!

E' justo crer. E' mais justo pensar. No fundo d'alma de cada homem que pensa, lá está a amargura que conturbou Pilatos:

— O que é a verdade?

Prismas individuaes. Enquanto esperas, vê em cada homem um irmão. O nosso irmão, branco, pardo, negro, vermelho, amarelo; mediocre, sabio, inteligente, belo; aleijado, sujo, limpo, tôrvo, santo, criminoso, herói!...

Que importa, quando não és — um juiz?!...

Faze, que ele seja, cada vez, mais teu irmão.

Um dia, ele e tu, sereis julgados por um poder maior. Não cremos o que queremos; cremos, aquilo em que podemos crêr. Compreender cada alma, no aspecto que ela é capaz de manifestar, é mais nobre e mais util, do que a imposição de um dogma qualquer. Catedra, púlpito, escola, senaculo, pregam o entendimento entre os homens — e trazem uma corrente nas mãos!... Aos martires do pensamento, em todos os quadrantes continuam perguntando os Pilatos sociaes:

— O que é a Verdade?!...

O Orixá é mudo! O homem tem que procurar!... Quando o homem procura, o Orixá fala; a esfinge revela o seu misterio; o santuario abre as portas de par em par.

E' uma lei!

A pceira dos seculos, acumulada nos tumulos profanados, as cidades mortas, as muralhas derruidas, as colunas e as arcarias dos templos, as inscrições e medallas, as pedras e os sarcofagos, falam, como um livro aberto, convidando o homem a meditar. Pois foi assim que o negro começou. A luz dos seculos acumulou documentos historicos da marcha do pensamento.

Vem da pedra lascada ao arranha-céu; da roda sumeriana, ao avião á jacto; do tambor de guerra, á televisão; da predica do cacique, ao verbo de um Castelar; dum «trovador», á Victor Hugo... E' a caverna, a ta-

ba, o clan, a horda selvagem, argamassando com sangue e lagrimas — o caminho da Civilização!...

* * *

Nunca saberemos o que devemos — ao primeiro homem!

O troglodita, trazia «uma estrela na frente», luz de Deus, que o Tempo não apagou!

Lingua de negro, santo de negro, pensamento de negro!... O nosso orgulho se ressentiu, sintimo-nos diminuídos; mas, a origem primaria — das religiões do mundo, está lá.

E' anterior ao Egypto, à Babilonia, á India e á Grecia. E' simples, o negro é mais velho; tem os seus ancestraes na Lemuria e o — raio cosmico da triada — não muda; por isto, o negro teve sempre o poder de conservar e transmitir as suas tradições. O que lhe faltou, foi o conhecimento do seu proprio continente; uma lingua culta, por onde ele pudesse expressar a poesia sublime dos seus mitos e lendas. Elas têm, um motivo filosofico profundo, quasi inconcebivel, para um tipo humano, por assim dizer, desprovido da — capacidade de abstração, no sentido psicologico e sociologico, decorrença do biotipo somatico, no sentido antropologico... Mas, o negro, soube «achar», um OLORUM, uma causa sem causa; cogitação suprema de qualquer grande filosofo... Aqui, o negro, foi o predecessor de Platão!... OXALÁ, AGANJŪ, IEMENJÁ, uma trindade, reinando sobre o céu, a terra e o mar.

Xangô, é um Prometheu que roubou o fogo do céu e Orungam, um grande Déva que domina o ar. Na sombra negra das matas, olhando as flôres, meditando as

fórmulas dos vegetais, encontra-se DADÁ, quem protege as selvas e as colheitas.

O vento, é uma força fecundante, porque conduz o pólen; o negro sabia e o representou em AFEFÊ, que sempre convida IFÁ, para o ajudar, porque ela é quem preside a fecundação.

Não tenha medo desse urro de tigre na selva profunda: OXOSSI, está lá para cuidar.

Muito acima, no alto da montanha, junto a um pedregal, está OKE, olhando o regato, o lago, o rio, onde as Oxuns faceiras, de cabeleiras lindas, arteiras e aos grupos, brincam na água que lhes vai banhar.

Oxum-maré, contente, depois que choveu, está iluminando o céu com o seu arco multicolor, que é um símbolo de bonança e paz...

Olhe agora Ogum, altivo, esbelto, como ele estende o braço potente, esperando a hora de pelejar!

— Não ouve agora um canto mavioso, a emoção da alma branca de um poeta?...

E' ODÊ, o cantor; com o carcaz às costas, empunhando um arco, em busca da ave que vai caçar e ao invés do passaro, já «caçou»,

OTIN, a virgem mais bela de toda a selva, que já se perdeu de amor pela sedução da sua voz.

Lá e cá... O amor, é sempre igual! Sempre ha de haver um ADÔ, «o belo sensual», um Cupido olhando as sêaras, o pomar em flôr, os frutos maduros, os cordeirinhos, as abelhas, o mel, as borboletas em busca de nectar... E, este bramido que vem de longe? E' OLOKUM, o deus do mar. E' até possível que nesta mesma hora haja um falange de EXUS, no centro da Terra, revolvendo fôgos em ignição...

Está um dia tão claro... Quem dirá que não recebeu hoje a visita de IBEIJE, a dupla da intelligencia lhe convidando a meditar?

— Não é tão belo, um dia claro?...

Pois é o Céu!

De noite, está estrelado... De certo, é AIÁ-CÓ, a mãe da noite que vae beijar a fronte augusta de OXALÁ...

Mas, as vêzes, o mar em furia — rugue e o raio tonitrôa, como um clarão no céu; são as INHANSÁS, espaço em fóra, convidando as OBÁS, implorando os genios do AR, para apaziguar!

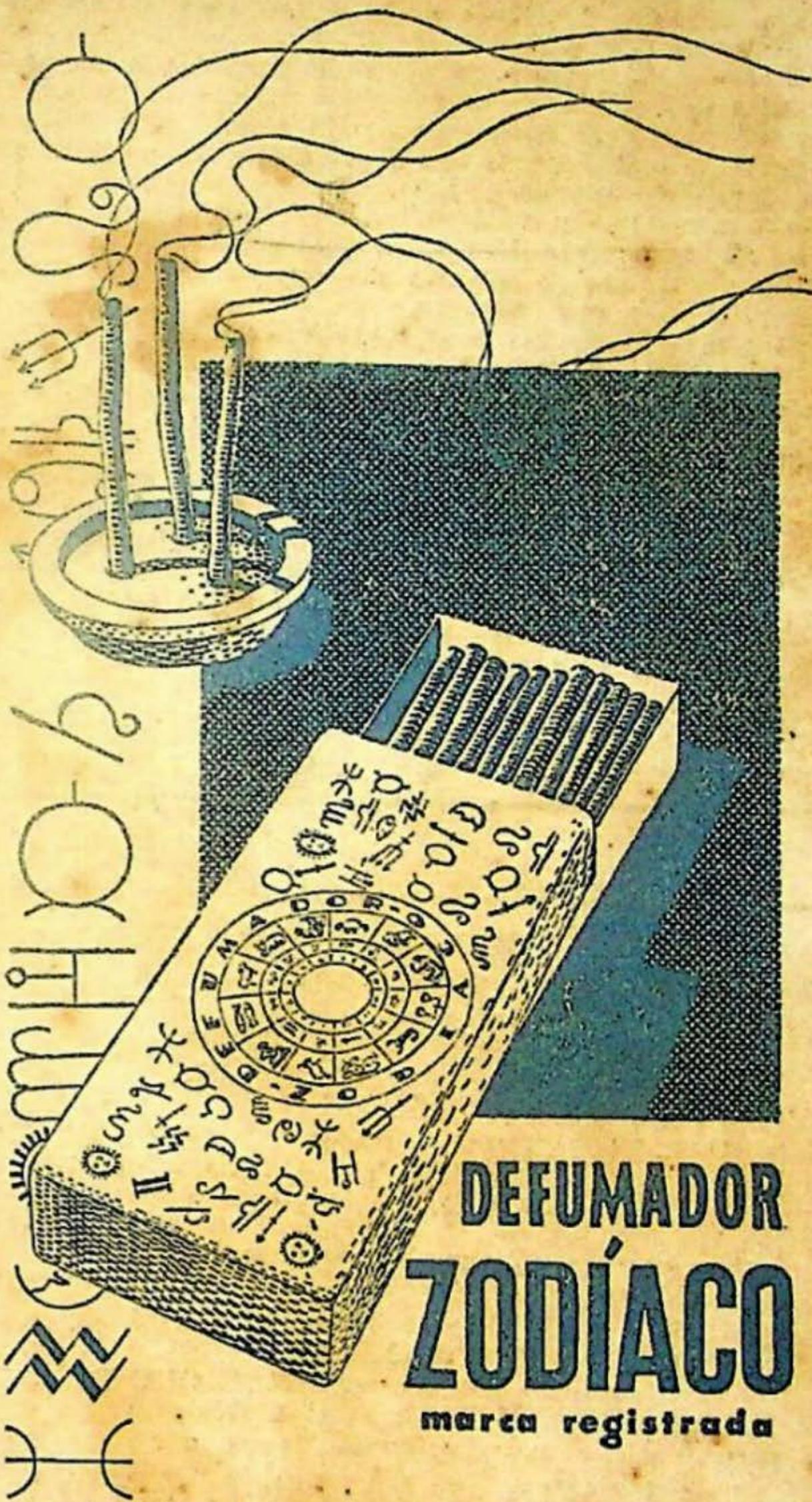
Mitos de negro!...

Convenhamos, amigos, o negro, creou mitos, cheios de poesia e de profundas verdades espirituaes; tão belos, como os mitos de qualquer povo culto.

Não houve um Dante, um Vergílio, um Homero negro, que sublimasse tanto valor; mas, esse valor, está no — espirito da raça; está nesse tambor de arrabalde, que, na calada da noite, no ermo das madrugadas frias, o homem civilizado ,ainda ouve: hepa-ei... gajulô... orixá... agô... abá!...

Agora, por uma extraordinaria predestinação, quando parece que o culto do negro, vae morrer, ele resurge — mais vivo — na Umbanda; na palavra amiga do Preto-Velho e na manifestação do Orixá; nas oferendas, nos pontos, nas guias, nos santos entronisados, em todo este ritual que praticamos e que, querendo ou sem o querer, não é, senão — uma sobrevivencia — multimi-lenar, que ha de sublimar a alma do branco, mas, que começou na senzala do negro!

E que vem vindo, triunfante, Brasil em fóra, confortando cada coração.



**DEFUMADOR
ZODÍACO**
marca registrada

As defumações que se queimam em nosso lar, em nosso escritório, em nosso negócio, devem ser preparadas de plena harmonia com o Signo Solar do nosso nascimento, sem o que não produzem os efeitos desejados.

Assim, ao irdes tratar de qualquer assunto importante, ou mesmo quando quereis renovar vosso ambiente, é necessário o emprêgo do **DEFUMADOR ZODIACO**.

Após a higiene corporal, um bom perfume, adequado ao vosso tema natal, é o complemento de vossa personalidade, dando-vos um poder magnético e pessoal bastante elevado, tornando vossa presença atraente. Todo aquêle que se preza, não dispença o bom perfume, quer seja êste ambiental (no caso do **DEFUMADOR ZODIACO**), quer seja corporal (no caso do **PERFUME TALISMAN**) — conforme adiante explicamos.